

P o l o n i c u s

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral **Ano II – 1/ 2011**

CURITIBA - PR

Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil

Ficha Catalográfica:

Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil -
- Ano 2, n. 3 (jan/jun. 2011) – Curitiba :
v. ; 23cm.

Semestral.

ISSN 2177 - 4730

1. Poloneses – Brasil – Periódicos.

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Henryk SIEWIERSKI
Prof. Ms. Mariano KAWKA
Pe. Dr. Zdzislaw MALCZEWSKI SChr
Prof. Ms. Piotr KILANOWSKI

Conselho Consultivo:

Prof^a. Dr^a. Aleksandra SLIWOWSKA BARTSCH – Universidade Candido
Mendes – Rio de Janeiro
Prof^a. Dr^a. Barbara HLIBOWICKA-WĘGLARZ – Universidade Maria Curie-
Skłodowska - UMCS - Lublin
Pe. Ms. Benedykt GRZYMKOWSKI SChr – Missão Católica Polonesa no Brasil
Prof^a. Dr^a. Cláudia R. KAWKA MARTINS – Colégio Militar - Curitiba
Pe. Prof. Dr. Edward WALEWANDER – Universidade Católica de Lublin
Prof. Dr. Franciszek ZIEJKA – Universidade Jagiellônica de Cracóvia
Prof. Dr. Jerzy MAZUREK - Universidade de Varsóvia
Sr. José Lucio GLOMB – Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil-PR
Prof. Dr. Marcelo PAIVA de SOUZA – Universidade Federal do Paraná
Prof. Dr. Marcin KULA – Universidade de Varsóvia, Academia de Leon
Kozminski em Varsóvia
Prof^a. Dr^a. Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS – Universidade Estadual
do Rio de Janeiro
Prof^a. Dr^a. Regina PRZYBYCIEN - Universidade Federal do Paraná
Prof. Dr. Tadeusz PALECZNY - Universidade Jagiellônica de Cracóvia
Sr. Tito ZEGLIN – Vereador da Câmara Municipal de Curitiba
Sr. Tomasz LYCHOWSKI – Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa – Rio
Prof. Dr. Waldemiro GREMSKI – Universidade Federal do Paraná, PUC-PR
Prof. Dr. Walter Carlos COSTA – Universidade Federal de Santa Catarina

Endereço da Redação:

Caixa Postal 4148; 82501 - 970 Curitiba – PR. Brasil
tel (41) 3528 3223 ou (41) 8862 1226
E-Mail: revista@polonicus.com.br
www.polonicus.com.br

ISSN – 2177 – 4730

Coordenação editorial

Zdzislaw Malczewski SChr

Resumo em polonês

Benedykt Grzymkowski SChr

Revisão do texto

Mariano Kawka

Editoração eletrônica

Zdzislaw Malczewski SChr

Tradução do polonês

Mariano Kawka

Projeto da capa

Dulce Osinski

Claudio Boczan

Impressão / Acabamento

Gráfica Boa Vista

Fone: 41 3257-6590

CEP: 82620-030

contato@graficaboavista.com.br

Os originais dos artigos, publicados ou não, não serão devolvidos.
Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

SUMÁRIO

EDITORIAL	9
<i>Wstęp</i>	12
CORRESPONDÊNCIA	15
<i>Korespondencja</i>	
POLÔNIA	
<i>Polska</i>	
Waldemar KLUZA POLÔNIA-BRASIL: 90 ANOS DE RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS	16
<i>Polska – Brazylia:</i> <i>90 lat relacji dyplomatycznych</i>	
Maria Barbara TOPOLSKA RELEMBRANDO A PROFESSORA MARIA TERESA PARADOWSKA, ESPECIALISTA EM HISTÓRIA DOS POLONESES NA AMÉRICA DO SUL E CENTRAL	36
<i>Wspominając profesor Marię Teresę Paradowską, znawcę historii Polaków</i> <i>w Ameryce Południowej i Centralnej</i>	
Edward WALEWANDER O PÓS-MODERNISMO E A PEDAGOGIA CATÓLICA	42
<i>Postmodernizm i katolicka pedagogika</i>	
ARTIGOS	
<i>Artykuły</i>	
BIOGRAFIA DE JOÃO PAULO II APRESENTADA NA BEATIFICAÇÃO	57
<i>Biografia Jana Pawła II przedstawiona podczas beatyfikacji</i>	
HOMILIA DO PAPA BENTO XVI	60
<i>Homilia papieża Benedykta XVI</i>	

JOÃO PAULO II ENTRE OS BEATOS: ALEGRIA NA POLÔNIA	65
<i>Jan Paweł II wśród błogostawionych: radość w Polsce</i>	
Pe. Edward WALEWANDER	
O SERVO DE DEUS JOÃO PAULO II TORNA-SE BEATO	70
<i>Sługa Boży Jan Paweł II błogostawionym</i>	
Zdzisław MALCZEWSKI SChr	
A COLÔNIA POLONESA GRATA	
PELA BEATIFICAÇÃO DE JOÃO PAULO II	74
<i>Wspólnota polonijna wdzięczna za beatyfikację Jana Pawła II</i>	
Jacek SUCH	
CELEBRAÇÃO DA SOLENIDADE	
DA BEATIFICAÇÃO DE JOÃO PAULO II	
EM SÃO PAULO	77
<i>Uroczysty obchód beatyfikacji Jana Pawła II w São Paulo</i>	
A MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI	
PARA O 97º DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO	78
<i>Orędzie papieża Benedykta XVI z okazji 97. Światowego Dnia Migranta i Uchodźcy</i>	
Aloisius Carlos LAUTH	
A FUNDAÇÃO DA COLÔNIA PRÍNCIPE DOM PEDRO	81
<i>Utworzenie kolonii księcia Piotra</i>	
Mariano KAWKA	
JOÃO ZACO PARANÁ – ESCULTOR POLONO-PARANAENSE	86
<i>Jan Żak - rzeźbiarz polsko-paranański</i>	
Renata SIUDA AMBROZIAK	
A COMUNIDADE POLÔNICA BRASILEIRA	
E A SUA VISÃO DA POLÔNIA E DO POLONISMO	91
<i>Brazylijska wspólnota polonijna i jej wizja Polski i polskości</i>	
Zdzisław MALCZEWSKI SChr	
A PASTORAL POLÔNICA NO BRASIL:	
HISTÓRIA E ATUALIDADE	105
<i>Duszpasterstwo polonijne w Brazylii: historia i terażniejszość</i>	

Bożena PAPIS e Renata SIUDA-AMBROZIAK A PROBLEMÁTICA BRASILEIRA EM DISSERTAÇÕES DE MESTRADO DE ESTUDANTES DO INSTITUTO DE ESTUDOS IBÉRICOS E IBERO-AMERICANOS E DO CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS (CESLA) DA UNIVERSIDADE DE VARSÓVIA (2000-2009)	122
<i>Problematyka brazylijska w dysertacjach magisterskich studentów Instytutu Studiów Iberyjskich i Ibero-amerykańskich oraz Centrum Studiów Latynoamerykańskich Uniwersytetu Warszawskiego (2000-2009)</i>	

POEMAS

Wiersze

Tomasz LYCHOWSKI POEMAS DE KAROL WOJTYŁA E TAMBÉM DO ENTÃO PAPA JOÃO PAULO II (COMENTÁRIOS E FRAGMENTOS)	134
<i>Poezja Karola Wojtyły jak również papieża Jana Pawła II (komentarze i wyjątki)</i>	

RESENHAS

Przegląd literacki

Maria Teresa TORIBIO BRITES LEMOS LYCHOWSKI, Tomasz. <i>Meu caminho para a lua.</i> Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, 2010, pp. 150.	145
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

CRÔNICAS

Wydarzenia

Sandro ZIMNY VITONSKI POLONO-BRASILEIROS REVELAM IMPRESSÕES DE SUA ALMA	149
<i>Brazylijczycy polskiego pochodzenia uzewnętrzniają odczucia swojej duszy</i>	
Nazareno D. ANGULSKI VIDA LONGA A SOCIEDADE POLÔNIA DE FLORIANÓPOLIS	153
<i>Długiego życia dla Towarzystwa Polônia w Florianópolis</i>	

Stanisław PAWLISZEWSKI A EXPOSIÇÃO “A POLÔNIA E O BRASIL MAIS PRÓXIMOS DO QUE PARECE”	157
<i>Wystawa “Polska i Brazylia bliżej niż się wydaje”</i>	
Altair MALACARNE ÁGUIA BRANCA (ES): A FÊNIX POLONESA	163
<i>Orzeł Biały (ES): Polski Fenix</i>	
Zdzisław MALCZEWSKI SChr O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE ANTÔNIO GABRIEL, UM PIONEIRO POLONÊS DA AVIAÇÃO (1911-2011)	167
<i>Stulecie urodzin Antoniego Gabriela, pioniera polskiego lotnictwa (1911-2011)</i>	
Maria M. Gabriel WOJNOWSKI EXPOSIÇÃO: 100 ANOS DE NASCIMENTO DE ANTÔNIO GABRIEL	169
<i>Wystawa: 100. rocznica urodzin Antoniego Gabriela</i>	
 <i>Efemérides</i> <i>Diariusz</i>	
ANO DE 2010 – 2011	174

EDITORIAL

Com expressões de respeito, amizade e saudação, entregamos a vocês, caros leitores, mais um número da revista da comunidade polônica no Brasil – *Polonicus*. Com certeza, ao familiarizar-se com os textos publicados em suas páginas, cada um de vocês encontrará para si alguma coisa que permitirá aproximar e conhecer melhor os vínculos que no decorrer de dezenas de anos existem e se desenvolvem em espírito de amizade e cooperação entre os nossos países: o Brasil e a Polônia. No presente número, dedicamos bastante espaço à rica realidade polônica no Brasil.

O primeiro texto que publicamos neste número da revista é uma carta de Dom Dimas Lara Barbosa, então secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por ele enviada ao redator da revista.

Na primeira seção, *Polônia*, publicamos três artigos que certamente introduzirão os prezados leitores no aprofundamento dos textos seguintes que poderão ser encontrados neste número da revista. O primeiro artigo, de autoria de Waldemar Kluza, é dedicado aos 90 anos das relações diplomáticas entre a Polônia e o Brasil. O texto seguinte, que nos foi enviado pela Dra. Maria Barbara Topolska, da Universidade de Zielona Góra, apresenta o rico perfil da cientista polonesa Maria Teresa Paradowska, falecida no dia 9 de janeiro de 2010. Com profunda dedicação, a Profa. Paradowska dedicou-se à pesquisa da história dos emigrados poloneses na América do Sul e Central. O terceiro texto, de autoria do Prof. Dr. Eduardo Walewander, da Universidade Católica João Paulo II de Lublin, apresenta-nos a realidade da época em que vivemos, definida como pós-modernismo. Nesse contexto temporal, o autor nos apresenta a pedagogia católica. Esperamos que o texto do Dr. Walewander permita ao leitor uma melhor compreensão da doutrina do papa João Paulo II, um dos maiores poloneses no decorrer da História. O pontificado de João Paulo II esteve profundamente enraizado na realidade dessa época. Consideramos esse texto como uma introdução à seção seguinte, *Artigos*.

Publicamos na seção *Artigos* textos relacionados com a beatificação de João Paulo II. Especificando, trata-se dos seguintes textos: biografia de João Paulo II apresentada durante a beatificação, homilia do papa Bento XVI, bem como dois artigos que abordam a alegria que despertou na Polônia a beatificação de Karol Wojtyła (o primeiro texto provém do portal da Rádio Vaticano, e o segundo é de autoria do Prof. Dr. Eduardo Walewander). Nessa seção incluímos também duas reportagens a respeito de como essa beatificação foi vivenciada pela comunidade polônica no Brasil (textos do reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil e de Jacek Such – consul-

geral da Polônia em São Paulo). Julgamos oportuno publicar os textos acima na nossa revista para que esse acontecimento que ocorreu em nossa época, importante não apenas na dimensão religiosa, permaneça também acessível aos pósteros. O papa João Paulo II exerceu uma profunda influência na comunidade polônica do Brasil. Indiretamente, influenciou igualmente para que surgisse uma outra visão desse grupo étnico no país, tanto da parte da sociedade brasileira como da sociedade polônica na visão de si mesma. Os textos seguintes que publicamos na seção *Artigos* são: uma mensagem do papa Bento XVI para o 97º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado (comemorado neste ano no dia 19 de junho pela Igreja católica no Brasil e, a seguir, os textos de Aloísio Carlos Lauth sobre a fundação da colônia de Dom Pedro; de Mariano Kawka apresentando a figura de João Zaco Paraná, famoso escultor polônico e professor universitário; de Renata Siuda-Ambroziak a respeito da comunidade polônica brasileira e da sua visão da Polônia e do polonismo; de Zdzislaw Malczewski SChr a respeito da pastoral polônica no Brasil; de Bozena Papis e Renata Siuda-Ambroziak a respeito da problemática brasileira em dissertações de mestrado na Universidade de Varsóvia.

A seção seguinte da revista, *Poemas*, é dedicada de maneira especial à poesia. No presente número publicamos apenas um texto, em razão da poesia de uma pessoa especial, que é o novo beato da Igreja, o papa João Paulo II. Tomasz Lychowski faz uma análise da poesia de Karol Wojtyła, bem como do papa João Paulo II. O autor desse texto comenta alguns trechos da poesia de Karol Wojtyła. O prezado leitor tem a oportunidade de familiarizar-se nessa seção com alguns trechos dos poemas de João Paulo II que foram especialmente selecionados pelo nosso fiel e antigo colaborador, Tomasz Lychowski.

Na seção que vem a seguir, *Resenhas*, publicamos um texto da Profa. Dra. Maria Teresa Toribio Brites Lemos, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), que analisa um livro de Tomasz Lychowski, publicado em versão portuguesa no Rio de Janeiro em 2010. Um pouco antes (também em 2010), esse autor lançou em Varsóvia a versão polonesa da sua obra intitulada *O meu caminho para a lua*. Aos nossos leitores interessados por essa obra (na versão polonesa ou portuguesa) pedimos que entrem em contato diretamente com o autor (lychowski@ig.com.br).

Crônicas é a última seção da nossa revista. No presente número publicamos algumas reportagens relacionadas com a nossa vida polônica no Brasil. Eis os autores e os seus textos: Sandro Zimny Vitonski escreve a respeito dos brasileiros de origem polonesa que exteriorizam os sentimentos da sua alma; Nazareno D. Angulski apresenta-nos a história da Sociedade Polônia em Florianópolis; Stanisław Pawliszewski fala sobre a expo-

sição polonesa “O Brasil e a Polônia – mais próximos do que parece”; Altair Malacarne aborda a história da colônia polonesa Águia Branca, situada no estado do Espírito Santo, chamando-a de Fênix polonesa; Zdzislaw Malczewski SChr apresenta a biografia de Antônio Gabriel, pioneiro da aviação polonesa, por ocasião do centenário do seu nascimento; Maria M. Gabriel Wojnowski descreve a solenidade da abertura da exposição dedicada a Antônio Gabriel.

O último item dessa seção são as *Efemérides*, contendo informações a respeito de eventos polônicos, inclusive ocorridos na Polônia, relacionados com a comunidade polônica brasileira (abrangendo o período de 24 de novembro de 2010 a 17 de junho de 2011).

Em nome da equipe redacional, desejo aos prezados leitores uma boa e enriquecedora leitura.

Zdzislaw Malczewski SChr – redator

WSTĘP

Z wyrazami szacunku, przyjaźni i pozdrowień składamy w Wasze ręce, Drodzy Czytelnicy kolejny numer czasopisma brazylijskiej społeczności polonijnej „Polonicus”. Z pewnością zapoznając się z publikowanymi na jego łamach tekstami, każdy z Was znajdzie coś dla siebie, co pomoże przybliżyć i poznać lepiej więzi, jakie na przestrzeni dziesiątek lat istnieją i się rozwijają w duchu przyjaźni i współpracy pomiędzy naszymi krajami: Brazylią i Polską. W obecnym numerze poświęcamy wiele miejsca bogatej rzeczywistości polonijnej w tym kraju.

Pierwszym tekstem, jaki zamieszczamy w tym numerze czasopisma jest list biskupa Dimasa Lara Barbosy - ówczesnego sekretarza generalnego Krajowej Konferencji Biskupów Brazylii, jakie nadesłał do redaktora czasopisma.

W pierwszym dziale „*Polska*” zamieściliśmy trzy artykuły, które z pewnością wprowadzą Drogich Czytelników w zgłębianie kolejnych tekstów, jakie publikujemy w tym numerze czasopisma. Pierwszy artykuł autorstwa Waldemara Kluzy poświęcony jest 90. letnim relacjom dyplomatycznym pomiędzy Polską, a Brazylią. Następny tekst otrzymaliśmy od prof. dr hab. Marii Barbary Topolskiej z Uniwersytetu Zielonogórskiego. Ukazuje bogatą sylwetkę polskiej uczoney Marii Teresy Paradowskiej, zmarłej 9 stycznia 2010 r. Prof. Maria Paradowska z wielkim oddaniem zajmowała się badaniem dziejów Polonii w Ameryce Południowej i Centralnej. Kolejny tekst autorstwa ks. prof. dr hab. Edwarda Walewandra z Uniwersytetu Katolickiego Jana Pawła II w Lublinie wprowadza nas w rzeczywistość epoki, w której żyjemy, a określanej postmodernizmem. Autor w tym kontekście czasowym przedstawia pedagogikę katolicką. Spodziewamy się, że tekst ks. prof. dr hab. E. Walewandra pozwoli Czytelnikowi lepiej zrozumieć nauczanie papieża Jana Pawła II, jednego z największych Polaków na przestrzeni dziejów. Pontyfikat Jana Pawła II był osadzony bardzo mocno w rzeczywistości owej epoki. Publikowany tekst traktujemy, jako wprowadzenie do kolejnego działu „*Artykuły*”. Zamieściliśmy w tym dziale teksty związane z beatyfikacją Jana Pawła II. Wyszczególniając są to: biografia Jana Pawła II przedstawiona podczas beatyfikacji, homilia papieża Benedykta XVI, a także dwa artykuły traktujące o radości w Polsce z powodu beatyfikacji Karola Wojtyły (pierwszy tekst pochodzi z portalu Radia Watykańskiego, a drugi jest pióra ks. prof. dr hab. Edwarda Walewandra). Do tego działu dołączyliśmy także dwa reportaże o przeżywaniu beatyfikacji przez wspólnotę polonijną w Brazylii (tekst rektora Polskiej Misji Katolickiej oraz Jacka Sucha - konsula generalnego RP w São Paulo). Uważaliśmy za stosowne zamieszczenie powyższych tekstów w naszym czasopiśmie, aby to ważne wydarzenie dokonujące się w naszej epoce, nie tylko w wymiarze religijnym, pozostało także dla potomnych. Papież Jan Paweł II wywarł

wielki wpływ na społeczność polonijną w Brazylii. Pośrednio wpłynął również na inne postrzeganie tej grupy etnicznej w tym kraju. Tak przez społeczeństwo brazylijskie, jak i przez społeczność polonijną na siebie samą. Kolejne teksty, jakie publikujemy w dziale „Artykuły”, to orędzie papieża Benedykta XVI na 97 Światowy Dzień Migranta i Uchodźcy (obchodzony w tym roku 19 czerwca przez Kościół katolicki w Brazylii), jak również teksty: Aloisiusa Carlosa Lautha o utworzeniu kolonii księcia Piotra, Mariana Kawki przybliżającego postać Jana Żaka, słynnego polonijnego rzeźbiarza i nauczyciela akademickiego, Renaty Siuda-Ambroziak o brazylijskiej wspólnocie polonijnej i jej wizji Polski i polskości, Zdzisława Malczewskiego TChr o duszpasterstwie polonijnym w Brazylii, Bożeny Papis i Renaty Siuda-Ambroziak o problematyce brazylijskiej w pracach magisterskich na Uniwersytecie Warszawskim.

Kolejny dział czasopisma „*Wiersze*” poświęcony jest szczególnie poezji. W obecnym numerze zamieszczamy tylko jeden tekst. Ze względu na poezję szczególnej osoby. Jest nią nowy błogosławiony Kościoła – papież Jan Paweł II. Tomasz Łychowski omawia poezję Karola Wojtyły, jak również papieża Jana Pawła II. Autor tego tekstu komentuje niektóre fragmenty poezji Karola Wojtyły. Drogi Czytelnik ma możliwość zapoznania się w tym dziale z niektórymi fragmentami wierszy Jana Pawła II, jakie specjalnie wybrał nasz wierny, wypróbowany od lat współpracownik Tomasz Łychowski.

W następnym dziale, jakim jest „*Przegląd literacki*”, zamieszczamy tekst pióra prof. dr Marii Teresy Toribio Brites Lemos z Uniwersytetu Stanowego w Rio de Janeiro (UERJ), która omawia wydaną - w Rio w 2010 r. - książkę Tomasza Łychowskiego w wersji portugalskiej. Trochę wcześniej (również w 2010 r.) Tomasz Łychowski promował w Warszawie polską wersję swojego dzieła zatytułowanego „Moja droga na księżyc”. Naszych Drogich Czytelników zainteresowanych tą książką (wersją polską lub portugalską) prosimy o skontaktowanie się bezpośrednio z samym Autorem (lychowski@ig.com.br).

„*Wydarzenia*” to, ostatni dział naszego czasopisma. W obecnym numerze publikujemy kilka reportaży związanych z naszym brazylijskim życiem polonijnym. Oto autorzy i ich teksty: Sandro Zimny Vitonski pisze o Brazylijczykach polskiego pochodzenia uzewnętrzniających odczucia swojej duszy; Nazareno D. Angulski przybliży historię Towarzystwa Polonia w Florianópolis – stolicy stanu Santa Catarina; Stanisław Pawliszewski pisze o polskiej wystawie „Polska i Brazylia bliżej niż się wydaje”; Altair Malacarne przybliży nam kolonię polską w Águia Branca (Orzeł Biały) położoną w stanie Espírito Santo nazywając ją polskim Fenixem; Zdzisław Malczewski SChr prezentuje biografię Antoniego Gabriela pioniera polskiego lotnictwa z okazji 100. rocznicy jego urodzin; Maria M. Gabriel Wojnowski opisuje uroczystość inauguracji wystawy poświęconej Antoniemu Gabrielowi. Ostatnim punktem tego działu jest diariusz zawierający informacje o wydarzeniach polonijnych, jak

również mających miejsce w Polsce, a związanych z brazylijską Polonią (okres od 24 listopada 2010 r. do 17 czerwca 2011 r.).

W imieniu zespołu redakcyjnego życzę Drogim Czytelnikom dobrej i ubogacającej lektury –

Zdzisław Malczewski SChr - redaktor

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

Brasília-DF, 26 de janeiro de 2011.
SG. nº 0068/11

Rev.mo
Pe. ZDZISLAW MALCZEWSKI, SChr
Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil
Rua Guilherme Ihlenfeldt, 1037
82620 – 035 CURITIBA - PR

Assunto: Agradecimento

Prezado Pe. Zdzislaw,

Foi com alegria que recebi a "POLONICUS – Revista de Reflexão Brasil-Polônia" (Ano I – 1/2010), que teve a gentileza de nos enviar.

Já desde os últimos decênios do século XIX, nosso Brasil vem recebendo a riqueza da cultura, da tradição, da fé e dos costumes dos irmãos e irmãs poloneses/as aqui acolhidos, uma multidão de mais de dois milhões de pessoas.

Essa riqueza, de fato, precisa ser divulgada para a contemporaneidade e registrada para a posteridade. É esse o nobre objetivo da publicação que, ora, vem à luz e que desejamos sobreviva aos tempos como testemunha da amizade e respeito que unem o Brasil à Polônia e a Polônia ao Brasil.

Expressando meu agradecimento, envio-lhe aos seus colaboradores votos de todo sucesso.

Fraternalmente,

Dom Dimas Lara Barbosa
Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro
Secretário Geral da CNBB

POLÔNIA-BRASIL: 90 ANOS DE RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS

Waldemar KLUZA*

Introdução

No decorrer dos 90 anos de relações diplomáticas com o Brasil, este país tem sido, tanto sob o aspecto político como econômico, o mais importante parceiro da Polônia na América Latina. Essas relações foram estabelecidas no dia 20 de maio de 1920 em nível de legações. O primeiro legado extraordinário e ministro plenipotenciário da II República foi o conde Ksawery Orłowski, que entregou as credenciais ao presidente do Brasil Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro; e o legado do Brasil, Rinaldo de Lima e Silva, que as entregou ao chefe do estado polonês Józef Piłsudski. Em seu discurso, o legado brasileiro enfatizou: “Quanto a mim, Senhor Presidente, estou orgulhoso por ter sido indicado como o primeiro representante do Brasil junto a uma nação que trouxe tão grande contribuição para a obra da civilização e que tanto admiro pela sua rica e valorosa história, pelo ardente amor de seus filhos para com a sua grande Pátria...”.

As notas de simpatia e admiração para com a Polônia e os poloneses no Brasil têm sido sempre vivas. O Imperador do Brasil D. Pedro I, durante uma visita a Paris, participando num teatro de um evento em honra dos emigrados poloneses do Levante de Novembro de 1830, exclamou: “Vive la Pologne!”, tendo despertado o entusiasmo dos espectadores e os protestos do embaixador da Rússia. O filho desse imperador, D. Pedro II, tornou-se sócio de uma associação patriótica polonesa no exílio que atuava em Rapperswil, na Suíça (Société Nationale Polonaise et des Amis de La Pologne).

Em 1907, durante a II Conferência Internacional da Paz em Haia, o eminente jurista e político brasileiro Rui Barbosa de Oliveira (autor da Constituição republicana após a queda do Império em 1889), como representante do seu país, pronunciou-se decididamente a favor da independência da Polônia. Hoje ele é o patrono de um Liceu de Educação Geral em Varsóvia. Há dez anos essa escola organiza na Polônia um Concurso de

* Waldemar Kluza, ex-cônsul-geral da Polônia no Rio de Janeiro, é vice-presidente da Sociedade Polono-Brasileira, que atua em Varsóvia.

Conhecimentos sobre o Brasil entre as escolas médias, com a participação da Embaixada do Brasil e da Sociedade Polono-Brasileira.

O Brasil foi o primeiro país na América Latina a reconhecer a Polônia independente e unificada, através de uma nota do ministro das relações exteriores Nilo Procópio Peçanha, já no dia 17 de agosto de 1918. Eloquentes eram as palavras contidas nessa nota: “Ao fazermos isso, não estamos agindo com o propósito da instituição convencional de mais um estado, surgido em consequência de tratados e das grandes guerras na Europa em razão dos meandros da política dos grandes, como ocorreu com a instituição do Reino da Holanda, ou com a independência da Sérvia, de Montenegro ou da Romênia, mas pronunciamos-nos pelo renascimento de uma nação oprimida, que jamais renunciou ao poder soberano, minando frequentemente o domínio estrangeiro com o sangue dos seus heróis” (texto extraído do Arquivo de Documentos Novos).

Assim, pois, na base do estabelecimento das relações bilaterais polono-brasileiras encontravam-se premissas fortes, sadias e racionais por um lado, e emocionais por outro, que têm moldado e fortalecido essas relações até o dia de hoje. Por isso não é de admirar que os brasileiros tenham ficado profundamente chocados com a nossa tragédia nacional de 10 de abril de 2010. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva proclamou um luto de três dias, e filas de moradores de Brasília, São Paulo ou Curitiba formavam-se pacientemente para assinar os livros de condolências, expostos nos nossos postos diplomáticos e consulares.

Por ocasião dos 500 anos do Brasil, o eminente pesquisador da América Latina prof. Marcin Kula, da Universidade de Varsóvia, apontou para duas premissas básicas que determinam o nosso interesse por esse grande país. Em primeiro lugar, em razão do seu grande potencial e, em segundo lugar, em razão dos numerosos descendentes dos imigrantes poloneses ali estabelecidos. Essas duas questões, bem como as relações e a cooperação dos nossos países, serão o objeto das considerações a seguir.

Brasil – líder regional ou global

O *Financial Times* de janeiro de 2010 escreveu: “O Brasil será a grande história do ano 2010 e dos anos seguintes”. O Brasil é uma das potências emergentes no grupo BRIC (Brasil, Rússia, Índia, China). Como preveem os economistas – em meados do presente século esse bloco será mais forte que o atual G7 – o que mudará a composição internacional de forças. “Esses países salvaram a economia mundial do colapso durante a atual crise” – disse o diretor-geral do Fundo Monetário Internacional, Do-

minique Strauss-Kahn, numa conferência do Fundo em Istambul no dia 4 de outubro de 1909.

O Brasil, com uma superfície de 8,5 milhões de quilômetros quadrados e uma população de cerca de 200 milhões (ocupando a esse respeito o quinto lugar no mundo), é a nona economia do globo, ocupa 50% do continente, é habitada pela metade da população da América Latina e produz 50% do PIB dessa região. É o maior país do hemisfério sul. Esse gigante econômico que sem dúvida desperta, desde 2003 passa continuamente por um período de prosperidade econômica (o seu crescimento do PIB no período 2010-2015 está previsto para 5-6%). Segundo muitos economistas, dentro de vinte anos o Brasil se tornará a quinta ou a sexta economia do mundo. Contribuirão para isso três elementos:

- A vitalidade de uma sociedade jovem (62% são pessoas de até 35 anos de idade);

- A descoberta de grande jazidas de riquezas naturais, sobretudo de petróleo na placa continental do Atlântico (região do Rio de Janeiro), que transformarão o Brasil numa potência petrolífera (cerca de 80 bilhões de barris, ocupando o 5-8 lugar entre os produtores). “Esse é um dom de Deus e um passaporte para o futuro” – disse o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

- A racional política interna do governo: as reformas socioeconômicas, que estão promovendo a diminuição das grandes diferenças, a mortalidade decrescente das crianças e a diminuição do analfabetismo. Igualmente a rigorosa política fiscal que restringe a dívida pública e a inflação, o fortalecimento da posição do Banco Central e a liquidez da moeda, ocasionando uma significativa entrada de capital externo. Na política exterior, é a inquestionável liderança do Mercosul. A criação da União das Nações Sul-Americanas (Unasul), como a resposta do Brasil a tentativas de integração, primeiramente sob a influência dos Estados Unidos e depois da Venezuela, comprova a posição do Brasil como uma potência regional.

Os anos 2003-2008 foram os melhores na história do Brasil – declarou recentemente à BBC o ministro da fazenda Guido Mantega. “Saímos da inflação e do déficit. Encurtamos o período de crise e estamos prontos para um novo ciclo de crescimento. No decorrer dos próximos cinco, seis, sete anos vamos crescer a uma taxa de 5 a 6 por cento anualmente. Dentro dos próximos 20-30 anos, o Brasil se tornará um dos mais importante países do mundo. O petróleo apenas vai apressar essa tendência. Temos reservas, uma boa agricultura e indústria, bons serviços e um desenvolvido mercado de capitais. O Brasil será uma das 5-6 maiores economias”.

Fala da mesma forma o ministro do desenvolvimento, Roberto Magalhães Unger. “A característica mais importante do Brasil é a sua vita-

lidade. O Brasil vive intensamente. Desenvolve-se uma nova classe média. Ela não é europeia, refinada; é antes parda, escura, mestiça. São milhões de pessoas que trabalham para fundar pequenas firmas, estudam à noite e criam uma cultura própria de autoajuda. A revolução de que o Brasil necessita consiste em o estado utilizar-se do seu poder e dos seus recursos a fim de ajudar à maioria a seguir os passos dessa nova vanguarda. De todos os países, o mais parecido com os Estados Unidos é o Brasil” – disse o ministro. “Tem dimensões semelhantes, é multiétnico, formado a partir da população europeia e dos escravos da África. Os Estados são o país das maiores desigualdades entre os países ricos; o Brasil – entre os países em desenvolvimento. Em ambos os países os cidadãos julgam que tudo é possível. Os americanos estão buscando agora um momento histórico decisivo, algo semelhante ao Plano Roosevelt. No Brasil estamos buscando um caminho de desenvolvimento que aumente as oportunidades econômicas e educacionais dos cidadãos e se torne o motor do desenvolvimento econômico” – diz Mangabeira Unger. Ele foi professor de Barack Obama na Universidade de Harvard, admira o modelo americano de cidadãos livres e o seu espírito do individualismo.

A visão do poder do país, apresentada pelos seus ministros, é anunciada com eficácia maior ainda pelo próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva, porque com o talento de um tribuno popular. Em oposição aos colegas presidentes do continente, que independentemente da sua orientação política tornam-se vítimas do vírus do poder, Lula da Silva não muda a Constituição e não promove mudanças na legislação visando a novos mandatos.

A equipe do presidente acredita que o seu chefe é o maior presidente na história do país, porque soube conciliar o crescimento econômico, a disciplina financeira e a justiça social. Após oito anos de exercício do poder, o presidente Lula goza de uma popularidade recorde, que chega a 82%; e 76% da sociedade considera o seu governo como bom e até ótimo. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva deve esse alto apoio à sensível melhora dos indicadores socioeconômicos, em decorrência de reformas e ações de ajuda no âmbito da política social em relação às camadas mais pobres do país.

Em abril de 2010 a revista TIME proclamou o presidente Lula como a personalidade mais influente entre representantes de muitas áreas em 2010, escrevendo a respeito dele que “é um verdadeiro filho da classe trabalhadora da América Latina”. Convém acrescentar que entre os altamente colocados nesse ranking encontram-se: Barack Obama – presidente dos Estados Unidos; J. T. Wang – presidente da firma Acer de Taiwan; Julio Hatoyama – primeiro-ministro do Japão; Dominique Strauss-Kahn –

diretor-geral do FMI. Apresentaram uma opinião igualmente positiva a respeito de Lula da Silva duas importantes publicações; o francês “Le Monde” e o espanhol “El País”. O “Le Monde” escolheu Lula a personalidade do ano 2009 “pela mudança da imagem da América Latina e pela transformação do Brasil numa potência”. Por sua vez “El País” honrou Lula com o título de personalidade do ano e com um artigo panegírico de autoria do presidente do primeiro-ministro da Espanha, José Luis Rodríguez Zapatero.

Essa espetacular animação na economia brasileira permite julgar que os políticos desse país têm uma ideia melhor a respeito de como governar a economia no início do século XXI do que em outros países da região. Pode-se chegar à conclusão de que um importante para-choque de segurança no caso de turbulências econômicas nesse país foi o sólido setor estatal. O Brasil é o único país na região em que o governo possui rendimentos de impostos à moda europeia (o equivalente a 36% do PIB em 2008).

Os políticos brasileiros têm aplicado de forma crítica a argumentação neoliberal de que o livre mercado será o melhor regulador da economia. Foram adotadas pelo governo regulamentações antimonopolistas e foi fortalecida a ajuda do governo para as firmas que desde o início adotam um modelo racional de atividade. Exercem um grande papel na ajuda governamental o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDS) e o Banco do Brasil, que opera muito bem na atividade hipotecária.

No foro internacional o Brasil rejeita “o excessivo comprometimento diante do Ocidente” e promove corajosamente os seus próprios interesses nacionais (negociações com a União Europeia, p. ex. na VI Conferência de Cúpula União Europeia-América Latina em Madri, nos dias 17-18 de maio de 2010), promovendo o ideal do multilateralismo nas relações entre os estados. Ações eficazes da diplomacia brasileira resultaram no direito de organizar o campeonato mundial de futebol em 2014 e os jogos olímpicos no Rio de Janeiro em 2016, decisões que já estão trazendo novos investimentos.

Como mencionado acima, o Brasil lidera duas organizações regionais: o Mercosul e o Unasul. O Mercosul (ou Mercado Comum da América do Sul) é a mais importante organização econômica regional, surgida por iniciativa do Brasil e da Argentina em 1991 e que congregava inicialmente, além dos mencionados países, também o Paraguai e o Uruguai. Essa organização confere ao Brasil grandes possibilidades de ampliar a sua esfera de influências no continente, pelo que é considerada, do ponto de vista dos interesses do país, como a mais vantajosa forma de integração econômica e

política. O intercâmbio comercial dentro dessa associação é muito vantajoso, visto que 90% das exportações brasileiras aos países do Mercosul é constituído por produtos industriais e manufaturados, ao passo que a exportação para outros mercados consta sobretudo de artigos agrícolas e matérias-primas. Além disso, o sócio do Mercosul Argentina é o terceiro maior parceiro comercial do Brasil.

O papel de liderança do Brasil na região torna-se ainda mais visível na União das Nações Sul-Americanas (Unasul), criada por iniciativa sua em 2004. Foi o presidente Fernando Henrique Cardoso que convocou em 2000 uma conferência de cúpula dos presidentes latino-americanos, na qual apresentou a iniciativa de criar uma nova organização continental. Luiz Inácio Lula da Silva esclareceu o objetivo dessa organização da seguinte forma: “Uma América do Sul unida mudará a composição internacional de forças”.

No que diz respeito às influências de Washington em todo o hemisfério ocidental, elas estão firmemente enraizadas. Com o final da guerra fria, os pretendentes locais a líderes começaram a reivindicar os seus direitos, e entre eles se encontra o Brasil, o melhor predestinado a esse título e o que mais intensamente o busca.

As relações na linha Brasília-Washington encontram-se numa situação muito boa, e não se pode falar de nenhuma luta aberta. Os Estados Unidos são o maior parceiro comercial e fonte de investimentos no Brasil. Apesar disso, foi principalmente em razão da postura inamistosa do Brasil que surgiu o projeto promovido pela Casa Branca de criar a Área de Livre Comércio das Américas (Alca) como uma entidade que sobreponha os interesses dos Estados Unidos às prioridades do restante dos países da região. O Brasil tem visto na Alca “uma concorrência ao Mercosul e aos seus planos de integração da América Latina”.

A postura do governo brasileiro tem sido partilhada por quase todos os países da região. Isso não é de admirar diante do fato de que nos últimos anos o comando de muitos deles tem sido assumido por governos esquerdistas, se não hostis aos Estados Unidos, pelo menos decepcionados com a sua política. Embora por enquanto a iniciativa americana da zona de livre comércio de ambos os continentes tenha perdido as forças, não se pode excluir o seu renascimento numa nova forma. Apesar dos seus numerosos defeitos, o projeto da Casa Branca encerra condições claras que oferecem vantagens sensíveis. Por trás da ideia brasileira do Unasul, além da vontade política, pouca coisa se esconde. Caso nada mude nessa questão, a vantagem brasileira de um a zero, nessa escaramuça por prestígio, pode mudar em seu desfavor.

Parece que na região não devem surgir maiores tensões relacionadas com a luta pela hegemonia. Em primeiro lugar, porque de certa forma já ocorreu uma divisão da zona de influências. Tendo conscientemente restringido o Unasul ao continente da América do Sul, o Brasil deu a entender que a região da América Central e das Antilhas (ou seja, das áreas onde mais intensamente era sentida a presença de Washington) fica “sob a proteção” dos Estados Unidos. Em segundo lugar, O Brasil não pode dar-se ao luxo de piorar as relações com o seu maior parceiro comercial. Em terceiro lugar, para Washington a mútua cooperação econômica é igualmente importante, principalmente em razão da descoberta de ricas jazidas de petróleo. Em quarto lugar, finalmente, para a Casa Branca é também muito importante o fato de que o Brasil, mesmo governado por uma esquerda moderada, constitui um contrapeso na região para o eixo radicalmente antiamericano Chaves-Castro-Morales.

O cenário mais provável parece então ser o seguinte: o Brasil vai se esforçar por concentrar o continente sul-americano sob a sua égide e na dimensão política e de prestígio pode contar com o sucesso e com o consentimento de Washington. No plano econômico, apesar das crescentes influências do Mercosul, e portanto também do Brasil, na região haverá o contínuo predomínio dos Estados Unidos. As dependências econômicas e políticas de ambos os países vão se aprofundar, o que implica mais o desenvolvimento da cooperação do que a rivalidade. Não resta dúvida, no entanto, de que Washington será forçada a realizar uma redefinição dos objetivos e dos princípios da sua política diante da região.

Atualmente o Brasil é quase autossuficiente no que diz respeito a recursos energéticos. Depois da Venezuela, é o segundo maior produtor de petróleo e de gás natural no continente. As recentes descobertas de novas jazidas dessas matérias-primas no seu litoral podem em breve colocá-lo na vanguarda mundial dos seus produtores. Os especialistas do governo calculam quantitativamente esses depósitos de petróleo até como os terceiros no mundo. Abstraindo-se das dificuldades relacionadas com a exploração dessas jazidas, é preciso levar em consideração que o seu verdadeiro volume só será conhecido após novas pesquisas. Apesar disso, a Petrobras, a companhia petroquímica nacional, já é a décima primeira maior firma no mercado energético mundial – e as novas jazidas certamente melhorarão a sua posição.

Além disso, o Brasil é o segundo maior produtor e o maior exportador de biocombustíveis. A sua produção, somada à dos Estados Unidos, constitui 70% de todos os biocombustíveis no mundo, sendo que a brasileira tem por base a cana-de-açúcar, pelo que é mais eficiente que a americana (baseada no cultivo do milho). Levando em consideração as enormes

áreas agrárias a ser exploradas, deve-se esperar o desenvolvimento dessa indústria no maior país da América Latina. O Brasil dispõe também de condições favoráveis para a utilização da hidroenergia e, além disso, possui os sextos maiores recursos de urânio do mundo. Embora atualmente sejam utilizados em pequena escala, reside neles um grande potencial.

A independência energética decide em grande medida as possibilidades dos sujeitos internacionais. Nessa área o Brasil leva uma ampla vantagem, não apenas sobre a Alemanha e o Japão, mas também sobre a Índia e a China.

Sintetizando, parece que a posição do Brasil como potência regional não apresenta dúvida em razão do potencial, da estabilidade e do rápido desenvolvimento da economia, bem como da liderança nas organizações regionais. Levando isso em conta, pode-se afirmar que os prognósticos se confirmam e que com razão o país tem sido incluído no grupo BRIC. Se os volumes dos recém-descobertos depósitos de petróleo e de gás natural forem confirmados, dentro de alguns anos o Brasil pode se tornar um dos maiores exportadores dessas matérias-primas. Isso apressará o seu processo econômico, o que, aliado a uma grande atividade no foro internacional, pode igualmente apressar o processo da edificação da sua posição de potência mundial.

A comunidade polônica – ou os brasileiros de origem polonesa

A colônia polonesa no Brasil é – depois da dos Estados Unidos – o nosso segundo maior grupo emigratório no mundo. Conta cerca de um milhão e meio de poloneses e brasileiros de origem polonesa.

Aceita-se que em 2009 comemoramos o seu 140º aniversário, visto que em 1869 um grupo de poloneses de Siołkowice, da região de Opole, desembarcou do navio “Vitória” em Itajaí (em Santa Catarina) e fixou residência em terras abandonadas por imigrantes irlandeses na região de Brusque (colônia Sixteen Lots). Essas terras não eram adequadas ao cultivo, e graças aos empenhos dos eminentes líderes emigratórios poloneses Edmundo Woś-Saporski e pe. Antônio Zieliński os nossos emigrantes (32 famílias, 164 pessoas) estabeleceram-se nos arredores de Curitiba.

Essa data pode ser aceita como o início da nossa emigração camponesa, colonizadora no Brasil. No entanto convém lembrar que antes disso vieram às terras brasileiras outros poloneses, entre os quais: Gaspar da Gama, de Poznań, um marinheiro que acompanhou Pedro Álvares Cabral, que descobriu o Brasil em 1500; em 1631 veio ao Brasil o primeiro religioso polonês, o jesuíta Adalberto Męciński; na primeira metade do século XVII o general Cristóvão Arciszewski esteve no Brasil como co-

mandante dos exércitos holandeses e lutou em defesa das colônias holandesas em Pernambuco e na Bahia contra os espanhóis e os portugueses; um pouco mais tarde, Maurício Beniowski, no caminho de Madagascar a Baltimore, permaneceu três meses no litoral brasileiro.

Na primeira metade do século XIX eminentes poloneses se estabeleceram no Brasil, um país que se havia libertado do domínio colonial. Eram sobretudo emigrantes políticos, que deixavam a Polônia em razão das crescentes perseguições das potências ocupantes após as guerras napoleônicas e o Levante de Novembro [de 1831]: os quatro irmãos legionários Dołęga-Czerwiński; o capital Gaspar Stępnowski; Roberto Trompowski – antepassado de futuros militares de alta patente no Brasil; André Przewodowski, cujos descendentes seriam cientistas, engenheiros, médicos e militares; Floriano Rozwadowski – pioneiro nas pesquisas topográficas da bacia do Amazonas (que voltou à Polônia e morreu no Levante de Janeiro de 1863); Edmundo Strzelecki – geógrafo; Pedro Czerniewicz – médico, fundador da Academia de Medicina no Rio de Janeiro.

Após o Levante de Janeiro (de 1863) vêm ao Brasil os nossos engenheiros, construtores de estradas de ferro e do porto fluvial em Manaus (Bronislaw Rymkiewicz, Alexandre Brodowski); João Sztolcman – geógrafo e explorador de minerais; os padres Sigismundo Chełmicki (autor de “No Brasil”), Antônio Zieliński (organizador das primeiras paróquias polonesas); o professor Jerônimo Durski, que chegou ao Paraná em 1863 e foi o pai das escolas polonesas na região.

Na primeira metade do século XIX estão documentados no Brasil cerca de 150 sobrenomes poloneses, na maioria de eminentes poloneses, que trouxeram a sua contribuição significativa, muitas vezes de caráter pioneiro, para o desenvolvimento científico, técnico e social do país.

Na segunda metade do século XIX ocorreu na Europa a chamada “febre brasileira”. Entre os imigrantes poloneses que vinham de terras polonesas, o grupo fundamental era constituído por colonos, camponeses. Foi um novo fenômeno na história dos contatos diretos dos poloneses com o Brasil: a maciça imigração camponesa.

O que se situava na base dessa imigração? Dois grupos de fatores – externos e internos em relação à população migratória. Os fatores externos eram a demanda do Brasil de mão de obra para o trabalho, motivada pela abolição da escravidão em 1888; a autonomia dos estados meridionais da Federação (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul) na colonização das áreas incultas, no âmbito do deslocamento da economia ao sistema capitalista da mão de obra livre, e o desenvolvimento da agricultura baseada nas pequenas propriedades, em substituição aos latifúndios aristocráticos. Uma outra questão significativa, percebida pelo governo federal, era a

necessidade do “branqueamento da raça” (entre os 18 milhões de habitantes, havia cerca de 10 milhões de índios e mestiços e 4 milhões de africanos e mulatos). Esses fatores provocavam a preferência por colonizar as áreas incultas com alemães, italianos, russos, poloneses.

Os fatores internos em relação aos camponeses da Polônia, potenciais imigrantes, para tomar uma decisão psicologicamente tão dramática eram, sobretudo, os condicionamentos econômicos: a situação agrária desfavorável aos camponeses (falta de terra), os altos impostos, o superpovoamento das aldeias, os baixos salários pagos pelo trabalho assalariado, os altos custos dos processos de herança ou simplesmente a falta de desenvolvimento.

A ação do governo brasileiro trouxe resultados. Calcula-se que em 1920 os três estados meridionais (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul) eram habitados por 115 a 200 mil poloneses (incluindo os já nascidos no Brasil, que eram considerados brasileiros).

Antes ainda da eclosão da I Guerra Mundial a imprensa brasileira e polonesa, ao descrever a situação econômica desses poloneses, mencionava numerosos exemplos de uso, pelos colonos, de ferramentas e máquinas então acessíveis, tais como arados, semeadores, ceifadeiras, colheitadeiras. O grau de desenvolvimento das colônias polonesas estava relacionado com as condições de consumo para as mercadorias produzidas. As colônias dos arredores de Curitiba eram consideradas como as mais ricas, justamente em razão das possibilidades de consumo no local.

Mas ao mesmo tempo, em comparação com outros grupos, principalmente italianos, alemães e japoneses, o sistema adotado pelos imigrantes poloneses se encontrava num nível inferior. Por isso, apesar da significativa participação dos pioneiros poloneses no programa da colonização do Brasil, o seu baixo status de partida – em comparação com outros grupos – projetava-se na sua posição no país.

Além dessas causas, a posição dos nossos emigrantes era também determinada por circunstâncias sociopolíticas. Sendo pouco numerosos, eram tratados desdenhosamente como “imigrantes sem bandeira”. Essa ausência de um estado (até 1918) e a ausência de representantes diplomático-consulares projetava-se de forma negativa no relacionamento com as autoridades em situações de conflitos. Muitas vezes a falta de conhecimento da língua portuguesa e de competências administrativas condenava uma grande parcela dos poloneses a viver no interior, e não na cidade. Isso determinava entre os nossos emigrados a falta de candidatos aos corpos representativos (estaduais) que pudessem opor-se aos estereótipos que desvalorizavam a contribuição dos nossos compatriotas para a civilização do Brasil e o seu desenvolvimento econômico, a qual foi muito significati-

va, como a avaliou o presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso durante a sua visita à Polônia em 2002.

Os anos 20 do século XX trazem uma melhora dessa imagem: foi comemorado solenemente o cinquentenário da colônia polonesa no Brasil, e em 1922 foi erguido em Curitiba o famoso monumento do “Semeador” polonês.

Até a recuperação da independência em 1918, a emigração ao Brasil tinha principalmente um caráter camponês, colonizador, estreitamente relacionada com a agricultura, em geral sem maiores tradições intelectuais. Apenas os indivíduos mais eminentes na segunda ou terceira geração transpunham o limiar do “urbanismo”, e intelectuais ilustres ou pessoas da cultura, tais como os professores universitários Simão Kossobudzki (cirurgião), Júlio Szymanski (oftalmologista) ou o poeta Paulo Leminski, constituíam um notável, mas bastante estreito grupo intelectual.

Os anos 20, o período da II Guerra Mundial e os primeiros anos após a guerra modificam a centenária estrutura da imigração polonesa no Brasil. Um grupo populacional de intelectuais e artesãos nos anos 20, imigrantes militares da época da II Guerra Mundial, e a imigração de proprietários de terras e comerciantes judeus, proveniente em grande escala de ambientes educados – criam um grupo polônico eminentemente urbano.

Nesse ambiente desempenham um importante papel grupos compostos de imigrantes nascidos na Polônia, apresentando uma concreta opção política, que com o tempo se tornarão fatores que promoverão a atividade de organizações polônicas e os ideais dos ambientes polônicos já ali formados (da segunda e terceira geração).

Entre os nomes conhecidos desse período imigratório que trouxeram uma significativa contribuição ao desenvolvimento da cultura e da ciência, é preciso mencionar os teatrólogos Zbigniew Ziembinski (criador do moderno teatro brasileiro), Jan Michalski e Teresa Rachel; os escultores Augusto Zamoyski, João Zak (Zaco); o artista plástico Franc Krajcberg; o pintor Bruno Lewandowski e o escritor Samuel Rawet (criador do moderno conto psicológico).

Analisando a problemática polônica, é preciso abordar – ao menos superficialmente – a questão da presença e do papel do clero polonês entre os nossos emigrados.

Além da atividade religiosa básica, os padres fortaleciam o sentimento da identificação nacional e – principalmente no interior – exerciam funções educativas e integradoras. A igreja, a paróquia e o padre constituíam entre os emigrantes dispersos em grandes espaços um elemento unificador que os congregava numa coletividade.

O cardeal Augusto Hlond, primaz da Polônia, instituiu em 1932 a Sociedade de Cristo. Os padres pertencentes a essa congregação religiosa imprimiram na paisagem polônica do Brasil o seu significativo vestígio, não apenas religioso, mas também cultural; eles têm apoiado o surgimento e o desenvolvimento de organizações sociais como a Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa (Braspol), principalmente através do trabalho orgânico no interior.

A tradição das organizações polônicas nesse país é significativa, em razão do fato de que a emigração maciça ao Brasil possui uma tão longa história.

A primeira organização polonesa, denominada "Polônia", surgiu em 1889 em Rio Vermelho, no estado de Santa Catarina. Posteriormente surgiram outras em Curitiba e no Rio de Janeiro, em Florianópolis, Porto Alegre e outras localidades menores nos estados meridionais do Brasil, onde se estabeleceram cerca de 70% dos nossos emigrados.

Atualmente a organização mais atuante é a mencionada Braspol, surgida em 1990 em Curitiba num encontro de 30 organizações polônicas.

Foi estabelecido que das tarefas fundamentais desse movimento mais que organização fazem parte: a representação da etnia polonesa no Brasil, do seu espírito e da sua identidade; a preservação da memória da contribuição histórica dos imigrantes poloneses e dos seus descendentes para o desenvolvimento da cultura da nação brasileira; a manutenção de contatos com instituições polonesas, tanto na Polônia como no mundo, e sobretudo a integração das organizações, sociedades e instituições polônicas já existentes com base no trabalho voluntário. Além disso, a Braspol atua através dos seus próprios núcleos no interior (cerca de 350 em 16 dos 27 estados brasileiros), encontrando uma viva repercussão nas localidades onde vivem os descendentes dos imigrantes poloneses. Estimula ou resuscita tradições e costumes poloneses. O sucesso da Braspol se deve também à boa vontade das autoridades (centrais e estaduais), que apoiam os processos de revitalização dos valores étnicos da nação brasileira.

Com a eclosão da II Guerra Mundial encerrou-se a imigração polonesa maciça ao Brasil, mas, apesar do término desse processo, a colônia polonesa no Brasil é constituída, em 90%, pela imigração camponesa e pelos seus descendentes. Os componentes dessa colônia foram testemunhas do "milagre" que valorizou a autoridade do polonês no Brasil, quando em 1980 João Paulo II, nos estádios e nas praças das cidades brasileiras, lembrava que fazia parte das origens dessa colônia.

Esse momento deu início a um novo olhar para a etnia polonesa e forneceu estímulo para a ação de poloneses e brasileiros de descendência

polonesa, para a manifestação dos seus valores culturais e da tradição polonesa.

Das autoridades e das organizações polonesas depende atualmente se essas iniciativas da comunidade polônica brasileira serão suficientemente fortalecidas, para que na sociedade brasileira etnicamente diferenciada (os brasileiros brincam: “somos uma nação de cem etnias”) e a posição da nossa coletividade étnica corresponda às suas aspirações e expectativas. Para que a atual geração dos nossos imigrantes seja capaz de valorizar a contribuição dos seus antepassados e a sua herança cultural de forma que permaneçam gravados tanto nos descendentes dos imigrantes como nos cidadãos do Brasil e da Polônia.

As relações bilaterais polono-brasileiras: um esboço histórico

Desde o início, isto é, desde 1920 as relações entre os dois países têm sido assinaladas pelo respeito mútuo e por uma profunda simpatia e amizade. No período do entreguerras esse clima encontrava expressão na correspondência entre os presidentes dos dois países, nos acordos assinados, na cooperação dos seus representantes no foro da Liga das Nações.

As relações políticas têm sido confirmadas pela assinatura de acordos entre os países e pela outorga de distinções aos presidentes do Brasil em razão do seu relacionamento positivo com a Polônia. O chefe de estado marechal Józef Piłsudski condecorou em 1922 o presidente dos Estados Unidos do Brasil Epitácio da Silva Pessoa com a Ordem da Águia Branca; e o presidente Getúlio Dornelles Vargas recebeu em 1935 a maior condecoração da Polônia, a Grã-Cruz da Ordem da Águia Branca.

Além disso, ocorreram visitas parlamentares (p. ex. em 1934 a visita do presidente do Senado da Polônia, Władysław Raczkiewicz, no Rio de Janeiro).

Em 1929 surge em Varsóvia a Sociedade Polono-Brasileira (que existe até o momento presente), cujo primeiro presidente foi o reemigrado do Brasil e presidente do senado da Polônia, o prof. Juliusz Szymanski, Um equivalente dessa sociedade surgiu no Rio de Janeiro com o nome de Sociedade Brasileiro-Polonesa “Kosciuszko”, que publicava a revista “Brasil-Polônia”, divulgando o nosso país. Os postos diplomático-consulares poloneses têm desenvolvido uma viva atividade, tanto nas relações com as instituições estatais como na popularização do nosso país na sociedade brasileira, fornecendo ajuda legal e cultural aos emigrados poloneses. Tivemos nesse período eminentes diplomatas no cargo de legados (embaixadores), tais como o conde Ksawery Orłowski, o conde Czesław Pruszyński, Tadeusz Gieburowski e Tadeusz Skowroński (até 1945).

Durante a II Guerra Mundial o Brasil enviou à Europa a Força Expedicionária Brasileira (FEB), composta de 25 mil soldados, entre os quais muitos de origem polonesa, o qual, lutando ao lado do V Exército Americano, cobriu-se de heroísmo, p. ex. em Monte Bello, na Itália. No Brasil surgiu o Comitê de Ajuda às Vítimas da Guerra na Polônia, que fornecia ajuda sobretudo aos emigrados poloneses que vinham ao Brasil, bem como a poloneses que iam à França, à Hungria ou a outros países europeus. Em 1942 esse Comitê organizou uma eficiente campanha em prol dos poloneses deportados ao interior da URSS. Demonstrou grande atividade nessas questões a nossa representação no Rio de Janeiro, subordinada ao governo polonês no exílio.

No dia 12 de setembro de 1945 o Brasil reconheceu oficialmente o Governo Provisório da Unidade Nacional, retirando ao mesmo tempo o apoio ao governo polonês no exílio, que atuava em Londres.

Infelizmente, até meados dos anos 50 não houve nenhum tipo de contatos políticos nas relações bilaterais, assinaladas naquele período pela desconfiança mútua, o que pode ser exemplificado pela citação de uma nota verbal da Embaixada do Brasil de dezembro de 1949 ao Ministério das Relações Exteriores da Polônia, não encontrada na correspondência diplomática: “Desejando manter relações, se não cordiais, ao menos corretas”. Esse estado de coisas foi influenciado por fatores ideológicos (“guerra fria”) e pelo concreto engajamento da diplomacia e dos cônsules poloneses na representação dos interesses da URSS (após o rompimento das relações diplomáticas com aquele país, pelo Brasil). Essa embaraçosa obrigação era percebida pelas autoridades brasileiras como tentativas de ação prejudicial ao regime político do Brasil. Isso dizia respeito, por exemplo, à proteção consular fornecida a cidadãos soviéticos (considerados pelas autoridades locais como “indivíduos indesejáveis”), bem como ao apoio aos partidos comunistas, que se tornaram ilegais em 1947. Como medida de desforço, foi temporariamente (“pour le moment”) fechado o Consulado-Geral da Polônia em Curitiba.

Essas relações começaram a ter uma melhoria em 1956, quando se realizaram quatro visitas ministeriais ao Brasil (Adam Rapacki, Witold Trąpmczyński, Józef Czyrek e Jerzy Olszewski). Em 1962 fez uma visita oficial à Polônia o ministro brasileiro das relações exteriores Francisco Clementino de San Tiago Dantas. A partir de 1960 têm sido estabelecidos contatos interparlamentares e têm sido realizadas consultas em nível de vice-ministros das relações exteriores e do comércio exterior. Em 1961 foram assinados acordos de cooperação técnica e científica e de intercâmbio cultural, técnico e científico. Anteriormente, no mesmo ano de 1961, foram

elevadas ao nível de embaixadas as representações diplomáticas em ambos os países.

No entanto, foi somente nos anos noventa que ocorreu um momento crucial nas relações mútuas, provocado pelas mudanças políticas e sociais na Polônia. As mudanças institucionais na Polônia, que tiveram a sua fonte na luta do “Solidariedade” com o regime e a figura simbólica do líder sindical Lech Wałęsa encontraram uma ampla repercussão na sociedade brasileira, apoiado pelas autoridades do país. Ocorreram ativos contatos parlamentares, as visitas do ministro Krzysztof Skubiszewski (acordo de cooperação cultural), em 1993 as visitas do ministro Andrzej Arendarski (acordo comercial), quando foi também assinado um acordo para a redução e reestruturação da dívida polonesa. Os empenhos poloneses concentram-se na total substituição dos ultrapassados acordos assinados nos anos 60 e 70 (monopólio estatal, centralização da administração) por novos acordos que garantam bases sólidas para o desenvolvimento das relações bilaterais.

As visitas oficiais dos presidentes da Polônia ao Brasil – de Lech Wałęsa em 1995 e de Aleksander Kwaśniewski em 2002 e a revisita do presidente Fernando Henrique Cardoso à Polônia têm sido uma prova de que, após o difícil período de adaptação à nova realidade na situação interna e internacional, iniciou-se uma etapa normal na cooperação polono-brasileira.

No meu entender, é digno de nota que a situação na área da cooperação comercial seja um pouco diferente das relações políticas. As primeiras bases para o seu desenvolvimento ocorreram no período dos vinte anos do entreguerras pela assinatura do Provisório Comercial Brasil-Polônia em 1932, pela instituição da Câmara de Comércio Brasil-Polônia e da representação da Companhia de Navegação Gdynia-América do Sul em 1936, que deu origem a circulação permanente de navios entre o Brasil e a Polônia. Em consequência dessas medidas, ocorreu a exportação do Brasil para a Polônia de grandes volumes de café e, da Polônia para o Brasil, de produtos como cimento, carvão, trilhos e outros artigos numericamente menores. Esse desenvolvimento dos contatos foi interrompido pela eclosão da II Guerra Mundial, mas já a partir dos anos 50, com base nos acordos comerciais assinados, as relações comerciais polono-brasileiras têm apresentado um contínuo crescimento, tendo atingido em 1981 mais de 700 milhões de dólares. Isso se tornou possível graças à introdução do sistema de clearing nas contas financeira, que atendia à filosofia da política comercial de ambos os países, isto é, sem o engajamento de recursos em moeda forte, que ambas as partes não possuíam em grande volume. Apesar de diversos transtornos no período posterior (das famosas “polonetas”), até

1990 a cooperação tem sido relativamente estável, e na exportação ao Brasil predominava: carvão, enxofre, navios, produtos químicos (adubos, cautchu sintético), leite em pó, eletrodos, produtos industrializados de frutas, etc.; e, na parte da importação: minério de ferro, complexos de soja, magnetita.

Infelizmente, o crédito fácil da parte do Brasil e a excessiva importação desse país acarretaram um endividamento que superava as possibilidades de pagamento da Polônia. Somente a conjuntura internacional favorável à Polônia, após 1990, ofereceu a possibilidade de assinar, em 1992, um acordo financeiro com o Brasil, com uma redução de 50% da dívida e um reescalonamento da dívida polonesa, que em 1992 chegava a 3,7 bilhões de dólares e foi paga definitivamente em 2001.

Em 1993 foi assinado um novo acordo comercial, levando em conta o fato de que ambos os países haviam ingressado numa etapa de aceleradas mudanças sistêmicas, que na Polônia se relacionavam com a queda do regime comunista e a edificação da economia baseada nas regras de jogo do mercado e, no Brasil, com o abandono da política do desenvolvimento baseada na substituição das importações.

Em razão do ingresso da Polônia na União Europeia (em 2004), obrigam-nos as regras de procedimento resultantes do acordo sobre a parceria estratégica EU-Brasil (Lisboa 2007), bem como o Plano de Ação adotado em dezembro de 2008 na conferência de cúpula EU-Brasil no Rio de Janeiro.

Em 2008 o intercâmbio comercial com o Brasil (direto e indireto) atingiu o seu apogeu, de cerca de 1,2 bilhões de dólares (com um saldo negativo de quase 400 milhões), mas já em 2009 houve uma queda de 40% nesse intercâmbio, sendo de 60% nas exportações. Parece que essas oscilações não estabilizadas no intercâmbio comercial não resultam propriamente da adoção dos instrumentos pactuados pela União Europeia, mas da falta de impulsos estimulantes da parte do nosso país. Desde 2003 não tem havido visitas oficiais dos ministros das relações exteriores e da economia de ambos os países, sem falar de chefes de governo ou do estado. O Brasil quer comerciar conosco, o que se comprova pela instalação, em 2009, de um escritório da agência governamental Apex-Brasil em Varsóvia (sucessivamente a Miami e Beijing), que deve ajudar às firmas brasileiras no estabelecimento de contatos comerciais e no aumento das exportações à Polônia. O potencial do Brasil, descrito na primeira parte do artigo, deve ser levado em conta nos nossos planos estratégicos de cooperação com esse país. Não podemos deixar de perceber as possibilidades de negócios que se apresentam em áreas como a petroquímica, a energia (inclusive

renovável), a economia marítima, a ecologia – que constituem potenciais áreas de cooperação econômica e intercâmbio comercial.

Para encerrar estas reflexões, não podemos deixar de mencionar nas relações polono-brasileiras o significado **da cultura e da ciência** na aproximação das sociedades e dos países. Convém apresentar sucintamente – porque não podemos fazê-lo de forma exaustiva – certos ideais e certas personalidades, a começar pelo almirante Cristóvão Arciszewski, que não apenas comandou o corpo expedicionário holandês, mas realizou interessantes observações sobre os índios tapuias e fez anotações que foram registradas nos trabalhos dos cientistas holandeses Gerard Voss e Johanes de Laet.

Um nítido vestígio do interesse intelectual e cultural pelo Brasil foi o esclarecimento à opinião pública na Polônia do fenômeno da “febre brasileira”, presente na literatura desde o poema “O Senhor Balcer no Brasil”, da poetisa Maria Konopnicka, até as obras de A. Dygasiński, J. Siemiradzki e as reflexões sociológicas de L. Krzywicky e politológicas de R. Dmowski.

O período do entreguerras demonstrou um crescimento no interesse pelos problemas da emigração, mas também com o próprio Brasil, em razão das potenciais possibilidades de variada cooperação. Eram publicadas reportagens de autoria de pessoas conhecidas. Por exemplo, o escritor A. Słonimski publicava na revista “Wiadomości Literackie” (Notícias Literárias) as suas correspondências desse país; A. Fiedler realizava viagens ao Paraná. Foram iniciadas no Brasil as pesquisas científicas de: C. Bieżanko (agrônomo), A. Zarychta (geógrafo), O. Bujwid (bacteriologista), T. Chrostowski (biólogo), J. Siemiradzki (geólogo). O interesse intelectual da Polônia pelo Brasil expressava-se pela publicação de dezenas de dissertações, reportagens e notícias.

O período da II Guerra Mundial, durante a qual o Brasil se apresenta aos poloneses como um porto seguro, deu margem ao lançamento de uma ponte, entre ambos os países e ambas as sociedades, da parte de muitos dos nossos intelectuais, escritores, teatrólogos ou cientistas que ali se refugiaram. Vale a penas lembrar os seus nomes: os poetas Julian Tuwim e Kazimierz Wierzyński; o romancista Michał Choromański; os atores Irena Eichler e o mencionado Zbigniew Ziemiński.

Após a II Guerra Mundial, em 1960 foi assinado um tratado de cooperação cultural e científica, que não chegou a ter uma realização concreta e foi atualizado nos anos 90.

É verdade que acontecimentos significativos nas relações culturais entre os nossos países fazem parte de raridades, pois ambas as partes se ressentem da falta de recursos para a realização de tais empreendimentos, dispendiosos em razão da distância geográfica que separa os dois países.

Apesar disso, há certas realizações, p. ex. na literatura. Foi traduzido para o polonês o escritor brasileiro Jorge Amado, muito em moda no país na época da Polônia Popular, mas também clássicos brasileiros como Machado de Assis, João Guimarães Rosa e Aluísio de Azevedo. Ultimamente tem granjeado um grande sucesso o autor de best-sellers mundiais Paulo Coelho.

Entre as elites brasileiras existe um grande interesse pela música polonesa, não apenas do popular Chopin, mas de conjuntos de câmara (Quarteto de Wilanów, Orquestra de Câmara da Filarmônica Nacional). Foram acontecimentos históricos os concertos de Krzysztof Penderecki. Na Polônia, apresentou-se o conhecido laureado do segundo prêmio no Concurso Internacional de Piano Frederico Chopin em Varsóvia, em 1965, o brasileiro Arthur Moreira-Lima. Nos concertos do Outono de Varsóvia são executadas obras de Marlos Nobre e Heitor Villa-Lobos.

Na Bienal Internacional de São Paulo, artistas poloneses têm conseguido importantes prêmios, representando diversas formas de criatividade plástica: Tadeusz Kulisiewicz, Tadeusz Kantor, Magdalena Abakanowicz, Józef Szajna, Franciszek Starowieyski.

Na área do cinema, estão presentes sobretudo Krzysztof Kieślowski, Krzysztof Zanussi e, ultimamente, o filme “Katyń” de Andrzej Wajda.

A lista dos escritores poloneses publicados no Brasil é muito modesta. Além dos ganhadores do Prêmio Nobel e de dois escritores anglófonos (Joseph Conrad e Jerzy Kosinski, podem ser enumerados alguns nomes; Stanisław Lem, Michał Choromański, Arkady Fiedler, Janusz Korczak, Zofia Kossak.

Nesse contexto, merece um reconhecimento especial a primeira antologia da literatura polonesa, de autoria de Henryk Siewierski, “História da literatura polonesa”, Brasília, 2000.

Depois de 1990 tem ocorrido uma significativa animação das pesquisas e dos estudos latino-americanos nas universidades polonesas, sobretudo na de Varsóvia e na Jaguelliônica de Cracóvia. São assinados acordos de cooperação, são encaminhados projetos de pesquisa, ocorre o intercâmbio de professores visitantes e são publicados livros escritos por brasileiros.

Programas de pesquisa relacionados com a problemática brasileira são realizados em cooperação com universidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Salvador e Brasília.

Por sua vez no Brasil, desde 1995 na Universidade de São Paulo funciona a cátedra polonesa Nicolau Copérnico, e ultimamente foi instituído um curso de licenciatura em língua e literatura polonesa na Universidade Federal do Paraná.

A cooperação científica entre a Polônia e o Brasil, estimulada pela inquietação cognitiva bilateral, não se restringe unicamente às possibilidades fornecidas pelos acordos de caráter formal. Nas últimas décadas, multiplicam-se os exemplos de cooperação em diversas formas e em diversas áreas da ciência, bem como uma participação maior dos pesquisadores de ambos os países.

Gostaria de concluir o presente texto com uma citação do prof. Andrzej Dembicz, da Universidade de Varsóvia, incansável organizador e promotor da cooperação acadêmica da Polônia com o Brasil, prematuramente falecido em 2009: “Em consequência disso, a partir dos anos 90 inicia-se uma nova etapa, que é aproveitada pelos estudos latino-americanos e brasileiros na Polônia, com a consciência do enorme papel da experiência prévia”.

Conclusões

1. O 90º aniversário do estabelecimento das relações diplomáticas com o Brasil força uma reflexão a respeito da necessidade de se fazer uma avaliação dos lucros e perdas nas relações com o Brasil como potência emergente, não apenas em escala regional, mas também em escala global.

2. O ano de 2010 foi também um ano de eleições em ambos os países, cujos resultados devem impulsionar as visitas políticas e econômicas em alto nível para o estabelecimento de instrumentos que conduzam a tratados e promoções, estimulando as relações bilaterais (sobretudo na economia e na cultura).

3. É preciso promover uma mudança radical na política econômica e na percepção do Brasil, não apenas como um país exótico, mas como uma importante mercado, com possibilidades de cooperação comercial e tecnológico-industrial em seus segmentos estratégicos: petroquímica (jazidas de petróleo e gás), energia (renovável), economia marítima (portos e navios), ecologia (proteção de florestas e savanas).

4. Os 1,5 milhão de membros da colônia polonesa (poloneses e brasileiros de raízes polonesas) esperam um fortalecimento (não necessariamente financeiro) da sua posição e do seu prestígio dentro da multiétnica sociedade brasileira; e eminentes representantes seus na política, nas finanças, na indústria e na mídia podem fornecer uma eficiente ajuda na realização dessa nova política.

RESUMO – STRESZCZENIE

90 lat istnienia stosunków dyplomatycznych między Brazylią i Polską skłania autora tekstu do analizy historycznej obustronnych relacji w tworzeniu wzajemnych układów współpracy i wymiany. Po rozbiorach i odzyskiwaniu niepodległości w 1918 r., głos przedstawicieli Brazylii w organizacjach międzynarodowych, daje całkowite poparcie sprawie polskiej. Wyrazy sympatii stają u podstaw obustronnych układów między Brazylią i Polską. Dwa elementy w historii obu państw mają wpływ na harmonijny rozwój stosunków. Brazylia rozwija się w szybkim tempie i staje się w świecie liczącym się partnerem we wszystkich dziedzinach. Nieustanny wzrost gospodarczy, ekonomiczny, naukowy i społeczny, stwarza z tego kraju współtwórcę światowego postępu. Polska docenia to doskonale i pragnie poszerzać kontakty handlowe. Dla przykładu: Polska kupuje samoloty „Embraer” produkowane przez Brazylię. Drugim elementem to obecność na brazylijskiej ziemi przeszło milionowej obecności polskich emigrantów, którzy od 140 lat żyją na te ziemi, dają swojej nowej ojczyźnie to co najlepszego przywieźli ze starej. Uczestnicząc w rosnącym coraz bardziej wroście i znaczeniu Brazylii, stają się współtwórcami jej wielkości i postępu. Te dwa czynniki stwarzają silny fundament do dalszej współpracy, harmonijnej i pełnej szacunku na drodze postępu i przyjaźni.

**RELEMBRANDO A PROFESSORA
MARIA TERESA PARADOWSKA,
ESPECIALISTA EM HISTÓRIA DOS POLONESES
NA AMÉRICA DO SUL E CENTRAL***

*Maria Barbara TOPOLSKA ***

A professora Paradowska faleceu em Poznań no dia 9 de janeiro de 2010. Ela foi uma das primeiras a fazer parte de um grupo de conhecidos pesquisadores sobre os poloneses e seus descendentes no exterior. Desde a década de 1970, como especialista e divulgadora de pesquisas sobre a história dos poloneses na América do Sul e Central, ela tem avaliado positivamente a contribuição civilizacional deles em muitas áreas relacionadas com esses países e com a sua população nativa. A professora M. Paradowska iniciou já em sua tese de mestrado, e a seguir como etnógrafa, as suas agora famosas pesquisas a respeito da vinda e da assimilação dos alemães em terras polonesas no século XVIII. Os chamados bamberguenses de Poznań vieram de Bamberg, da católica Baviera.

Em 1993 ela fundou a Sociedade dos Bamberguenses de Poznań (que hoje congrega cerca de 250 pessoas), da qual foi presidente, e em 2003 fundou o museu deles em Poznań (2003-2010). Conselheira do distrito de Poznań, em 2004 foi condecorada com a Cruz da Ordem do Renascimento da Polônia. Em 2009 a Sociedade dos Bamberguenses de Poznań recebeu do Parlamento Europeu o Prêmio Cívico Europeu pelo seu projeto de promoção da atividade cívica. Durante os seus cerca de 300 anos de atividade em prol do polonismo e de Poznań, os bamberguenses “reconstruíram a cidade de Poznań, imbuíram-se do seu espírito e colaboraram com os seus habitantes. Foi um milagre de polonização. Uma situação desse gênero não ocorreu em nenhum lugar na Europa” – enfatizava a Professora Paradowska¹. São conhecidos os seus premiados trabalhos (a partir de 1975: 1999, 2002, 2003) a respeito dos Bamberguenses na Polônia Ocidental, bem como os seus empenhos pela criação do Museu dos Bamberguenses de Poznań.

* Comunicação apresentada na conferência científica internacional “Os poloneses na América Latina: o ethos patriótico nas condições da emigração polonesa”, organizada pelo Conselho Mundial de Pesquisas sobre os Poloneses Emigrados. A conferência realizou-se na Universidade Cardeal Estêvão Wyszyński (UKSW), em Varsóvia, nos dias 8-9 de abril de 2011.

** Professora Doutora, leciona na Universidade de Zielona Góra, na Polônia.

¹ Zmarła założycielka Towarzystwa Bambrów Poznańskich. *Gazeta Wyborcza*, Poznań, 10 de janeiro de 2011, p. 2.

Num período em que por vários anos teve de enfrentar problemas de saúde, ela promoveu em Poznań, na Polônia e no exterior a atividade da Associação dos Bamberguenses de Poznań e do seu museu, que no final de 2010 foi incorporado ao Museu Nacional. Por isso não é de admirar que as numerosas manifestações na internet apontem em sua maioria para o engajamento da Professora Paradowska na atividade editorial e social dessa Sociedade.

A Professora Maria Paradowska nasceu no dia 9 de junho de 1932. Concluiu seus estudos em 1954 na Universidade Adam Mickiewicz em Poznań e, após o doutorado (1969) e o pós-doutorado (1977) na mesma universidade, obteve em 1989 o título de professora assistente e, em 1994, de professora titular de ciências humanísticas. Como etnóloga, etnógrafa e historiadora, dirigiu a seção de Poznań do Instituto de Arqueologia e Etnologia da Academia de Ciências da Polônia.

Foi uma personalidade inquebrantável e energética. Após a morte do marido criou a filha, a atual doutora em ciências humanas Katarzyna Wrzesińska, e sentia-se orgulhosa dos três netos. Nos últimos dez anos, acometida de grave doença, não interrompeu as suas pesquisas a respeito da história e dos méritos dos poloneses na América do Sul e Central.

A bibliografia da Professora Paradowska desvenda tanto a problemática histórica como a etnográfica e etnológica, bem como biografias de poloneses famosos na América do Sul contidas em numerosos artigos, como por exemplo de Ignacy Domeyko (1990, 1992 em língua polonesa e espanhola), bem como em livros (por exemplo a respeito de Krzysztof Arciszewski – 1987, 2001, ou a respeito do pe. Ignacy Posadzy – “Tudo por Deus e pelos poloneses emigrados” (Editora Hlondianum, Poznań, 1998).

Já o seu primeiro livro, *Polacy w Ameryce Południowej* (Os poloneses na América do Sul) (Ossolineum, 1977, 315 p.) – fruto das suas pesquisas sobre as fontes e a literatura – reflete a variada gama problemática por ela abordada. Inicia-se com menções à América do Sul na literatura do Renascimento Polonês (Jan z Głogowa, Jan ze Stobnicy, Mateusz Kmita z Szamotuł, Jan Dantyszek, Marcin Bielski, Piotr Skarga). A seguir temos a participação do Judeu de Poznań (Gaspar das Índias) como geógrafo na expedição de Pedro Álvares Cabral (1500) – trazendo os primeiros europeus ao litoral do Brasil. Durante os séculos XVII e XVIII, a presença de navegadores ou soldados a serviço da Holanda (dos quais o mais famoso é Krzysztof Arciszewski) ou de missionários jesuítas (Wojciech Męciński, Ksawery Karnicki e outros). A autora relaciona os méritos dessas personagens com o destino dos pesquisadores, aventureiros, etc. e principalmente com a ação instituída a partir de 1867 (16 famílias da Silésia – organizadas por Woś Saporski) visando à promoção da colonização polonesa até a década de 1920. Ela descreve o trabalho, a vida, os desafios e a atividade cultural e

organizacional desses emigrados. Em razão da dificuldade de empreender pesquisas locais, a autora não fornece muitas informações a respeito do papel das paróquias católicas ou da diversificação da vida social e profissional após a II Guerra Mundial. Aborda a política emigratória posterior à I Guerra Mundial e também os méritos dos poloneses diante dos países que os receberam e dos seus nativos. Com efeito, os poloneses não só trabalharam efetivamente, nessa parte do mundo, em muitas áreas, mas dedicaram muito esforço a pesquisas locais no aspecto étnico, etnográfico, etc.

O livro *Polacy w Meksyku i Ameryce Środkowej* (Os poloneses no México e na América Central) (Wrocław, 1985, 384 p.) também analisa, com profundidade e em diversas áreas, a problemática de um grupo menos numeroso de poloneses, mas muito ativo no campo profissional e social nos países em que se estabeleceram. No período dos vinte anos do entreguerras, emigraram da Polônia ao México cerca de 7 mil, a Cuba cerca de 2.400, a Costa Rica 42 e ao Panamá 13 pessoas. Anteriormente, podiam encontrar-se alguns espalhados por Guatemala, El Salvador, Honduras, pelas outras ilhas das Grandes Antilhas e das Pequenas Antilhas e nas Bahamas. Entre aqueles de maiores méritos para os países em que se estabeleceram a partir do início do século XIX, encontram-se Karol Brzeski, Antoni Stadnicki, Emil Dunikowski e também os que se dedicaram a pesquisas sobre a cultura autóctone (Alfred Kempski e Maria Frankowska no México, Jerzy Loth na Nicarágua).

Um grande mérito da Professora Paradowska foi a coleta sobre os méritos desses poloneses nas pesquisas sobre a cultura da população indígena, o que lhe permitiu publicar as dissertações: *Polskie relacje o Indianach w wieku XIX jako źródło etnograficzne* (Relatos poloneses sobre os indígenas no século XIX como fonte etnográfica), Poznań, 1973; *Śladami Indian. Antologia polskich relacji o Indianach w Ameryce Południowej* (Na trilha dos indígenas: antologia de relatos poloneses sobre os indígenas na América do Sul), Wrocław, Ossolineum, 1979 e *Obraz Indian Ameryki Południowej w Polsce w XIX w.* (A imagem dos indígenas da América do Sul na Polónia no século XIX), in: *Etnografia Polska*, t. 25-26, 1981-1982. O seu último trabalho dessa série, *Wśród Indian i Metysów. Antologia polskich relacji o mieszkańcach Meksyku i Ameryki Środkowej* (Entre indígenas e mestiços; antologia de relatos poloneses sobre os habitantes do México e da América Central) (Wrocław, Ossolineum, 1989) contém textos de 16 viajantes e pesquisadores, incluindo desde os legionários em Cuba no início do século XIX até Ryszard Kapuściński e a Professora Maria Frankowska. Trata-se não apenas de descrições dos indígenas e mestiços, mas também de imigrantes que vieram a esses países da África, da Índia e da China.

A popularidade dos trabalhos da autora e das suas conquistas nas pesquisas sobre a coletividade polonesa e polônica na América do Sul pode ser testemunhada pela edição ampliada da sua obra de 1977 intitulada *Podróznicy i emigranci. Szkice z dziejów polskiego wychodźstwa w Ameryce Południowej* (Viajantes e emigrantes: Ensaio sobre a história da emigração polonesa na América do Sul), Varsóvia, Interpress, 1984, com muitas ilustrações. A obra aborda tanto realizações individuais como os grupos colonizadores que se formavam nos séculos XIX e XX, incluindo os viajantes e pesquisadores do século XVII. A autora analisa ali o destino dos poloneses nestes países: Brasil, Argentina, Peru, Chile, Bolívia, Equador, Paraguai, Colômbia, Venezuela, Guianas e Uruguai. Em consequência de sucessivas ondas emigratórias a partir de meados do século XIX, formou-se uma comunidade polônica sul-americana (incluindo os poloneses e os seus descendentes, bem como os poloneses que vieram após a guerra), que no Brasil, em 1970, envolvia cerca de 840 mil pessoas de origem polonesa e poloneses (cerca de 85% desse grupo na América do Sul) – segundo outros pesquisadores: cerca de 400 mil – e na Argentina cerca de 120 mil. Os imigrantes de terras polonesas, como imigrantes camponeses, tinham dificuldade de assimilar-se, apegados às tradições religiosas, às paróquias católicas, aos costumes poloneses, à cozinha polonesa, aos contatos sociais, etc. Em outros lugares da América do Sul viviam dispersos (p. ex. cerca de 1 mil no Chile, 2 mil no Paraguai, 6,5 mil no Uruguai, 3 mil na Venezuela, e ainda 120 e 150 respectivamente na Bolívia e no Peru). Também em razão do trabalho em muitas profissões livres, eles se assimilavam com mais facilidade. Na Argentina havia cerca de 40 organizações polônicas, que eram mais numerosas ainda no Brasil.

O objetivo das pesquisas da autora – além de apresentar a vida e os processos de integração dos colonos, especialmente dos agricultores – eram também as biografias dos poloneses com méritos para o polonismo e para os países onde se estabeleceram. Foi isso que se tornou o tema de muitos artigos e biografias, e especialmente do livro *Wkład Polaków w rozwój cywilizacyjno-kulturowy Ameryki Łacińskiej* (A contribuição dos poloneses para o desenvolvimento civilizacional e cultural da América Latina), publicado pelo Comissário Geral da Participação da Polônia na Exposição Universal EXPO '92 em Sevilha, Varsóvia, 1992, 277 p. Um resumo desse trabalho foi traduzido para a língua espanhola (*Los polacos em América Latina*, Wrocław, 1992).

A popularização de conhecidas personagens na América do Sul e Central proporcionou à Professora Maria Paradowska muitos leitores. São livros que falam principalmente de figuras do período das partilhas, entre os quais engenheiros tão conhecidos e admirados como p. ex. o construtor

da ferrovia transandina (mais de 4,5 mil quilômetros, no Peru) Ernest Malinowski, da Volínia; Edward Habich (nascido em Wielkie Łuki, Rússia), fundador da primeira escola superior de engenharia de minas na América Latina, bem como outros construtores de estradas, pontes, cidades. Acrescentarei que buscaram e encontraram ali bom trabalho outros menos conhecidos, e até ausentes no trabalho da autora, como o engenheiro Andrzej Rokowski, de Paris (um dos arquitetos da nova capital do Brasil, construída em 1960).

Mas de maneira especial, o que vale a pena lembrar, e o que testemunham os seus dados biográficos, após a II Guerra Mundial eram especialmente refugiados políticos das antigas terras orientais da I República, que foram educados e trabalharam no Ocidente.

Nesse livro, a descrição das realizações – apresentadas segundo áreas (pesquisas geográficas, etnográficas, geológicas, da fauna e flora), incluindo descobridores, cientistas, intelectuais técnicos, militares graduados, religiosos, induz a autora a afirmar que não faltou profissão em que os poloneses, vindos para uma permanência mais breve ou mais prolongada, especialmente no século XX, até o momento menos conhecido, não se tivessem distinguido no país em que se fixaram.

A Professora Paradowska escreveu muitos artigos, inclusive biografias, p. ex. diversos verbetes para o *Ilustrowany Słownik Biograficzny Polonii* (Dicionário Ilustrado dos Poloneses Emigrados), nos anos 1992-1996, bem como para a imprensa estrangeira a respeito desses temas. Ela foi orientadora de monografias para os estudantes da Cátedra de Etnografia da Universidade Adam Mickiewicz nos anos 1974-1979, e nos anos 1986 a 1995 para os alunos do Departamento Polônico do Instituto da Pastoral Emigratória em Poznań intitulado Sociografia da Comunidade Polônica Latino-Americana. Mantinha correspondência com centros de pesquisa na Europa e nas Américas envolvidos com a problemática dos poloneses e dos poloneses emigrados. Por exemplo, com o objetivo de reunir uma biblioteca e um arquivo ligados com a comunidade polônica latino-americana, colaborou com o The Polish Institute of Arts and Sciences de Nova York. Mantinha correspondência com líderes e representantes da comunidade polônica, especialmente com os leitores dos seus livros. Em 1985 realizou na Biblioteca Raczyński, em Poznań, o cenário da exposição “Da Grande Polônia para o mundo”, e em 1984, um filme documentário com participação própria. Do seu ciclo de conferências, convém lembrar as numerosas palestras relacionadas com o quinto centenário do descobrimento da América, em 1992.

Com as suas pesquisas e os seus trabalhos de divulgação científica, a Professora Paradowska abriu o caminho para pesquisas mais especiali-

zadas. Vale a pena mencionar aqui a dissertação de doutorado sobre Ernest Malinowski de Danuta Bartkowiak, que aborda a realização tecnicamente perfeita do seu projeto da ferrovia transandina no Peru (trabalho publicado em Poznań em 1996 e a seguir em Lima em 1998), assim como muitos novos verbetes em dicionários e enciclopédias, entre as quais na conhecida enciclopédia em 5 volumes *Encyklopedia emigracji polskiej i Polonii* (Enciclopédia da emigração e dos emigrados poloneses), red. K. Dopierała, Toruń, 2003-2006.

Continua a pesar sobre nós a obrigação de divulgar os nomes de poloneses com méritos para a história e o desenvolvimento da América Latina, incluindo os imigrantes polonizados das antigas terras orientais da I República. Estamos entrando na comunidade europeia com a nossa mais que milenar tradição de pertencermos à comunidade cristã e à cultura da Europa Ocidental. O otimismo de muitos pesquisadores defronta-se, no entanto, com o pessimismo do receptor atrasado no desenvolvimento civilizacional das realizações do Ocidente – a Europa mais jovem.

É preciso, no entanto, e isso diz respeito às conquistas pioneiras da Professora Paradowska a partir dos anos 1970, expor em primeiro plano não apenas aquilo que fizemos por nós mesmos em nome do progresso europeu, mas sobretudo aquilo que oferecemos de melhor aos outros, que foram os viajantes, descobridores, soldados, missionários, padres e engenheiros (educados também em universidades russas e europeias no século XIX), médicos, escritores e intelectuais que trabalharam em todas as profissões nos países em que se estabeleceram no mundo inteiro.

RESUMO – STRESZCZENIE

Maria Paradowska – nazwisko to łączy się nierozzerwanie z miastem Poznaniem i Uniwersytetem Adama Mickiewicza, gdzie jako pracownik naukowy, następnie profesora, etnografa, rozpoczęła swoją drogę naukową poświęcając się całkowicie badaniom etnograficznym. Jej badania obejmują wpływy bawarskie w Poznaniu, oraz wpływy i znaczenie polskich grup etnicznych przede wszystkim w krajach Ameryki Środkowej i Południowej. Jej książkowe wydania prac i badań wskazują na głęboką znajomość środowisk polonijnych. Analizuje wpływ polskich grup etnicznych w cywilizację i postęp krajów osiedlenia. Wyszukuje nazwiska działaczy, którzy swoją pracą oddali ogromne usługi wielu narodom obu Ameryk. Swoimi badaniami i publikacjami rozszerza horyzonty wiadomości i znaczenia tych grupa, tak często omijanych w ogólnopolskich badaniach.

O PÓS-MODERNISMO E A PEDAGOGIA CATÓLICA

*Edward WALEWANDER**

Introdução

Como resultado das atuais mudanças socioculturais, especialmente em razão das mudanças na área dos valores, a educação encontrou-se numa situação muito difícil, o que acarreta muitas consequências negativas, desde uma séria inquietação dos pedagogos com a educação até uma total ineficácia do seu trabalho. Pode-se constatar isso quando se observa o transcurso extremamente problemático dos processos educacionais, bem como a situação geralmente crítica das diversas esferas da atividade educacional.

A atual ideologia liberal encontra-se em grande medida dominada pelas ideias do pós-modernismo, que se projetam nas diversas áreas da vida do homem e nas ciências humanísticas, entre as quais a pedagogia individual e social. Todos os fenômenos da vida, inclusive os problemas pedagógicos, são analisados segundo os princípios aceitos, que são conclusões decorrentes de certas premissas. Torna-se então absurda a discussão a respeito de qualquer problema caso não se busquem as premissas e não se investiguem os resultados da sua influência⁰.

Quando se fala da “pedagogia cristã”, ou em geral eclesiástica, enfatiza-se que não se trata de alguma teoria ou de algum sistema, mas antes da praxiologia pedagógica, da imagem plena da reflexão a respeito da educação, e ao mesmo tempo da prática pedagógica. É preciso aceitar que a práxis é sempre a realização mais ou menos coerente de determinada teoria e resulta de certas premissas gerais, embora não necessariamente conscientizadas de forma clara. Toda pedagogia pressupõe uma concepção filosófica do homem no âmbito individual e social. A pedagogia pode ser ativa ou passiva. A pedagogia ativa é o processo educacional; a pedagogia passiva é o “ser educado”. Segundo uma outra divisão, a pedagogia é exterior (diz respeito à experiência de fora) ou interior (envolve as ações interiores e é também definida como autopedagogia). Finalmente existe a pedagogia behaviorista, física (material), também chamada pedagogia somática, e a pedagogia espiritual, na qual se trata de temas e conteúdos espirituais e que é também chamada pedagogia personalista.

* Prof. Dr., leciona na Universidade Católica de João Paulo II em Lublin, Polônia.

⁰ Cf. BÖHR, C. Jenseits von moralischer Anarchie und Fundamentalismus. *Die Tagespost*, 2010, n. 118, p. 9.

I. O surgimento do pós-modernismo

O pós-modernismo é a definição das tendências inovadoras na cultura e filosofia moderna¹. Entende-se como um “programa” para a época que surgiu após o modernismo e se estendeu do final do século XIX até a sexta década do século XX, quando, com base na literatura judaico-americana nos Estados Unidos, começou a desenvolver-se a corrente pós-modernista, que com o tempo atingiu a Europa Ocidental e fortaleceu-se em sua cultura. O pós-modernismo aponta contra a tecnicização da vida, contra o logos da racionalidade, a autonomia da ciência e a ideia da totalidade, unidade e sistematicidade.

O nome dessa corrente filosófica provém do Canadá francófono. Nos final dos anos 60 do século XX, as autoridades da província de Quebec dirigiram-se ao professor Jean François Lyotard solicitando-lhe uma perícia da estrutura da moderna ciência e educação numa época de enorme desenvolvimento da informática e da transmissão do pensamento pelos meios de comunicação. Lyotard encerrou a sua resposta na dissertação intitulada *La condition postmoderne*, publicada em 1979². O autor formulou nela o que predominava em larga escala no pensamento ocidental a partir da segunda metade do século XX e que começou a manifestar-se bem mais cedo³. Rapidamente cristalizou-se toda uma corrente de pensamento que envolveu todas as áreas da filosofia, da ciência e da arte. Além de Lyotard, entre os seus representantes encontram-se: Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Jean Budrillard, Jürgen Habermas, Karl Popper, Franz Fukuyama, Richard Rorty, Keneth L. Schmitz e John Caputo.

¹ Essas opiniões baseiam-se nas conclusões de Czesław Stanisław Bartnik, presentes em seu artigo Postmodernizm. In: Idem. *Historia filozofii*. Lublin, 2000, p. 449-452.

² Edição polonesa: *Kondycja ponowoczesna: raport o stanie wiedzy*. Trad. M. Kowalska e J. Migasiński. Warszawa, 1997.

³ Na Polônia, percebe-se uma visão semelhante p. ex. já no pensamento Teodor Jeske-Choiński, que na dissertação *Na schyłku wieku* (No ocaso do século) escrevia: “Tudo que existiu, que iluminou a geração hoje madura começa a apagar-se, dissolve-se na névoa azul do passado, e o que será, isso ninguém ainda vê claramente e não pode definir” (Warszawa, 1894, p. 1). Num outro livro seu, intitulado *Dekadentyzm* (Decadentismo), Jeske-Choiński foi mais concreto: “De qualquer lado que olhe o observador para o momento presente – afirmava ele – em toda a parte o seu olhar percebe traços significativos de decomposição. O criticismo filosófico, tendo-se aliado com o materialismo teórico, produziu o irreligiosismo. Da falta de fé na existência do homem após a morte surgiu o materialismo prático, cujos filhos têm sido em todos os tempos: a fome da satisfação e a ganância do dinheiro. Do materialismo encarnado surgiu o seu reflexo: a arte e a literatura bruta” (Warszawa, 1905, p. 57).

II. O programa

Convém assinalar desde o início que entre o pós-modernismo e a pedagogia cristã ocorre uma total antinomia, bem mais profunda que entre a pedagogia autoritária, disciplinar e a pedagogia libertadora, livre. Os cristãos consideram a educação pós-modernista como antipedagogia. A contrariedade nessa educação não se restringe apenas à esfera religiosa, ou seja, à pedagogia religiosa e eclesiástica, mas envolve igualmente a pedagogia cristã derivada, que abrange a pedagogia leiga, cultural, social e moral. Essa oposição não diz respeito apenas à pedagogia das crianças e dos jovens. Existe igualmente na pedagogia geral, universal, que envolve toda a vida do homem.

Visto que a modernidade (o modernismo) – entendida como racionalidade, estabilidade, principialidade – já passou da época, os criadores da nova época, da época “pós-moderna”, acreditavam que era preciso criar uma nova filosofia, cujos traços principais deviam ser: o pluralismo, a heterogeneidade, o regionalismo, o antifundamentalismo, a ambivalência, o desconstrutivismo, o caos, a mescla de doutrinas e estilos e a subordinação de tudo ao comercialismo.

Uma tal evolução do pensamento filosófico-social havia sido prevista já no século XIX por Friedrich Nietzsche. Ele chamou essa corrente de niilismo. No livro *A vontade do poder* ele escrevia: “O que estou contando é a história dos dois próximos séculos. Descrevo o que será, o que já não pode ser de outra forma: o surgimento do niilismo. Essa história pode ser contada já agora [...]. Esse futuro já fala por centenas de sinais, esse destino se prenuncia em toda a parte; para essa música do futuro todos já têm o ouvido afinado. Toda a nossa cultura europeia já há algum tempo se move numa cultura de tensão, como se encaminhasse a uma catástrofe: com inquietação, com violência, aos trancos e barrancos: como uma torrente que quer chegar ao seu destino, que já não reflete, que simplesmente tem medo de refletir”⁴.

1. Irracionalismo

A corrente fundamental do pós-modernismo é o irracionalismo, ou seja, a negação da razão e do intelecto e a promoção das funções extrarra-

⁴ NIETZSCHE, F. *Wola mocy*. Trad. S. Frycz e K. Drzewicki. Warszawa, 1911, p. 1-2.

cionais, intuitivas, passionais, sentimentais⁵. Isso significa que a humanidade como que se cansou da racionalidade e do culto divino da “razão”, que tem reinado principalmente a partir do Iluminismo. Acaso se verificou que também a “razão” pode ser cansativa em toda a dimensão da cultura e da vida humana? Ou seriam apenas manifestações do temor com que se debate a humanidade após ter rejeitado Deus e a religião em sua cultura?

O filósofo Leszek Kołakowski, falecido em julho de 2009, por longo tempo um decidido partidário do marxismo, somente nos últimos anos de sua vida aproximou-se da Igreja católica. Em um de seus pronunciamentos, já após essa mudança, ele afirmou: “O ímpio mundo de hoje é percebido como um opressivo e eterno caos. Ele está desprovido de qualquer sentido e direção, de qualquer estrutura e de quaisquer sinais de orientação. [...] Já não se veem ateus alegres. Um mundo em que o homem se confiou às próprias forças e se reconheceu como um livre legislador nas questões do bem e do mal, em que – tendo-se libertado [...] das correntes da escravidão divina – tinha a esperança de recuperar a dignidade perdida, justamente esse mundo se transformou num lugar de permanente inquietação e tormento. A ausência de Deus transformou-se numa ferida permanentemente aberta do espírito europeu [...]. A nova e radiante ordem do antropocentrismo que devia ter surgido no lugar do Deus destituído jamais surgiu. [...] A inquietação atormenta e destrói [...] a impiedade combatente. [...] De algum lugar por fora das nossas realizações e experiências incessantemente surge a apocalíptica advertência: ‘Pois dizes: sou rico, enriqueci-me e de nada mais preciso. Não sabes, porém, que és tu o infeliz: miserável, pobre, cego e nu!’ (Ap 3: 16)”⁶.

Embora a pedagogia cristã edifique a personalidade religiosa, ela não se priva do racionalismo. Santo Tomás colocava nitidamente em primeiro lugar a razão, o intelecto e a verdade. Ele localizava o emocionalismo num plano mais distante. Santo Agostinho, e depois todo o agostinismo, reconhecia a primazia da vontade, do amor e do bem e apenas depois destes o intelecto. Mas não separava o intelecto da vontade, nem a verdade do bem. Considerava o intelecto e a vontade como dois aspectos da faculdade da mesma alma (pessoa)⁷. A pedagogia cristã aceita, com o pensamento grego, que o mundo está construído sobre o princípio da racionalidade.

⁵ Para maiores informações a respeito, cf. LORENZ, K. *Regres chrześcijaństwa*. Trad. A. D. Tauszyńska. Warszawa, 1986, p. 158-159.

⁶ KOŁAKOWSKI, L. Troska o Boga w pozornie bezbożnej Europie. *Przegląd Polityczny*, 2008, n. 88, p. 105-106.

⁷ NIEWIADOMSKI, J. Vom faszinierenden Geheimnis der Gnade – Augustinus. In: *Die theologische Hintertreppe. Die Grossen Denker der Christenheit*. Red. M. Langer, J. Niewiadomski. München, 2005, p. 196-213.

dade, do logos. O homem, como eflorescência do mundo, como ser racional, participa do logos e o transcende. Por isso deve ser educado para a racionalidade e a verdade, embora em íntimo relacionamento com a vida extrarracional⁸.

2. Multiplicidade de “verdades”

No pós-modernismo não se nega na verdade a razão, mas ela é apenas uma função “computadorizada”. Ela não atinge nenhuma verdade ontológica no seu sentido clássico, mas apenas cria uma espécie de imagens, fotos ou tomadas à semelhança de uma câmara fotográfica. Daí porque existe em regra um infinito número de verdades “fenomenais” – superficiais, exteriores, muitas vezes inteiramente conflitantes. Todas as verdades têm o mesmo valor, todas são igualmente “verdadeiras”, corretas. Nessa concepção até a ciência, e muito mais a doutrina da cosmovisão ou religiosa, não possui nenhum significado objetivo e mais profundo⁹. Qualquer interpretação das coisas e do mundo é válida. Rejeita-se a metodologia, a lógica e o empirismo científico.

Os pós-modernistas afirmam que a verdade no sentido clássico é totalitária, principalmente a verdade religiosa. Segundo eles, o maior totalitarista é a Igreja católica. A filosofia não é o conhecimento da realidade nem a construção de um sistema de conhecimento. Muito pelo contrário: é a desconstrução, a divisão e a dissolução da realidade. E mais ainda. Todos os signos informativos e linguísticos não designam propriamente nada de objetivo, mas apenas aquilo que o seu usuário quer que eles signifiquem.

Wiktor Woroszyński, em suas anotações de fevereiro de 1989, demonstrou inquietação diante do pensamento acima exposto: “Temo a ameaça da parte das palavras – confessa aí o poeta. – Primeiramente do seu excesso, da sua inflação, fazendo com que dia a dia se tornem mais baratas, até o ponto de nos tornarmos um pouco surdos ao seu som que ressoa ou que é vazio, tornando-se cada vez mais difícil para elas intermediar nos nossos debates sobre as coisas. Mas de maneira especial temo as palavras propositalmente privadas do seu significado comum, submetidas ao amesramento semântico e utilizadas para semear a confusão nas fileiras dos conceitos e das representações”¹⁰.

⁸ DZIEWIECKI, M. Wychowawca w dobie ponowoczesności. *Horyzonty Wychowania*, 2010, n. 9, p. 145-164.

⁹ Cf. MARIANŃSKI, J. *Religia w społeczeństwie ponowoczesnym. Studium socjologiczne*. Warszawa, 2010, p. 139-194.

¹⁰ WOROSZYŃSKI, W. *Pozwólcie nam się cieszyć*. Warszawa, 1996, p. 319.

A doutrina cristã rejeitou a teoria das múltiplas “verdades”, proclamada já na Idade Média por Averróis e pelos averroístas latinos. O homem conhece a verdade sob muitos aspectos, mas não de forma contraditória. A teoria das múltiplas “verdades” significaria a contradição interna no ser ou a total impossibilidade de conhecer as coisas, mas apenas a formulação de frases vazias. Por isso o educando deve alcançar a capacidade de não contradizer o conhecimento e de unificar os conhecimentos de variados aspectos.

3. Antissentido

Segundo os modernistas, não existe nenhum sentido “correto” da palavra. Da fala humana, do texto, da ciência, do credo. Diante disso toda informação é “pluralista”, isto é, ao mesmo tempo unívoca e equívoca, multifuncional e multiforme. A própria realidade não é o “cosmos”, mas o “caosmos”, ou seja, um conjunto caótico. No pós-modernismo o caos é uma das categorias fundamentais do pensamento.

O pedagogo alemão Otto Speck, professor da Universidade de Munique, adverte que “na dimensão espiritual o caos conduz à eliminação de todos os valores”¹¹. Na doutrina cristã, o reconhecimento da teoria do caos como a teoria básica ou uma das fundamentais destrói toda ordem, toda cognoscibilidade, toda axiologia, toda correção; todos os conteúdos didáticos e educacionais. A Bíblia proclama que a verdade liberta (cf Jo 8:32). Os pós-modernistas acreditam que a verdade escraviza. E o que liberta é a falta de um sentido definido e o total caos significativo¹².

4. Antiuniversalidade

Os pós-modernistas julgam que é preciso rejeitar a categoria da unidade, da totalidade, da universalidade. A unidade pode ser apenas o efeito do totalitarismo e da escravidão; o mesmo ocorre com a unanimidade quanto à verdade. A libertação da unidade em direção ao pluralismo

¹¹ SPECK, O. *Trudności wychowawcze. Być nauczycielem w czasie zmian społeczno-kulturowych*. Trad. E. Cieślak, Gdańsk, 2007, p. 21.

¹² *A escola – uma instituição para alienados*: trazia esse título o número 15 da revista “Der Spiegel”, publicado em 1988, no qual foi apresentado o caos reinante nas escolas alemãs. Um amplo trecho do texto desse número, relacionado com uma escola de nível médio (Hauptschule) no bairro berlinense de Kreuzberg foi transcrito por Otto Speck. Cf. Idem, op. cit., p. 27-28. Cf. também BARTNIK, S. *Między ładem a chaosem*. In: Idem. *Napór zła społecznego*. Lublin, 2010, p. 265-273.

das coisas e da verdade significa a libertação da opressão e da violência, infligidas à liberdade intelectual pelas antigas categorias “mitológicas”.

O pluralismo gera conflitos até na ciência. Por isso, em toda a civilização não há necessidade de acordo quanto às soluções. É suficiente o acerto do estado da questão, do problema ou do “protocolo de divergência”. Os pós-modernistas afirmam que a realidade não é total, única, universal, mas que ela se manifesta em fragmentos. Ela é descontínua, dividida, absolutamente múltipla. Constitui uma coleção caótica sem regras, princípios e verdades. Igualmente uma visão geral do mundo não tem nenhum sentido. Ao eterno princípio da ordenação e da ordem, em toda a parte se contrapõe o caos, como que a “divindade do caos”.

A antiuniversalidade vai mais longe que o empirismo ou o neopositivismo de Ludwig Wittgenstein. É antes uma consequência da categoria do caos. Na pedagogia o cristianismo utiliza-se de categorias gregas tais como: conceitos gerais, princípios, regras, verdade e universalismo¹³.

5. Anti-institucionalismo

O pós-modernismo tem articulado tudo aquilo que de forma como que inconsciente assumem principalmente os numerosos movimentos informais (carismáticos, antieclesiásticos) nas religiões do mundo, a saber, a aversão às verdades, às estruturas e às teorias. Isso diz respeito ao afastamento de quaisquer instituições, associações e organizações, das tradições, da coletividade ou do estado. Em *Os Irmãos Karamazov*, Fiodor Dostoiévski já há quase um século e meio tem antecipado essa direção do desenvolvimento da civilização, ao criar a *Lenda do Grande Inquisidor*. O Grande Inquisidor criou nela o reino “ideal” da justiça, o estado sem Cristo. Neste ponto vale a pena citar um trecho mais longo das reflexões de Dostoiévski, que ilustram o anti-institucionalismo e a sua influência destrutiva sobre as pessoas:

“Nós os convenceremos – afirma o Grande Inquisidor – de que só serão livres quando renunciarem à sua liberdade, quando a entregarem a nós e se submeterem a nós. [...] Eles nos admirarão e sentirão orgulho de nós, por sermos tão poderosos e sábios a ponto de podermos afagar um rebanho de mil milhões de insubordinados. [...] Nós os forçaremos ao trabalho, sim, mas nas horas livres do trabalho faremos da vida deles como que uma brincadeira infantil [...]. Oh, nós lhes permitiremos até o pecado, porque são frágeis e impotentes, e eles nos amarão como filhos, e por isso

¹³ Cf. JAEGER, J. Paideia. Formowanie człowieka greckiego. Trad. M. Plezia e A. Bednarek. Warszawa, 2001, p. 227-267.

lhes permitiremos pecar. Nós lhes diremos que todo pecado que for cometido por permissão nossa será resgatado [...]. E não terão diante de nós nenhum segredo. Nós lhes permitiremos ou proibiremos viver com esposas e amantes, ter ou não ter filhos – de acordo com a sua obediência – e eles nos obedecerão com alegria e contentamento. Os mais torturantes segredos da consciência deles – tudo, realmente tudo eles nos confiarão, e nós resolveremos tudo, e eles acreditarão nas nossas sentenças com alegria, visto que elas os libertarão de qualquer preocupação com os tormentos da decisão pessoal e livre”¹⁴.

Nesse contexto é preciso enfatizar firmemente que o cristianismo educa no sentido da criação e aceitação de instituições como objetivação dos ideais e das ações humanas na realidade histórica concreta *hic et nunc*.

6. Negação do propósito

O propósito tem sido negado já no século XVII sob a influência da filosofia de Francis Bacon (fal. em 1626), mas o pós-modernismo o faz de forma total, tanto em relação ao mundo das coisas como em relação à mente humana e à metodologia científica. No pós-modernismo o mundo e o pensamento humano não têm um objetivo, nem direção de transformações, nem desenvolvimento. Toda a realidade é apenas uma coleção de acontecimentos, atos e casos sem relação, objetivo ou sentido.

Não existe também a história no sentido tradicional (percebe-se aqui a influência do estruturalismo na sua forma primitiva), porque não existe passado nem futuro. Existe apenas – mas nem isso é certo – o presente, o momento atual, no qual se conta a experiência, a vivência, o prazer, todo tipo de deleite¹⁵.

O cristianismo reconhece o propósito, tanto no aspecto religioso – ação da Providência, como no sentido puramente natural e filosófico, aceitando, com Aristóteles, que o objetivo é a causa real da coisa, da obra e da ação. Se rejeitarmos o propósito em prol da própria causa eficiente ou do

¹⁴ DOSTOJEWSKI, F. *Bracia Karamazow*, vol. I. Trad. W. Wireński. Warszawa, 1970, p. 213-214.

¹⁵ Já no início dos anos 20 do século XX o pensador alemão Erich Kästner captou o humor do homem, que, envolvido pela egoística concupiscência da vida, era como que arrastado pela corrente até a catarata mais próxima. Escrevia ele: “Conversas sérias, o quê? Se existe uma vida após a morte? Eu lhes direi confidencialmente: não existe. Tudo deve ser acertado antes da morte. É muito trabalho. Dia e noite. [...] Em vez de salvar a humanidade, é melhor que vocês se divirtam. A vida deve ser acertada antes da morte. [...] Não seja sério [...]”. KÄSTNER, E. *Fabian. Historia pewnego moralisty*. Trad. M. Wisłowska. Warszawa, 1961, p. 108-109.

próprio propósito subjetivo, qualquer formação intelectual e moral não tem sentido.

7. Anticomunidade

O modernismo proclama que cabe ao indivíduo o direito exclusivo de definir o bem, a justeza, o valor e a humanidade. Não existem, portanto, princípios e verdades reconhecidos universalmente, especialmente sociais. Não existe também nenhuma comunidade. “A luta contra as pessoas grandes – afirmava Nietzsche – é justificada por razões econômicas. Eles são seres perigosos, acasos, exceções, uma tempestade [...]. Os materiais explosivos devem ser não apenas desmontados com segurança, mas, caso isso seja possível, deve-se evitar que sejam desmontados: trata-se de um instinto básico de toda sociedade civilizada”¹⁶.

Os modernistas julgam que não existe também um bem comum, objetivos comuns, uma subjetividade comum. A vida social é a existência de uns ao lado dos outros, e muitas vezes também de uns contra os outros, de mônadas e “conjuntos” soberanos sem qualquer tipo de ligação lógica com as outras pessoas. Não existem laços interpessoais nem o conceito do próximo, e o amor é apenas um prazer singular. O lugar dos intelectuais é ocupado por autoridades, profissionais, especialistas, “engenheiros” da propaganda e da publicidade. Para uma informação mais profunda, vale a pena neste ponto citar Dostoiévski, que – aludindo a Cristo e à redenção por Ele realizada – na *Lenda do Grande Inquisidor* inseriu uma significativa confissão:

“O homem é mais frágil e mais miserável do que pensavas! – afirmava o escritor russo de fama mundial. – [...] Não faz mal que agora ele se revolte contra o nosso poder e que tenha orgulho de se revoltar. Esse é um orgulho de criança, de estudante. São crianças que se revoltaram na escola e expulsaram o professor. Mas virá o fim desse arrebatamento das crianças, e elas pagarão caro por isso. Elas demolirão o templo e cobrirão de sangue a terra. Mas ficarão sabendo no fim, essas tolas crianças, que, embora estejam revoltadas, são frágeis, que não darão conta da própria rebelião. Cobrindo-se de suas tolas lágrimas, reconhecerão no final que Aquele que as criou revoltadas quis certamente zombar delas. E dirão isso em desespero, e isso será uma blasfêmia que intensificará os seus sofrimentos, visto que a natureza humana não tolera a blasfêmia e no final ela mesma

¹⁶ NIETZSCHE, F., op. cit., p. 469.

sofre o castigo por ela. Por isso a inquietação, a confusão e o infortúnio – eis o atual destino das pessoas, por cuja liberdade tanto sofreste!”¹⁷

O cristianismo posicionou-se contra a antiga compreensão do homem como uma parcela da espécie ou parcela da coletividade (tribo, cidade, estado, humanidade). E fez isso graças à introdução da categoria de Jesus Cristo como “indivíduo” absoluto e que define da mesma forma todo ser humano singular. Evitou, no entanto, o radical individualismo, porque Jesus tem sido estreitamente relacionado com a coletividade do Seu Corpo Místico, com a Igreja e com a natureza humana. Igualmente hoje a pedagogia cristã cria certo paralelismo ou união reflexiva: o desenvolvimento do indivíduo serve à coletividade, e o desenvolvimento da coletividade serve ao indivíduo – à pessoa, que não pode ser decomposta. O Concílio Vaticano II abordou isso sucintamente: a personalização do homem é para a socialização, e o desenvolvimento da socialização, para a personalização¹⁸.

A pedagogia da Igreja enfatiza que a coletividade humana, na qual se realiza o processo educativo, é uma *communio personarum* – comunidade de pessoas, que expressa uma forma de convivência das pessoas entre si em que o fundamento da sua unidade é a mútua coexistência e afirmação do homem em seus atos. O matrimônio e a família constituem a comunidade humana fundamental e ao mesmo tempo mais simples. A natureza social do homem encontra nela a sua concretização básica e natural. O amor conjugal constitui a forma perfeita e primitiva do amor humano pessoal¹⁹. A família, como comunidade de amor e vida, é a responsável pela concretização de todas as dimensões da vida pessoal e pela plena inserção dos seus membros, especialmente das crianças, nas estruturas sociais e no seu funcionamento²⁰.

8. Relativismo moral

Continuando a descrição do pensamento pós-modernista, é preciso acrescentar que nessa corrente filosófica não existe a ética, especialmente a ética categórica e absoluta. Ocupa o seu lugar o ocasionalismo, o permissivismo e o situacionismo. O objetivo dos pós-modernistas é a destrui-

¹⁷ DOSTOJEWSKI, F. *Bracia Karamazow*, op. cit., p. 310-311.

¹⁸ Cf. *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo* do Concílio Vaticano II, n. 6 e 75.

¹⁹ Cf. BENTO XVI. *Deus caritas est*. Vaticano, 2005, passim.

²⁰ Cf. NIEWIADOMSKI, J. Eucharistie in der (post)modernen Welt. In: *Faszinierendes Geheimnis. Neue Zugänge zur Eucharistie in Familie, Schule und Gemeinde*. Red. M. Scharer, J. Niewiadomski. Innsbruck-Wien-Mainz, 1999, p. 15-41.

ção universal da ética, de todos os códigos morais, dos princípios éticos. A moralidade é para eles inteiramente “pluralista”, autônoma e individual. Mais ainda: o homem é para si mesmo o máximo legislador na área da ética.

Na pedagogia católica a moralidade é categórica e absoluta. O papa João Paulo II apelava à educação para a solidariedade, que produz a responsabilidade por todo membro da comunidade e pelo bem comum. Reconhecia o homem como o sujeito do trabalho, ao qual atribuía primazia diante do capital. Proclamava incessantemente a norma do primado da pessoa nas relações econômicas. O objetivo principal do trabalho – ensinava ele – é a personalização da pessoa e, através dela, de toda a comunidade e do ambiente²¹. A pedagogia de João Paulo II enfatiza que o objetivo fundamental da educação é a busca do bem comum, que não se opõe ao bem da pessoa individual, visto que contribui significativamente para o pleno e sólido desenvolvimento do ser humano²².

9. Sociedade pós-industrial

A partir do século XX tem ocorrido a passagem da sociedade industrial à época dos computadores, ou seja, à sociedade informativa, na qual reinam a eletrônica e os robôs. Em razão disso, cresce continuamente o número dos “robôs inteligentes”, que desalojam os operários tradicionais. Agora o homem é necessário apenas para projetar novas construções e programas. Nessa nova sociedade os operários são “contados entre as perdas”, fadados à inexistência, ou até considerados como um “obstáculo” para a continuidade do desenvolvimento social. Os verdadeiros “homens” são apenas os técnicos, os homens de negócios, os potentados financeiros. A técnica não apenas domina a natureza, mas a substitui, tornando-a simplesmente dispensável, como na *science fiction*²³.

²¹ Cf. JOÃO PAULO II. *Laborem exercens*. Vaticano, 1980, passim; BARTNIK, C. S. *Ręka i myśl. Teologia pracy, odpoczynku i świętowania*. Katowice, 1982, p. 143-144.

²² ŻYCIŃSKI, J. *Europejska wspólnota ducha. Zjednoczona Europa w nauczaniu Jana Pawła II*. Warszawa, 1998, passim; Idem. Wyzwania duszpasterskie kultury postmoderny. *Więź*, 2002, n. 1, p. 13-25; WALEWANDER, E. Jan Paweł II. In: *Encyklopedia filozofii wychowania*. Red. S. Jedynek, J. Kojkoł. Bydgoszcz, 2209, p. 127.

²³ NAISBITT, J. Megatrendy. *Dziesięć nowych kierunków zmieniających nasze życie*. Trad. P. Kwiatkowski. Poznań, 1987, p. 29-61; cf. também: MOJSIEWICZ, C. *Świat, w którym żyjemy*. Poznań, 2003, p. 25-26.

10. Consumismo

Os pós-modernistas promovem um estilo puramente consumista da vida do homem. O homem não é um ser zoológico, materialista e ateu, mas sobretudo um ser puramente consumista, do que deve resultar que tudo – até a ciência, a arte, a religião, a informática, sem falar da diversão, do esporte, da política – está subordinado ao jogo do mercado.

A sociedade vive da propaganda, que ocupa o lugar da ideologia ou do sistema. As pessoas consomem principalmente imagens e informações. Em consequência disso não existe um mundo real, porque a informática não precisa traduzir a realidade. É um jogo de possibilidades. O mundo e a vida é como se fossem mais um filme reproduzido a partir de um disco do computador.

Conclusão

A pedagogia cristã baseia-se numa antropologia inteiramente diferente, tanto filosófica como teológica. Os pós-modernistas reconhecem uma antropologia puramente materialista e fisiológica. Consideram que o homem, toda a sua pessoa, existe para o consumismo. Para o cristão, no entanto, o consumismo serve apenas para preservar a vida, para torná-la mais fácil e mais agradável. Sempre deve servir à pessoa integral e à sua superior vida transcendental e espiritual²⁴. O pós-modernismo é um sério desafio para o cristianismo, motivo de disputa a respeito do lugar de Deus na cultura e na vida pública. E também de disputa a respeito da verdade sobre o homem, que quer ocupar o lugar de Deus²⁵.

Se atualmente o homem representa consigo um valor cada vez menor, é certamente e sobretudo porque se esqueceu do seu próprio valor incomum; na área do espírito não se impõe exigências e perdeu o senso da

²⁴ O eminente poeta polonês Zbigniew Herbert, numa entrevista concedida em 1973 ao pe. prof. Janusz Pasierb – o texto foi autorizado dois anos mais tarde – expressou de forma muito eloquente os seus receios relacionados com o futuro do homem: “Eu me defendo do mundo que vai surgir. Qual será o quadro de valores? Caso se extingam as indagações metafísicas a respeito do sentido da vida, do mundo, pode surgir uma geração de robôs. Encontrei pessoas desse tipo na América. Isso me magoa muito. Embora escreva versos que não são muito católicos, eu vivencio essa problemática. De outra forma não vale a pena viver, mesmo quando se trata de alguém como eu, porque eu sei que não serei capaz de romper essa cortina... mas faço o possível...”. *Dramat, który daje nam godność. Rozmowa ze Zbigniewem Herbertem*. In: PASIERB, J. S. *Zagubiona drachma. Dialogi z pisarzami*. Introdução de S. Frankiewicz. Warszawa, 2006, p. 62-63.

²⁵ Cf. KOSŁOWSKI, P. *Die postmoderne Kultur*. München, 1987, passim.

sua excepcionalidade, independente de quem ele seja. Tem ocorrido uma já muito visível depreciação e desvalorização interior do homem no homem.

A Igreja responde de forma inequívoca às atuais perturbações e discussões a respeito da educação, proclamando a verdade imutável a respeito da vida e do homem. Propaga e desenvolve a escolaridade em todos os níveis de ensino. É significativo o fato de que atualmente a escolaridade católica está vivenciando um renascimento em todo o mundo, especialmente em países laicizados, tais como a França ou o Japão, nos quais o cristianismo é a religião da minoria da sociedade.

A pedagogia cristã, com todos os meios disponíveis, molda o homem em todas as áreas da sua vida e atividade. A *Declaração sobre a educação cristã* do Concílio Vaticano II enfatiza que a educação cristã, em sua essência, é a moldagem do homem como pessoa humana na direção do seu objetivo final, e ao mesmo tempo para o bem da sociedade. O processo educativo ocorre através do desenvolvimento harmônico dos traços físicos, morais e intelectuais inatos do homem. A educação busca elaborar no ser humano “um senso cada vez mais perfeito de responsabilidade na devida moldagem da própria vida pelo incessante esforço e em busca da verdadeira liberdade”²⁶. A educação cristã, baseada na elevada ética grega, especialmente na estoica, deve ajudar ao homem a alcançar o domínio sobre a própria liberdade. Busca fazer com que ele se guie na vida pelos valores morais reconhecidos e pela fé, não apenas aprendida, mas também vivenciada. Trata-se de fazer com que o educando aprenda a “ser”, e não que apenas “saiba”; que seja capaz de responder de forma apropriada à sua vocação.

A pedagogia cristã se reporta ao ideal grego, em que a educação das crianças e dos jovens, o seu encaminhamento aos caminhos da beleza, da verdade e do bem é uma importante obrigação social. A escola e os meios de comunicação podem ajudar à família no cumprimento dessa tarefa apenas com a condição de apresentarem a dignidade fundamental do homem, o autêntico valor do matrimônio e da vida familiar, bem como as conquistas e as tarefas positivas da humanidade.

A beleza, que é como que o espelho da divindade, deve inspirar e estimular os corações e as mentes dos jovens. E a feiura e a vulgaridade, por sua vez, exercem uma influência negativa nas posturas e nos comportamentos. A pedagogia cristã, principalmente graças à sua abertura aos

²⁶ *Declaração sobre a educação cristã* do Concílio Vaticano II, n. 1.

mais elevados valores espirituais, morais e religiosos, é incomparavelmente ampla²⁷.

Parece que não tem existido nunca anteriormente uma época tão mentirosa como aquela em que vivemos. A mentira, apoiada pela força, introduz-se nas mentes humanas com a ajuda dos mais variados e muitas vezes até ordinários métodos como sendo a verdade. Ordena-se que o homem acredite nela e a aceite sem senso crítico. No acúmulo da mentira, a mente do homem deixa finalmente de funcionar de forma autônoma e se rende. As pessoas estão convencidas de que não se deixam levar pela propaganda, mas na realidade ela realiza aos poucos uma devastação em suas mentes. Esse é o mais novo sucesso da atual ofensiva da mentira, o que deve ser enfatizado firmemente na conclusão.

O pensamento humano, que até agora tem tido um bom funcionamento, muitas vezes já não tem condições de opor-se não apenas à mentira sutil, mas até à mentira primitiva e grosseira. A universalidade desse fenômeno e a sua intensificação enfraquecem mais ainda a resistência a ele. As pessoas sentem-se impotentes diante da todo-poderosa mídia, que serve à difusão da mentira, utilizando-se de métodos cada vez mais perversos. Chega ao ponto de que muitas vezes as pessoas mais sensatas são envolvidas pelo pensamento irracional. Esse processo tem sido descrito há anos pelo escritor polonês emigrado Andrzej Bobkowski: “Observo isso em mim mesmo – afirmava ele – leio algo no jornal e somente momentos depois percebo que acreditei. Nações inteiras já têm sido amestradas para aceitar a mentira como verdade; você tem de engolir – e as pessoas engolem cada vez mais facilmente, como uma criança doente engole o óleo de rícino”²⁸. Bobkowski teve essa percepção há mais de meio século. No decorrer das décadas que se passaram desde aquele tempo, os métodos e meios de manipular as pessoas com a ajuda da mentira têm se aperfeiçoado enormemente. Encontram-se também muitos jornalistas e especialistas da mídia que a troco de altos salários conscientemente se utilizam da mentira para determinados fins políticos e ideológicos.

Nessa situação – perigosa para a sociedade, e principalmente para os jovens – a Igreja apela incessantemente a todas as pessoas e instituições responsáveis pela educação para que preservem a verdade e o bem comum, para que defendam a dignidade do homem e as necessidades da família²⁹.

²⁷ Cf. DUQUE, J. Refleksje nad estetyką wiary chrześcijańskiej w postmodernizmie. *Roczniki Teologii Dogmatycznej*, 2009, n. 1, p. 197-210.

²⁸ BOBKOWSKI, A. *Szkice piórkiem*. Paris, 1957, p. 2007.

²⁹ Cf. KIEREŚ, B. Wychowania filozofia. In: *Powszechna encyklopedia filozofii*, vol. 9, Lublin, 2008, p. 857-865.

No romance intitulado *O apanhador no campo de centeio*, do escritor americano Jerome David Salinger, encontra-se um interessante diálogo do herói desse livro, um aluno da escola média, com sua irmã, que lhe pergunta quem ele gostaria de ser. O menino responde que houve um tempo quando queria ser advogado, mas que agora preferia permanecer no campo de centeio que está sendo colhido à beira do abismo e cuidar que as crianças que corriam pelo campo não caíssem nesse abismo. “Tenho a minha opinião – diz ele. – Tenho de pegar todo aquele que se encontra em perigo, à beira do abismo. Porque as crianças estão correndo de um lado para o outro, sem olhar o que se encontra diante delas, de modo que eu tenho de aparecer na hora certa e pegar todo aquele que possa cair da escarpa. O dia todo, da manhã até a noite, permaneço assim de sentinela. Sou justamente uma sentinela no centeio. Sei que é uma ideia tola, mas é justamente isso que eu gostaria de ser”³⁰.

Da mesma forma entende as suas tarefas a pedagogia cristã. Busca fazer com que as pessoas não caiam no precipício. Para que isso não aconteça, elas devem desenvolver a sua vida espiritual e a sua fé religiosa: desenvolver a sua plena e perfeita personalidade no aspecto individual e social. A isso deve servir a pastoral e toda a altamente desenvolvida pedagogia da Igreja.

O liberalismo ocidental assume e aceita atualmente a maioria dos pontos de vista proclamados pelos pós-modernistas. Em certas questões ele tem certos valores limitados, mas em sua forma radical – da mesma forma que o pós-modernismo – ele se apresenta em extrema oposição ao pensamento cristão. Esse é hoje um grande problema para o cristianismo e para a pedagogia cristã.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor przedstawia filozofię postmodernistyczną z całym jej bagażem idei niszczycielskich dla tradycyjnej myśli opartej o wartości trwałe. Filozofia ta jest w jawnej sprzeczności z pedagogiką katolicką. Kościół apeluje do wszystkich instytucji wychowawczych o obronę prawdy i niezmiennych wartości. Aby ustrzec się przed wpływami postmodernizmu, pedagogika chrześcijańska domaga się, by osoba ludzka osiągnęła swoją pełnię poprzez wysoko rozwiniętą pedagogię Kościoła.

³⁰ SALINGER, J. D. *Buszujący w zbożu*. Trad. M. Skibniewska. Warszawa, 1967, p. 159.

BIOGRAFIA DE JOÃO PAULO II APRESENTADA NA BEATIFICAÇÃO

Dando início ao rito da beatificação, o cardeal Agostino Valini, vigário pontifício para a diocese de Roma, pediu oficialmente a Bento XVI para inscrever João Paulo II no rol dos beatos. De acordo com a tradição, apresentou também sucintamente os mais importantes fatos da vida de Karol Wojtyła.

Karol José Wojtyła nasceu em Wadowice no dia 18 de maio de 1920 e foi eleito para a Sé de Pedro no dia 16 de outubro de 1978. Veio ao mundo na família de Carlos Wojtyła e Emilia Kaczorowski Wojtyła. Com a idade de 9 anos perdeu a mãe. Seu irmão mais velho Edmundo, que era médico, faleceu em 1932, e o pai, oficial do Exército Polonês, em 1941. Com a idade de 9 anos recebeu a primeira santa Comunhão e com a idade de 18 anos recebeu o sacramento da crisma. Após concluir os estudos no liceu de Wadowice, tornou-se estudante da Universidade Jaguiellônica, em Cracóvia, em 1938.

Após a ocupação de Cracóvia pelo exército alemão e o fechamento da Universidade Jaguiellônica, no outono de 1939 o jovem Carlos, para evitar a deportação à Alemanha, trabalhou primeiramente numa pedreira e depois na fábrica química Solvay nos anos 1940-1944.

Respondendo à nascente vocação ao sacerdócio, a partir de 1942 começou a estudar em cursos clandestinos de formação junto ao seminário de Cracóvia, dirigidos pelo arcebispo de Cracóvia, cardeal Adão Estevão Sapięha. Ao mesmo tempo foi um dos organizadores do clandestino “Teatro Rapsódico”.

Após a guerra continuou a sua formação espiritual e intelectual no seminário de Cracóvia e na reaberta faculdade de teologia da Universidade Jaguiellônica. Foi ordenado sacerdote no dia 1 de novembro de 1946 e a seguir foi enviado a Roma, onde em 1948 concluiu os estudos de doutorado em teologia escrevendo uma dissertação a respeito da fé nas obras de S. João da Cruz. Nesse período, durante as férias, prestou serviços pastorais entre os emigrantes poloneses na França, Bélgica e Holanda.

Em 1948 voltou à Polônia e foi encaminhado ao trabalho pastoral, primeiramente como vigário na paróquia de Niegowic e depois como colaborador junto à paróquia de S. Floriano, em Cracóvia. Foi capelão acadêmico até 1951, quando voltou novamente aos

estudos de filosofia e teologia. Em 1953 publicou na Universidade Católica de Lublin um trabalho dedicado ao sistema ético de Max Scheler. A seguir lecionou teologia moral e ética como professor do seminário de Cracóvia e da faculdade de teologia da Universidade Católica de Lublin.

No dia 4 de julho de 1958 o papa Pio XII nomeou-o bispo titular de Ombi e auxiliar de Cracóvia. Foi sagrado bispo no dia 28 de setembro de 1948 na catedral de Wawel, em Cracóvia, pelo arcebispo Eugênio Baziak.

No dia 13 de janeiro de 1964 o papa Paulo VI nomeou-o arcebispo de Cracóvia, elevando-o, no dia 26 de junho de 1967, à dignidade cardinalícia.

Como participante dos trabalhos do Concílio Vaticano II (1962-1965), participou ativamente da preparação da constituição conciliar “*Gaudium et Spes*”. No período que precedeu a sua eleição à Sé de Pedro, o cardeal Wojtyła participou de cinco assembleias plenárias do Sínodo dos Bispos.

Foi eleito papa no dia 16 de outubro de 1978. No dia 22 de outubro daquele ano realizou-se a solene inauguração do seu pontificado.

João Paulo II realizou 146 visitas pastorais na Itália e, como bispo de Roma, visitou 317 das 332 paróquias romanas. Realizou 104 viagens apostólicas, que constituem uma demonstração do seu desvelo pastoral pela Igreja Universal.

Dentre os numerosos documentos publicados durante o seu pontificado, devem salientar-se 14 encíclicas, 15 exortações apostólicas, 11 constituições apostólicas e 45 cartas apostólicas. Como papa, escreveu cinco livros: “*Transpor o limiar da esperança*” (outubro de 1994), “*Dom e mistério*” (novembro de 1996), “*Tríptico romano*” (março de 2003), “*Levantai-vos! Vamos!*” (maio de 2004) e “*Memória e identidade*” (fevereiro de 2005).

João Paulo II presidiu pessoalmente 147 cerimônias de beatificação, durante as quais proclamou 1.338 beatos, e 51 cerimônias de canonização, tendo proclamado 482 novos santos. Convocou 9 consistórios, nos quais nomeou 231 cardeais (um deles *in pectore*). Presidiu 6 assembleias plenárias do Colégio dos Cardeais. Desde 1978 convocou 15 assembleias do Sínodo dos Bispos; 6 ordinárias (1980, 1983, 1987, 1990, 1994 e 2001), uma assembleia geral extraordinária (1985) e 8 assembleias especiais (1980, 1991, 1994, 1995, 1997, 1998 [2] e 1999).

No dia 13 de maio de 1981 ocorreu na Praça de S. Pedro um frustrado atentado contra a sua vida. Salvo pela maternal proteção de Nossa Senhora, após deixar o hospital perdoou ao autor do atentado e, consciente do dom da vida novamente recebido, com redobrada energia voltou às tarefas pastorais, dedicando-se a elas de forma heroica.

O seu desvelo pastoral encontrou uma especial manifestação, por exemplo, na criação de numerosas dioceses, na promulgação de Códigos do direito canônico para a Igreja latina e para as Igrejas orientais e na promulgação do Catecismo da Igreja Católica. Momentos especialmente importantes para o aprofundamento da fé do Povo de Deus foram a proclamação do Ano da Redenção, do Ano Mariano e do Ano da Eucaristia, bem com a proclamação do Grande Jubileu do ano 2000. Uma expressão do seu vivo desvelo apostólico foi a proposta da convocação dos Dias Mundiais da Juventude.

Nenhum dos seus predecessores encontrou-se com um número tão grande de fiéis: das audiências gerais, que se realizaram em número de 1.160, participaram conjuntamente 17.600.000 peregrinos, sem contar aqueles que participaram das audiências especiais, das assembleias litúrgicas e dos encontros no âmbito das peregrinações apostólicas.

No decorrer do Grande Jubileu do ano 2000, o papa encontrou-se com mais de 8 milhões de fiéis. Um capítulo especial foram os encontros com representantes do mundo político: realizaram-se 38 visitas oficiais e 738 audiências concedidas a chefes de estado, bem como 246 audiências concedidas a chefes de governos.

Faleceu no seu apartamento no Vaticano no sábado 2 de abril de 2005, às 21h37h, na vigília do domingo da Pascoela, Festa da Divina Misericórdia, que ele instituiu. As solenidades do sepultamento realizaram na Praça de S. Pedro no dia 8 de abril daquele ano. (*Rádio Vaticano 01.05.11*)

RESUMO – STRESZCZENIE

Zgodnie z tradycją przyjętą w Kościele przy beatyfikacji, kardynał przedstawiający kandydata na ołtarze, czyta jego życiorys, który staje się oficjalnym dokumentem Watykanu, odnoszącym się do przyszedłego błogosławionego. Tak też stało się przy beatyfikacji Jana Pawła II. Jest to oficjalny Jego życiorys.

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

(Átrio da Basílica Vaticana Domingo, 1º de Maio de 2011)

Amados irmãos e irmãs,

Passaram já seis anos desde o dia em que nos encontrávamos nesta Praça para celebrar o funeral do Papa João Paulo II. Então, se a tristeza pela sua perda era profunda, maior ainda se revelava a sensação de que uma graça imensa envolvia Roma e o mundo inteiro: graça esta, que era como que o fruto da vida inteira do meu amado Predecessor, especialmente do seu testemunho no sofrimento. Já naquele dia sentíamos pairar o perfume da sua santidade, tendo o Povo de Deus manifestado de muitas maneiras a sua veneração por ele. Por isso, quis que a sua Causa de Beatificação pudesse, no devido respeito pelas normas da Igreja, prosseguir com discreta celeridade. E o dia esperado chegou! Chegou depressa, porque assim aprovou ao Senhor: João Paulo II é Beato!

Desejo dirigir a minha cordial saudação a todos vós que, nesta circunstância feliz, vos reunistes, tão numerosos, aqui em Roma vindos de todos os cantos do mundo: cardeais, patriarcas das Igrejas Católicas Orientais, irmãos no episcopado e no sacerdócio, delegações oficiais, embaixadores e autoridades, pessoas consagradas e fiéis leigos; esta minha saudação estende-se também a quantos estão unidos conosco através do rádio e da televisão.

Estamos no segundo domingo de Páscoa, que o Beato João Paulo II quis intitular Domingo da Divina Misericórdia. Por isso, se escolheu esta data para a presente celebração, porque o meu Predecessor, por um desígnio providencial, entregou o seu espírito a Deus justamente ao anoitecer da vigília de tal ocorrência. Além disso, hoje tem início o mês de Maio, o mês de Maria; e neste dia celebra-se também a memória de São José operário. Todos estes elementos concorrem para enriquecer a nossa oração; servem-nos de ajuda, a nós que ainda peregrinamos no tempo e no espaço; no Céu, a festa entre os Anjos e os Santos é muito diferente! E todavia Deus é um só, e um só é Cristo Senhor que, como uma ponte, une a terra e o Céu, e neste momento sentimo-lo muito perto, sentimo-nos quase participantes da liturgia celeste.

«Felizes os que acreditam sem terem visto» (Jo 20, 29). No Evangelho

de hoje, Jesus pronuncia esta bem-aventurança: a bem-aventurança da fé. Ela chama de modo particular a nossa atenção, porque estamos reunidos justamente para celebrar uma Beatificação e, mais ainda, porque o Beato hoje proclamado é um Papa, um Sucessor de Pedro, chamado a confirmar os irmãos na fé. João Paulo II é Beato pela sua forte e generosa fé apostólica. E isto traz imediatamente à memória outra bem-aventurança: «Feliz de ti, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne e o sangue que to revelaram, mas sim meu Pai que está nos Céus» (*Mt 16, 17*). O que é que o Pai celeste revelou a Simão? Que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus vivo. Por esta fé, Simão se torna «Pedro», rocha sobre a qual Jesus pode edificar a sua Igreja. A bem-aventurança eterna de João Paulo II, que a Igreja tem a alegria de proclamar hoje, está inteiramente contida nestas palavras de Cristo: «Feliz de ti, Simão» e «felizes os que acreditam sem terem visto». É a bem-aventurança da fé, cujo dom também João Paulo II recebeu de Deus Pai para a edificação da Igreja de Cristo.

Entretanto perpassa pelo nosso pensamento mais uma bem-aventurança que, no Evangelho, precede todas as outras. É a bem-aventurança da Virgem Maria, a Mãe do Redentor. A Ela, que acabava de conceber Jesus no seu ventre, diz Santa Isabel: «Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor» (*Lc 1, 45*). A bem-aventurança da fé tem o seu modelo em Maria, pelo que a todos nos enche de alegria o facto de a beatificação de João Paulo II ter lugar no primeiro dia deste mês mariano, sob o olhar materno d'Aquela que, com a sua fé, sustentou a fé dos Apóstolos e não cessa de sustentar a fé dos seus sucessores, especialmente de quantos são chamados a sentar-se na cátedra de Pedro. Nas narrações da ressurreição de Cristo, Maria não aparece, mas a sua presença pressente-se em toda a parte: é a Mãe, a quem Jesus confiou cada um dos discípulos e toda a comunidade. De forma particular, notamos que a presença real e materna de Maria aparece assinalada por São João e São Lucas nos contextos que precedem tanto o Evangelho como a primeira Leitura de hoje: na narração da morte de Jesus, onde Maria aparece aos pés da Cruz (*Jo 19, 25*); e, no começo dos *Atos dos Apóstolos*, que a apresentam no meio dos discípulos reunidos em oração no Cenáculo (*Act 1, 14*).

Também a segunda Leitura de hoje nos fala da fé, e é justamente São Pedro que escreve, cheio de entusiasmo espiritual, indicando aos recém-batizados as razões da sua esperança e da sua alegria. Aproz-

me observar que nesta passagem, situada na parte inicial da sua *Primeira Carta*, Pedro exprime-se não no modo exortativo, mas indicativo. De facto, escreve: «Isto vos *enche* de alegria»; e acrescenta: «Vós *amais* Jesus Cristo sem O terdes conhecido, e, como n'Ele *acreditais* sem O verdes ainda, *estais* cheios de alegria indescritível e plena de glória, por *irdes alcançar* o fim da vossa fé: a salvação das vossas almas» (1 *Ped* 1, 6.8-9). Está tudo no indicativo, porque existe uma nova realidade, gerada pela ressurreição de Cristo, uma realidade que nos é acessível pela fé. «Esta é uma obra admirável – diz o Salmo (118, 23) – que o Senhor realizou aos nossos olhos», os olhos da fé.

Queridos irmãos e irmãs, hoje diante dos nossos olhos brilha, na plena luz de Cristo ressuscitado, a amada e venerada figura de João Paulo II. Hoje, o seu nome junta-se à série dos Santos e Beatos que ele mesmo proclamou durante os seus quase 27 anos de pontificado, lembrando com vigor a vocação universal à medida alta da vida cristã, à santidade, como afirma a Constituição conciliar *Lumen gentium* sobre a Igreja. Os membros do Povo de Deus – bispos, sacerdotes, diáconos, fiéis leigos, religiosos e religiosas – todos nós estamos a caminho da Pátria celeste, tendo-nos precedido a Virgem Maria, associada de modo singular e perfeito ao mistério de Cristo e da Igreja. Karol Wojtyła, primeiro como Bispo Auxiliar e depois como Arcebispo de Cracóvia, participou no Concílio Vaticano II e bem sabia que dedicar a Maria o último capítulo da Constituição sobre a Igreja significava colocar a Mãe do Redentor como imagem e modelo de santidade para todo o cristão e para a Igreja inteira. Foi esta visão teológica que o Beato João Paulo II descobriu na sua juventude, tendo-a depois conservado e aprofundado durante toda a vida; uma visão, que se resume no ícone bíblico de Cristo crucificado com Maria ao pé da Cruz. Um ícone que se encontra no Evangelho de João (19, 25-27) e está sintetizado nas armas episcopais e, depois, papais de Karol Wojtyła: uma cruz de ouro, um «M» na parte inferior direita e o lema «*Totus tuus*», que corresponde à conhecida frase de São Luís Maria Grignon de Monfort, na qual Karol Wojtyła encontrou um princípio fundamental para a sua vida: «*Totus tuus ego sum et omnia mea tua sunt. Accipio Te in mea omnia. Praebe mihi cor tuum, Maria* – Sou todo vosso e tudo o que possuo é vosso. Tomo-vos como toda a minha riqueza. Dai-me o vosso coração, ó Maria» (*Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, n. 266).

No seu Testamento, o novo Beato deixou escrito: «Quando, no dia 16

de Outubro de 1978, o conclave dos cardeais escolheu João Paulo II, o Card. Stefan Wyszyński, Primaz da Polónia, disse-me: “A missão do novo Papa será a de introduzir a Igreja no Terceiro Milénio”». E acrescenta: «Desejo mais uma vez agradecer ao Espírito Santo pelo grande dom do Concílio Vaticano II, do qual me sinto devedor, juntamente com toda a Igreja e sobretudo o episcopado. Estou convencido de que será concedido ainda por muito tempo, às sucessivas gerações, haurir das riquezas que este Concílio do século XX nos prodigalizou. Como Bispo que participou no evento conciliar, desde o primeiro ao último dia, desejo confiar este grande património a todos aqueles que são, e serão, chamados a realizá-lo. Pela minha parte, agradeço ao Pastor eterno que me permitiu servir esta grandíssima causa ao longo de todos os anos do meu pontificado». E qual é esta causa? É a mesma que João Paulo II enunciou na sua primeira Missa solene, na Praça de São Pedro, com estas palavras memoráveis: «Não tenhais medo! Abri, melhor, escancarai as portas a Cristo!». Aquilo que o Papa recém-eleito pedia a todos, começou, ele mesmo, a fazê-lo: abriu a Cristo a sociedade, a cultura, os sistemas políticos e económicos, invertendo, com a força de um gigante – força que lhe vinha de Deus –, uma tendência que parecia irreversível. Com o seu testemunho de fé, de amor e de coragem apostólica, acompanhado por uma grande sensibilidade humana, este filho exemplar da Nação Polaca ajudou os cristãos de todo o mundo a não ter medo de se dizerem cristãos, de pertencerem à Igreja, de falarem do Evangelho. Numa palavra, ajudou-nos a não ter medo da verdade, porque a verdade é garantia de liberdade. Sintetizando ainda mais: deu-nos novamente a força de crer em Cristo, porque Cristo é o Redentor do homem – *Redemptor hominis*: foi este o tema da sua primeira Encíclica e o fio condutor de todas as outras.

Karol Wojtyła subiu ao sólio de Pedro trazendo consigo a sua reflexão profunda sobre a confrontação entre o marxismo e o cristianismo, centrada no homem. A sua mensagem foi esta: o homem é o caminho da Igreja, e Cristo é o caminho do homem. Com esta mensagem, que é a grande herança do Concílio Vaticano II e do seu «timoneiro» – o Servo de Deus Papa Paulo VI –, João Paulo II foi o guia do Povo de Deus ao cruzar o limiar do Terceiro Milénio, que ele pôde, justamente graças a Cristo, chamar «limiar da esperança». Na verdade, através do longo caminho de preparação para o Grande Jubileu, ele conferiu ao cristianismo uma renovada orientação para o futuro, o futuro de Deus, que é transcendente relativamente à história, mas

incide na história. Aquela carga de esperança que de certo modo fora cedida ao marxismo e à ideologia do progresso, João Paulo II legitimamente reivindicou-a para o cristianismo, restituindo-lhe a fisionomia autêntica da esperança, que se deve viver na história com um espírito de «advento», numa existência pessoal e comunitária orientada para Cristo, plenitude do homem e realização das suas expectativas de justiça e de paz.

Por fim, quero agradecer a Deus também a experiência de colaboração pessoal que me concedeu ter longamente com o Beato Papa João Paulo II. Se antes já tinha tido possibilidades de o conhecer e estimar, desde 1982, quando me chamou a Roma como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, pude durante 23 anos permanecer junto dele crescendo sempre mais a minha veneração pela sua pessoa. O meu serviço foi sustentado pela sua profundidade espiritual, pela riqueza das suas intuições. Sempre me impressionou e edificou o exemplo da sua oração: entranhava-se no encontro com Deus, inclusive no meio das mais variadas incumbências do seu ministério. E, depois, impressionou-me o seu testemunho no sofrimento: pouco a pouco o Senhor foi-o despojando de tudo, mas permaneceu sempre uma «rocha», como Cristo o quis. A sua humildade profunda, enraizada na união íntima com Cristo, permitiu-lhe continuar a guiar a Igreja e a dar ao mundo uma mensagem ainda mais eloquente, justamente no período em que as forças físicas definhavam. Assim, realizou de maneira extraordinária a vocação de todo o sacerdote e bispo: tornar-se um só com aquele Jesus que diariamente recebe e oferece na Igreja.

Feliz és tu, amado Papa João Paulo II, porque acreditaste! Continua do Céu – nós te pedimos – a sustentar a fé do Povo de Deus. Muitas vezes, do Palácio, tu nos abençoaste nesta Praça! Hoje nós te pedimos: Santo Padre, abençoa-nos! Amém.

RESUMO – STRESZCZENIE

Powyżej publikujemy kazanie wygłoszone przez papieża Benedykta XVI dnia 1 maja 2011 r. w czasie beatyfikacji Jana Pawła II. Papież przedstawia jego życie w odniesieniu do ważnych spraw Kościoła i świata. Stawia go jako wzór do naśladowania w wymiarze nie tylko indywidualnym, ale również społecznym. Wierny uczeń Chrystusa, który poświęcił życie dla Królestwa Bożego w świecie.

JOÃO PAULO II ENTRE OS BEATOS: ALEGRIA NA POLÔNIA

Num período excepcionalmente breve de seis anos após a morte de Karol Wojtyła, Bento XI elevou o seu predecessor à honra dos altares. Os nossos compatriotas encontrados no Vaticano, quando perguntados pelos repórteres da PAP, expressavam a sua alegria pela beatificação e a esperança de uma rápida canonização de João Paulo II.

Para as solenidades de beatificação no Vaticano vieram algumas dezenas de milhares de poloneses, junto com o presidente Bronisław Komorowski, políticos e uma numerosa delegação da Igreja polonesa.

Estiveram presentes cerca de 90 delegações oficiais do mundo inteiro. Muitos peregrinos que não encontraram espaço na repleta Praça de S. Pedro ouviram a missa nas ruas próximas e até nas pontes do rio Tibre. Segundo informações dos meios de comunicação, depois dos italianos, os mais numerosos no Vaticano foram os poloneses (80 mil) e os franceses (40 mil).

Juntamente com o papa, concelebraram a missa vários cardeais, alguns deles da Polônia, além de um arcebispo (Mieczysław Mokrzycki) – de Lvov. Foi feita para ele uma exceção, por ter sido secretário do papa polonês.

Às 10h37 Bento XVI pronunciou em latim a fórmula: “Atendendo ao desejo do nosso irmão Agostino cardeal Vallini, nosso vigário-geral para a diocese de Roma, de muitos outros irmãos no episcopado e de numerosos fiéis, tendo buscado a opinião da Congregação das Causas de Canonização, pela nossa autoridade apostólica concordamos que o Venerável Servo de Deus João Paulo II, papa, a partir deste momento seja chamado beato, e que a sua festa possa ser comemorada, nos lugares e de acordo com as regras estabelecidas pela legislação, no dia 22 de outubro de cada ano. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

Essas palavras provocaram euforia na Praça de S. Pedro. Os fiéis batiam palmas e gritavam “Giovanni Paolo!”. Sobre as cabeças dos presentes tremulavam centenas de milhares de bandeiras, entre as quais muitas polonesas. Em muitos peregrinos a emoção fazia brotar lágrimas nos olhos; essa emoção contagiou também o antigo secretário do papa e hoje metropolitano de Cracóvia, cardeal Stanisław Dziwisz.

Em sua homilia Bento XVI enfatizou que já no dia do sepultamento de João Paulo II “sentíamos exalando-se o perfume da santidade, e o Povo de Deus de diversas formas demonstrando a sua veneração”. “Por isso eu queria que – com a necessária obediência à legislação da Igreja – o seu processo de beatificação se realizasse da forma possivelmente mais rápida. E eis que chegou o esperado dia; chegou depressa, visto que esse era o desejo de Deus: João Paulo II é beato” – acrescentou o papa, aplaudido pelos fiéis.

Bento XVI lembrou as palavras de João Paulo II: “Não tenham medo! Abram, abram de par em par as portas a Cristo!”. “Aquilo que o recém-eleito Papa pediu a todos, ele mesmo anteriormente havia feito: abriu para Cristo a sociedade, a cultura, os sistemas políticos e econômicos, afastando – com a força de um gigante, com a força que hauria de Deus – uma tendência que parecia ser irreversível” – acrescentou o pontífice.

Em polonês, o Papa disse: “Pelo seu testemunho de fé, amor e coragem apostólica, repleto de sensibilidade humana, esse ilustre filho da Nação Polonesa ajudou aos cristãos no mundo inteiro a não temer ser cristãos, pertencer à Igreja, anunciar o Evangelho. Numa palavra: ajudou-nos a não temer a verdade, visto que a verdade é a garantia da liberdade”. No final, em polonês, Bento XVI saudou cordialmente os poloneses que participavam da beatificação pessoalmente ou através dos meios de comunicação. “Saúdo os cardeais, os bispos, os sacerdotes, as pessoas consagradas e todos os fiéis. Saúdo os representantes das autoridades civis e territoriais, presididos pelo Senhor Presidente. Confio todos à intercessão do vosso beato Compatriota, papa João Paulo II. Que ele alcance para vós e para a sua Pátria terrena o dom da paz, da unidade e de toda prosperidade” – acrescentou.

Após a missa da beatificação, encontrou-se com o papa o presidente Komorowski. Ele agradeceu ao papa pela beatificação de João Paulo II. A seguir o presidente e sua esposa fizeram uma oração junto ao caixão do beato papa polonês exposto ao público. Mais tarde o presidente Komorowski, juntamente com o cardeal Dziwisz, ofereceram no Vaticano um solene almoço para cerca de 600 convidados, entre os quais estavam os presidentes do Parlamento e do Senado – Grzegorz Schetyna e Bogdan Boruszewicz, os ex-presidentes Lech Wałęsa e Aleksander Kwaśniewski, o ex-premiê Tadeusz Mazowiecki, o corpo diplomático e representantes de bancadas parlamentares.

“Sabemos que João Paulo II não se tornou santo hoje; ele foi santo durante a sua vida toda, pelo seu ministério sacerdotal, episcopal e pontifício” – avaliou o primaz da Polônia, arcebispo Józef Kowalczyk. Acrescentou que Bento XVI formulou votos para que os poloneses construíssem o bem comum em mútua solidariedade e concórdia, não em dissensão. “Essas brigas e desavenças, não se sabe por quê, à luz da solenidade de hoje apenas nos ridicularizam a comprometem diante do mundo” – acrescentou o primaz.

O presidente da Conferência do Episcopado da Polônia, arcebispo Józef Michalik, enfatizou que “vale a pena ser santo, porque isso merece reconhecimento não apenas junto a Deus, mas também diante dos homens”. “O mundo não é tão mau como pensamos, se assim reage a um valor como é a santidade de João Paulo II. Espantoso é esse sentimento, que não se extinguiu, e isso no mundo inteiro. Espantoso é o vínculo interior que as pessoas sentem diante desse para” – acredita o arcebispo Michalik.

O bispo campal do Exército Polonês, Józef Guzdek, lembrou que no dia 2 de abril de 2005 eram incompreensíveis para os poloneses os aplausos na Praça de S. Pedro. “Hoje esses aplausos foram numerosos, e eles já eram compreensíveis. Simplesmente era a grande alegria, e ao mesmo tempo a gratidão pela extraordinária, santa vida de João Paulo II” – disse ele.

O bispo Tadeusz Pieronek expressou a opinião de que a Igreja “apressou-se com a beatificação justamente para que depressa se chagasse à canonização”. “Reina a convicção geral, e de Roma vêm sinais de que isso vai ocorrer dentro de dois, três anos” – acrescentou.

O poeta Marek Skwarnicki, amigo de Karol Wojtyła, disse que vivenciou profundamente a solenidade da beatificação. “Bento XI surpreendeu-me com o que disse. Isso podia ter sido solene, mas muito suave. No entanto o papa falou com o sentimento de alguém que foi amigo de João Paulo II. O próprio fato de ter acrescentado algumas palavras provenientes de si mesmo confirma isso” – assinou Skwarnicki.

Segundo o presidente Komorowski, as palavras de João Paulo II aos poloneses – “para refletirmos se queremos ser uma parcela da Europa que se integra – tiveram um gigantesco significado para edificar a convicção – até hoje válida – de que se pode participar da grande transformação da modernização trazida pela integração europeia e ao mesmo tempo permanecer fiel ao sistema de valores, à tradição, à língua, à cultura e também à fé dos antepassados”. Em

sua opinião, João Paulo II tem uma grande participação na convicção dos poloneses de que eles têm um importante papel a desempenhar no processo da integração europeia.

Wałęsa falou após a beatificação que rezou e agradeceu a Deus “por poder viver em tais tempos”. “Pensei também naquilo que nos deixou o Santo Padre” – acrescentou o ex-presidente. Kwaśniewski disse, por sua vez, que é importante “que saibamos dar ouvido àquilo que nos disse o papa, que sejamos melhores discípulos do que até agora”.

“João Paulo II foi um modelo, uma inspiração, um papa polonês, uma pessoa que realmente nos abriu o caminho à liberdade. A Polônia não se encontraria neste lugar, e nós, como poloneses, não estaríamos hoje neste lugar em que nos encontramos se não fosse João Paulo II” – avaliou Schetyna.

“Uma maravilhosa, comovente solenidade. A quantidade de pessoas na Praça de S. Pedro ultrapassou as minhas mais corajosas expectativas. Um belo sermão, um belo ritual desse dia para os poloneses” – assim falou a respeito da solenidade da beatificação o presidente do Senado.

“A solenidade foi muito profunda e foi mostrada com muita propriedade a personalidade do papa João Paulo II. Estou muito satisfeito. Foi um grande dia, mas também uma comovente solenidade” – enfatizou o ex-premiê Tadeusz Mazowiecki.

Também esteve presente às solenidades a antiga chefe da União dos Poloneses na Bielorrússia, Andželika Borys. “Para mim, essa solenidade foi a consolidação dos poloneses do Oriente e do Ocidente, pela qual o papa tanto se empenhou” – disse ela à PAP.

Milhares de peregrinos do mundo inteiro, entre os quais numerosos grupos de poloneses, encontravam-se na gigantesca fila na entrada da basílica de S. Pedro para prestar uma homenagem ao beato João Paulo II, cujo caixão foi exposto diante do Altar da Confissão. No dia seguinte o caixão seria depositado na sepultura, na Capela de S. Sebastião da basílica de S. Pedro, nas proximidades da *Pietà* de Michelangelo.

Missas de ação de graças pela beatificação foram celebradas em muitos lugares da Polônia. Foram colocados telões que possibilitavam ver a transmissão de Roma.

Em Varsóvia, apesar do frio e da chuva, cerca de 3.500 pessoas reuniram-se na Praça Piłsudski, e algumas centenas em Wilanów, na praça diante do Santuário da Divina Providência. Na sua fachada foi esten-

dido um gigantesco retrato da beatificação de João Paulo II, formado com 105 mil fotos enviadas.

Milhares de peregrinos reuniram-se no mercado de Wadowice – terra natal do papa. “Se algumas dezenas, algumas dezenas de milhões de pessoas decidissem fazer ao menos uma coisa boa quando pensam no nosso papa, a Polônia e a vida em nossa volta seriam muito melhores. Mas é preciso saber começar a partir de si mesmo” – disse o premiê Donald Tusk, que naquele dia se encontrava em Wadowice.

Cerca de 120 mil peregrinos participaram das solenidades no Santuário da Divina Misericórdia em Cracóvia-Łagiewniki. Durante a missa, ao altar campal foram trazidas relíquias de João Paulo II – uma ampulheta com o seu sangue, entregue ao guardião do santuário de Łagiewniki, o bispo Jan Zając.

(Rádio Vaticano, 1.05.2011)

RESUMO – STRESZCZENIE

Beatyfikacja Jana Pawła II ogarnęła cały świat wielką radością. Chrześcijanie na wszystkich kontynentach dziękowali Bogu za to wyniesienie na ołtarze człowieka, który przez 27 lat kierował Kościołem Chrystusa. Polacy na całym świecie okazywali tę radość bardzo głęboko i spontanicznie. Rzym zapęłnił się tysiącami naszych rodaków, z najwyższymi władzami na czele. Polska natomiast stała się jakby jedną świątynią, z której płynęły modlitwy dziękczynienia za beatyfikację Jana Pawła II.

O SERVO DE DEUS JOÃO PAULO II TORNA-SE BEATO

*Pe. Edward WALEWANDER**

Apesar de já se terem passado vários anos desde que se afastou para a Casa do Pai, João Paulo II continua sempre presente em nossa consciência. Todos nos lembramos muito bem daquele dia extraordinário para os poloneses – 16 de outubro de 1978. Um dia repleto de euforia. De uma euforia tanto maior porque inesperada, imprevista. Na noite daquele dia espalhou-se pelo mundo inteiro a sensacional notícia: havia sido eleito papa o cardeal Karol Wojtyła, de Cracóvia.

Alguns meses mais tarde, na Praça da Vitória, em Varsóvia, João Paulo II pronunciou as memoráveis palavras: “Vinde, ó Santo Espírito! Vinde, ó Santo Espírito e renovai a face da terra! Desta terra...”. Todas as vezes que delas nos lembramos, elas produzem em nós a mesma e profunda impressão que então produziram. Essas palavras tinham uma força extraordinária. Ressoaram por toda a Polônia durante a primeira visita do papa à Pátria, que na situação política de então parecia ser algo inteiramente inimaginável. No entanto essa situação ocorreu! Ela devolveu aos poloneses o sentimento da unidade nacional e fortaleceu-os na fé católica, despertou neles a esperança. Em breve, graças a essa mudança de mentalidade, surgiu na sociedade a força do ímpeto de agosto, que culminou no surgimento do “Solidariedade”.

Tanto daquela primeira como de todas as posteriores peregrinações do papa polonês à Pátria, participaram milhões de pessoas. Espontaneamente seguiam os seus passos, utilizando-se de diversos meios de locomoção. Permaneciam horas, enfrentando o calor e a chuva, nas praças defronte a catedrais, nos mercados das cidades, nos estádios e em extensas áreas abertas para ouvir os seus ensinamentos e juntamente com Ele glorificar a Deus. Muitos de nós lembram-se disso por terem sido testemunhas oculares; outros, das transmissões radiofônicas e televisivas, em grande medida manipuladas, exigidas dos governantes em consequência da pressão da opinião pública mundial.

* Professor Doutor, leciona na Universidade Católica de João Paulo II (KUL) em Lublin, Polônia.

Continuam a ressoar em nossos ouvidos aquelas palavras de despedida: “Fique conosco! Fique conosco!” – repetidas sempre antes do regresso do Santo Padre a Roma. Esse pedido, impossível de ser atendido, vinha acompanhado pelo cântico coletivo da sua predileta “Barca”, conclamando a seguir os passos do Senhor.

Muitos de nós encontraram-se com João Paulo II pessoalmente. Nós ouvíamos as Suas palavras na Praça de São Pedro, em Roma, ou em outros lugares do mundo. Alguns tiveram a felicidade de participar de audiências particulares no Vaticano. Os poloneses admiravam o “seu” papa. Eles o amavam e dele sentiam orgulho. Interessavam-se pelas suas viagens apostólicas por todos os continentes. O pontificado de João Paulo II trouxe-lhes também muitos receios e inquietações. Mais de uma vez ele expôs à prova a fé na Providência. A fulminante notícia sobre o atentado de Ali Agca quase fez parar os nossos corações. Preocupavam-nos as doenças, os sofrimentos e a crescente deficiência física do Santo Padre. Passamos por vivências espirituais especialmente profundas nos últimos dias de vida de João Paulo II, quando o acompanhamos no seu afastamento a Deus e, depois, quando participamos, pessoalmente ou por intermédio dos meios de comunicação, do seu místico sepultamento. Tais momentos jamais podem ser esquecidos!

Quase em toda casa polonesa são guardadas com reverência diversas lembranças das peregrinações e dos encontros com o “nosso” papa. Muitas famílias orgulham-se de ter uma foto com o Santo Padre, que elas consideram quase como uma relíquia, guardando-a num álbum ou expondo-a em algum lugar visível da casa. Muitas pessoas colecionam os trabalhos científicos e literários de Karol Wojtyła, gravações e publicações dos documentos, discursos e pronunciamentos de João Paulo II. Outros colecionam belos álbuns que documentam a biografia do menino de Wadowice que se tornou chefe da Igreja universal.

Tudo isso é muito bonito, comovente e necessário. Mas as lembranças, as emoções e os gestos exteriores não são suficientes. O mais importante é que conheçamos bem os ensinamentos de João Paulo II e os realizemos no dia a dia em nossa vida. Dar esse testemunho é indispensável principalmente agora, quando até pessoas que em público se denominam católicas procedem de forma incompatível com a doutrina da Igreja. Existem também aqueles que, com premeditação e utilizando-se de meios refinados, podam as raízes da fé em nossa nação. Outros ainda a tal ponto se familiarizaram com o papa – chamado com frequência cada vez maior de João Paulo Mag-

no – que já não percebem o caráter excepcional e a grandeza do seu pontificado.

Por acaso não somos semelhantes aos habitantes de Nazaré, aos quais Jesus disse um dia com amargura: “Nenhum profeta é bem recebido em sua pátria” (Lc 4: 24)? Os compatriotas O agrediram de punhos abertos. Chegou a tal ponto que “levantando-se, expulsaram-no para fora da cidade e o conduziram até um cimo da colina sobre a qual a cidade estava construída, com intenção de precipitá-lo de lá” (Lc 4: 29). “Ele, porém” – como escreve o Evangelista Lucas – “passando pelo meio deles, prosseguia seu caminho...” (Lc 4: 30).

Não podemos permitir que João Paulo II passe pelo meio de nós e se afaste como outrora o fez o Seu e o nosso Mestre. Atualmente – mais do que em qualquer outra ocasião no passado – necessitamos da Sua doutrina e do Seu modelo de vida. Ele nos estimulava a que confiássemos plenamente em Cristo. O pedido para que o Espírito Santo desça sobre a terra polonesa permanece sendo uma necessidade urgente do momento. O sopro do Espírito Santo é necessário em todos os lugares do mundo. Cabe-nos parafrasear as palavras dos apóstolos, que eles dirigiram a Cristo: “João Paulo Magno, a quem iremos? A Tua doutrina sobre o Salvador como centro do universo e da história é para nós a esperança e o caminho. Não queremos esquecer, e sabemos disso muito bem, que é Jesus quem tem as palavras de vida eterna” (cf Jo 6: 68).

O mundo liberal de hoje, que rejeita todos os princípios – além daqueles que lhe asseguram uma segurança, aliás ilusória – nem quer ouvir falar disso. Mas, pensando sobriamente, temos de reconhecer que até agora nada de melhor tem sido inventado. Por isso é preciso escolher. Escolher como sempre. Seguindo os passos do nosso grande Compatriota, escolhemos Cristo, para que não nos extraviemos e para que a nossa aversão, ou talvez até o nosso ódio mútuo, incutidos no dia a dia de diversas formas, não ceguem a ninguém. O autor inspirado do Livro da Sabedoria advertia para não nos encontrarmos em meio àqueles que “ignoram os segredos de Deus” (Sb 2: 22).

João Paulo II deixou-nos a grande riqueza da Sua doutrina, contida principalmente em Suas catorze encíclicas. Talvez saibamos disso, mas será que conhecemos essa doutrina e a compreendemos corretamente? O significado do pensamento do Santo Padre e da sua profunda atualidade para o mundo de hoje não precisam ser aqui comprovados.

No caminho da vida que conduz a Deus, o homem procura guias. O guia é um espírito protetor. Enquanto vive, ajuda ativamente com a sua ação, a sua oração. Após a morte, ensina através do seu exemplo e daquilo que deixou como obra de sua vida. Para nós, um guia insubstituível continua sendo João Paulo II, poderoso como os profetas do Antigo Testamento. Grande, porque imitou os modelos dos heróis da fé e da entrega a Deus.

Foi-nos necessário enquanto viveu como Vigário de Cristo na terra, mas também como nosso Compatriota, como Amigo, como Mestre. E continua sendo-nos necessário. É muito importante ser necessário a alguém. O mundo arrojante de hoje é governado pelas leis implacáveis do livre mercado e pela competição nem sempre honesta. Trata-se de um mundo repleto de suspeitas, de dúvidas, de sentimentos insinceros. Mas as pessoas – especialmente os jovens – anseiam outra plenitude. Desejam a verdadeira, a autêntica fé, esperança e amor. E encontram esses valores nos textos e na doutrina de João Paulo II. E também em Sua vida. Temos necessidade da pedagogia da santidade. O Santo Padre tem conclamado a ela muitas vezes.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor tekstu snuje swoje refleksje po uroczystości beatyfikacji Papieża Jana Pawła II. Przedstawia przed nami pewną panoramę obecności Papieża-Polaka, Jego wpływu na Polskę oraz swoich rodaków. Autor tekstu wyraża życzenie, aby Osoba błogosławionego Jana Pawła nie pozostała tylko we wspomnieniach, czy pamiątkowych zdjęciach ze spotkania z Nim. Polacy winni wziąć na poważnie całe nauczanie Papieża i Jego przykład życia!

A COLÔNIA POLONESA GRATA PELA BEATIFICAÇÃO DE JOÃO PAULO II

*Zdzislaw MALCZEWSKI SChr**

Em Curitiba, capital da colônia polonesa brasileira, no Parque João II realizou-se no dia 22 de maio uma solenidade de ação de graças pela beatificação do Santo Padre João II. A solene missa concelebrada foi presidida por Dom Rafael Biernaski, bispo auxiliar da arquidiocese de Curitiba e neto de imigrantes poloneses. A organização dessa solenidade coube à Missão Católica Polonesa no Brasil.

Neste ponto, cabe um esclarecimento a respeito de por que só então agradecemos a Deus pela beatificação de João Paulo II. Eis que no dia 1 de maio tradicionalmente é celebrada em Curitiba, diante do palácio do governo, a missa dos trabalhadores, e neste ano também ocorreu a ação de graças pela beatificação de João Paulo II. No segundo domingo de maio é comemorado no Brasil o Dia das Mães, de maneira que não se podia nesse dia separar as famílias, ou seja, “retirar” os fiéis das suas paróquias. No terceiro domingo de maio realizou-se na paróquia polonesa a festa em honra de S. Estanislau, Bispo e Mártir, então não queríamos dividir a comunidade. Diante disso, foi no domingo 22 de maio que foi prestada essa homenagem a Deus pelo novo beato João Paulo II.

No centro da capital paranaense, no Parque João Paulo II, onde se encontra um museu etnográfico polonês a céu aberto, no domingo à tarde, num ensolarado clima de outono, foi celebrada uma solene missa campal de ação de graças pela beatificação de João Paulo II, que esteve na cidade em 1980, por ocasião da sua primeira visita apostólica ao Brasil. No dia 5 de julho daquele ano o Santo Padre João Paulo II encontrou-se no Estádio Couto Pereira com a colônia polonesa do Brasil. Para esse evento, foi trazida para o estádio uma casa de imigrantes poloneses original, construída de madeira e sem a utilização de pregos. Na entrada dessa casa os representantes da colônia polonesa saudaram o Santo Padre com pão e sal. Como lembrança desse histórico acontecimento, João Paulo II ofereceu à comunidade polônica uma grande imagem de Nossa Senhora de Częstochowa com o seu autógrafo. Atualmente a casa em que foi saudado João Paulo II encontra-se no parque com o seu nome e trans-

* Redator da revista “Polonicus”.

formou-se numa capela onde membros da colônia polonesa e outras pessoas fazem suas orações pessoais.

A imagem de Nossa Senhora de Czestochowa foi levada até o altar numa solene procissão por membros da guarda municipal em trajes de gala. A solene e majestosa Eucaristia foi presidida pelo bispo Dom Rafael Biernaski, com o qual concelebraram alguns sacerdotes poloneses.

O Coral João Paulo II apoiou as nossas orações de ação de graças com os seus cânticos. Antes do início da Eucaristia o reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil saudou todos os presentes e o bispo celebrante e esboçou o aspecto histórico dessa comemoração polônica. Por sua vez o ex-reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, o pe. Benedito Grzymkowski SChr, falou aos presentes das visita apostólica de João Paulo II no dias 5-6 de julho de 1980 em Curitiba.

Em sua homilia, o hierarca polônico enumerou as virtudes do novo beato, a sua influência no fortalecimento da fé nos países que visitou como Sucessor de S. Pedro, bem como a sua contribuição para mudanças políticas e culturais. O bispo Biernaski concluiu a sua reflexão invocando a intercessão de Nossa Senhora de Czestochowa e do beato João Paulo II.

Antes do encerramento da missa de ação de graças, o reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil dirigiu palavras de agradecimento ao bispo Dom Rafael Biernaski, aos sacerdotes concelebrantes, ao Coral João Paulo II, à Senhora Danuta Lisicki de Abreu – coordenadora do parque e a todos os presentes pela participação na solene Eucaristia. Expressou a sua alegria pela presença do ex-prefeito de Curitiba Rafael Greca, de quem na época partiu a ideia de se colocar uma casa dos imigrantes poloneses no Estádio Couto Pereira a fim de nela receber o Santo Padre de acordo com a nossa secular tradição. Após a visita do Santo Padre, Rafael Greca foi quem projetou a instalação do museu etnográfico polonês no centro de Curitiba.

A solenidade foi coroada com a soltura de cinquenta pombos brancos em honra do beato João Paulo II, que desde a sua primeira visita apostólica goza de uma grande estima entre os brasileiros e junto à comunidade polônica brasileira. A partir do momento da beatificação, esses sentimentos diante de João Paulo II assumem um novo vigor e maior profundidade.

Após a bênção pastoral, a imagem de Nossa Senhora de Czestochowa foi levada em procissão de volta à capela.

Encerrada a santa missa, quando o crepúsculo começou a envolver esse recanto tipicamente polônico, muitas pessoas permaneceram ainda no parque, onde, em animadas conversas, entrecruzavam-se, num típico conagraçamento, as línguas polonesa e portuguesa. Como sempre, após esses típicos encontros polono-brasileiros, as pessoas não se apressavam em voltar para suas casas. Como que inconscientemente, elas queriam prolongar a vivência desses sublimes momentos.

RESUMO – STRESZCZENIE

Kolonia polska w Kurytybie dziękowała Bogu za wyniesienie Jana Pawła II na ołtarze. W Parku Jana Pawła II została odprawiona Msza św. dziękczynna, której przewodniczył biskup Rafał Biernaski – biskup pomocniczy Kurytyby. Obraz Matki Boskiej Częstochowskiej, podarowany Polakom przez papieża w 1980 roku, zajął naczelne miejsce. Polacy - i nie tylko - dziękowali Bogu za tę łaskę wyniesienia „polskiego papieża” do godności błogostawionego.

CELEBRAÇÃO DA SOLENIDADE DA BEATIFICAÇÃO DE JOÃO PAULO II EM SÃO PAULO

*Jacek SUCH**

No domingo de 2 de maio de 2011, a colônia polonesa de São Paulo comemorou solenemente a beatificação do Servo de Deus João Paulo II. A solene missa concelebrada, que teve início às 11 horas na Capelania Polonesa da igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, foi presidida pelo bispo Dom Antônio Celso de Queiroz. Após a saudação dirigida pelo padre capelão aos convidados que compareceram, seguiu-se a solene introdução da imagem do beato Papa, acompanhada do cântico da mais antiga cantiga polonesa – “Mãe de Deus”. Aos participantes da solenidade foram entregues folhetos especialmente preparados com a liturgia da missa e com uma biografia do Beato. Na homilia que pronunciou, o bispo celebrante enfatizou os especiais traços da personalidade de João Paulo II e a importância do seu pontificado para a Igreja universal e para a Polônia. A liturgia da missa foi abrilhantada pela junção de dois corais – o Coral Polonês da Cidade de São Paulo e o Coral da igreja de S. Luís Gonzaga, que conjuntamente cantaram os hinos “Gaude Mater”, “Te Deum” e a canção predileta do novo Beato – “A Barca”.

Após o término da missa, os participantes se deslocaram até a capela de Nossa Senhora de Czestochowa, na qual, logo após a morte do papa, foi colocado um busto dele, a primeira homenagem desse tipo em São Paulo. Tomaram a palavra o cônsul-geral da Polônia em São Paulo, o senhor Jacek Such, e o provincial da Sociedade de Cristo na América Latina, pe. Casimiro Długosz. Após a solene bênção e o encerramento da missa, os participantes da solenidade deslocaram-se até o pátio do Instituto Dom Bosco, onde visitaram uma exposição fotográfica dedicada à vida e ao pontificado do Papa Polonês. Dessa solenidade, que foi organizada pela Capelania Polonesa e pelo Consulado Geral da Polônia em São Paulo, participaram cerca de 250 pessoas, membros da colônia polonesa local, paroquianos, representantes de autoridades estaduais e municipais e do corpo diplomático, incluindo os cônsules-gerais dos Estados Unidos, do Canadá, da República Checa, da Bélgica e da Alemanha.

* Consul Geral da República da Polônia em São Paulo.

DISCURSO DO CÔNSUL-GERAL DA POLÔNIA EM SÃO PAULO

*Excelentíssimo Senhor Bispo e Reverendíssimos Padres Celebrantes,
Prezados Senhoras e Senhores Cônsules presentes na solenidade de hoje,
Caros membros da comunidade polonesa em São Paulo,
Prezados paroquianos,
Caros amigos,*

Estamos comemorando hoje uma data incomum, que enche de alegria os corações de todos os meus compatriotas. No dia de hoje, o papa João Paulo II, falecido há seis anos, foi convocado para fazer parte do número dos bem-aventurados da Igreja católica romana. Participando de tão comovente e sublime solenidade neste belo santuário, os nossos corações e as nossas mentes se juntam àquelas centenas de milhares de fiéis que estão celebrando esta solenidade juntamente com o atual papa Bento XVI na Praça de S. Pedro em Roma. Para nós poloneses, Karol Wojtyła, o futuro papa João Paulo II, sempre foi uma personalidade excepcional. Muitos anos antes da sua morte nós já víamos nele uma pessoa santa, no sentido humano e comum dessa palavra. Por isso, o que hoje aconteceu em Roma é apenas uma confirmação oficial dos nossos profundos sentimentos e convicções. O beato papa João Paulo II foi uma pessoa que, ao lado de Lech Wałęsa, teve um papel extremamente significativo na história da nossa Nação nas duas últimas décadas do século passado. Foi em grande medida graças ao seu apelo – “não tenham medo” – que os poloneses sentiram o sopro da História e empreenderam a luta para a destituição do jogo comunista. Depois, no difícil período do estado de sítio, quando foi proclamado ilegal o sindicato Solidariedade e os seus líderes foram presos, ele nos estimulava com as conhecidas e muitas vezes repetidas palavras: “Não existe liberdade sem o Solidariedade”.

Mas João Paulo II é igualmente, e talvez sobretudo, o papa que transpôs os cânones até então vigentes, que não teve medo de “navegar para o largo”, estendendo a mão para a concórdia, para o perdão e a reconciliação mútua com outras religiões cristãs, com as igrejas ortodoxas e protestantes. Foi ele o primeiro papa a beijar o Alcorão, a visitar uma sinagoga e a chamar os judeus de “nossos irmãos mais velhos”. Foi também ele que lançou o ideal do diálogo inter-religioso, organizando o célebre encontro de Assis. A respeito do amplo leque dos seus interesses testemunha o fato de que desde os anos da juventude foi apaixonado pelo teatro e desejava tornar-se ator. Ele mesmo escreveu peças teatrais e – não menos que pela teologia – interessou-se pela poesia. Torna-se difícil aqui, nestas poucas palavras, apresentar a riqueza da personalidade e das virtudes de que foi cumulado. Uma coisa é

certa: todas as pessoas que tiveram a ocasião de conhecê-Lo, de com Ele colaborar, são unânimes em confirmar que todos os dias tinham a consciência de estar em contato com uma pessoa incomum, com um santo dos nossos tempos.

O dia de hoje é uma data de especial alegria para a comunidade polonesa de São Paulo, que reza nesta igreja há quase oitenta anos. É preciso lembrar que este santuário, sob a invocação de Nossa Senhora Auxiliadora, foi construído em grande parte graças aos esforços dos padres salesianos poloneses, que já antes da II Guerra Mundial vieram a esta metrópole juntamente com sucessivos grupos de imigrantes poloneses. Desde então, ininterruptamente até o dia de hoje, os poloneses rezam aqui em sua língua pátria. Nos tempos mais difíceis da II Guerra Mundial – em 1944 – foi construída esta bela capela, dedicada à Padroeira da Polônia – Nossa Senhora de Częstochowa. Foi também aqui, logo após a morte de João Paulo II, que foi erguido em São Paulo o primeiro monumento em sua homenagem.

Dentro de dois dias, como todos os anos, os poloneses vão celebrar a sua Festa Nacional, os 220 anos da promulgação da Constituição de 3 de Maio, a primeira lei magna escrita no continente europeu. Durante os dois últimos séculos da história da nossa Nação, esse grande acontecimento histórico tornou-se um símbolo do inquebrantável espírito dos poloneses na luta pela verdade, justiça e liberdade. Trata-se de virtudes que o Papa Polonês amou de maneira especial e expressou com toda a sua vida. É por isso que a proclamação de João Paulo II como beato justamente neste tempo é o mais maravilhoso presente que a nossa Nação podia ter recebido por ocasião da sua festa nacional.

Em nome de toda a comunidade polonesa de São Paulo, juntamente com a Capelania Polonesa, gostaria de expressar palavras de cordial agradecimento ao Excelentíssimo Senhor Bispo e aos demais padres pela celebração desta santa missa, bem como a todos os eminentes convidados que quiseram aceitar o convite para participar da solenidade de hoje e partilhar conosco esta grande alegria.

Que o beato João Paulo II e o seu sempre atual apelo – “não tenham medo” – seja para nós todos o lema e o guia tanto na nossa vida particular como na social.

RESUMO – STRESZCZENIE

Kolonia polska w São Paulo w sposób uroczysty dziękowała Bogu za ogłoszenie Jana Pawła II błogostawionym. W kościele Matki Boskiej Wspomożenia Wiernych, gdzie mieści się polskie duszpasterstwo, została odprawiona Msza św., której przewodniczył biskup Antônio Celso de Queiroz - biskup

pomocniczy Sao Paulo. Uczestniczyli w niej liczni Polacy osiedleni w tym mieście z konsulem generalnym RP na czele. Po Mszy św. konsul generalny Jacek Such wygłosił przemówienie, podkreślając znaczenie beatyfikacji dla Polski.

A FUNDAÇÃO DA COLÔNIA PRÍNCIPE DOM PEDRO

*Aloisius Carlos LAUTH**

O desafio de justificar a imigração anglo-americana no Vale do Itajaí-mirim mantém-se presente nas atuais pesquisas de historiadores. Há boas razões para se duvidar de tudo o que se escreveu anteriormente. Os textos refletem o desconforto nos leitores e a carência da visão holística na fundação da Colônia Príncipe D. Pedro. Para os adeptos da imigração alemã, a margem direita do rio representou apenas o fracasso dos que não tiveram a coragem de permanecer, a força necessária para lutar contra a geografia e a falta de brios em criar nova sociedade. Puro engano! As pesquisas estão apenas iniciando. Pessoalmente, eu refuto a tese dos que afirmam a nacionalidade como fator de sucesso na imigração. O vazio que se apresenta pode ser melhor explicado quando se analisa o panorama político institucional do 2º. Império Brasileiro. Que razões teria levado o Imperador a estabelecer uma colônia anglo-americana junto a outra, de nacionalidade alemã? Por que encaminhar poloneses para a mesma colônia? Que motivos teria depois para extingüí-la?

A fundação da Colônia Príncipe D. Pedro aconteceu no âmbito da Questão Religiosa do 2º. Império. Este episódio refletiu o choque de idéias intolerantes, justamente quando de fortes mudanças sócio-econômicas que ocorriam tanto na América quanto na Europa. Tomando esta linha de análise, conseguiremos agregar elementos suficientes para interpretar a colonização multirracial ocorrida aqui, incluindo a leva polonesa.

O nascimento da colônia ocorreu por decisão imperial, na qual a menor influência foi a do Imperador. A Colônia Itajahy assentou imigrantes alemães a partir de 1860. Ocupava a margem esquerda do Rio Itajaí-mirim, até a altura das Bateias. Ela progrediu lentamente sob a tutela do Barão Maximiliano von Schnéeburg. Então, sete anos após, para surpresa do próprio Barão, é fincada a sede da

* Mestre em Administração Moderna de Negócios (FURB), com especialização em planejamento estratégico organizacional. Formado em Estudos Sociais (FEBE). Atua como consultor de empresas para gestão organizacional. Escreve sobre economia e história da região do Vale do Itajaí em jornais e periódicos locais.

Colônia Príncipe D. Pedro, de imigrantes anglo-americanos, no outro lado do rio e distante apenas 6 km. O nome foi uma homenagem ao nascimento do Príncipe D. Pedro, filho da Princesa Leopoldina e o Duque de Saxe, naquela ocasião.

As estatísticas oficiais revelam que a colônia atingiu 1.141 imigrantes em três anos, dos quais 76% eram de língua inglesa (Lauth, 98). Os poloneses chegaram no terceiro ano da colonização, em número não superior a 100 pessoas. A sede foi localizada junto à foz do Ribeirão Águas Claras. A Administração ergueu o Barracão dos Imigrantes e diversas moradias, entre elas a do padre, do médico da colônia, a casa da administração, a cadeia e o hospital. O 1º. padre foi o jesuíta José Lazenby, mas foi Pe. John Haber quem solicitou a construção, de pau a pique, da Capela de Nossa Senhora do Socorro. Foi ele também que batizou a primeira criança polonesa e enterrou seus mortos. Os registros (Goulart, 1984, p. 20) eram então entregues ao Pe. Gattone para oficializar. A Capelania da Colônia Itajhay havia sido erigida no ano de 1866.

A Administração colonial foi um desastre. Começou liderada por um militar das guerras mexicanas, coadjuvado por seu secretário que não falava o inglês. Depois, o diretor foi um alemão que se comunicava através de um secretário, também alemão. O conflito étnico se espalhou e atingiu níveis públicos na Província. Já na primeira leva de imigrantes, o conflito entre alemães e irlandeses resultou na expulsão de 16 colonos. Mais tarde, é a família de John Griffin que se expulsa. Houve roubo de dinheiro público, pelo próprio diretor, enquanto os colonos amargavam a burocracia provincial. Mas, sem dúvidas, foi o conflito étnico entre alemães e anglo-americanos a causa dos fracassos (Lauth, p. 49; Seyferth, p. 37). A evasão, em massa, e com auxílio do próprio Presidente da Província, foi a saída. Fugiam para a Argentina, as colônias paulistas, o Chile e inclusive, Curitiba.

Um anos após, a enchente grande fez vítimas e destruiu as benfeitorias. Cogitou-se transferir a sede para a região do Cedrinho, lugar mais alto e afastado do rio. A ocupação territorial abriu-se em várias ramificações, a partir do 'Mapa dos Distritos Von Pommern, Oestreich, Alto Águas Claras, Encruzinhada, Rodger's Road, Sixteen Lots, Little Cities e Águas Claras', elaborado pelo Eng. Christiano Boaventura da Cunha Pinto, entregue em 1874.

Os imigrantes poloneses, em número de 94 pessoas, chegaram à colônia em Agosto de 1869. Os anglo-americanos estavam já em debandada, em razão das péssimas condições de vida, conforme

afirma Lauth (1987, p. 81). O assentamento deu-se na linha colonial de Sixteen Lots, ocupado anteriormente pelos ingleses. Embora a demarcação, o lote era fraco em benfeitorias e culturas. Não havia o comprometimento da Presidência da Província em fornecer instrumentos agrícolas e sementes para o plantio. Em pouco tempo, também os poloneses começaram a reclamar da situação e iniciaram o movimento de êxito, seguindo os passos de Sebastião Edmundo Wos Saporski. A transferência se dá para os terrenos do Rocio, nos arredores de Curitiba. A saída deles transforma, novamente, a Colônia Príncipe D. Pedro em terra devoluta da Província. A Presidência decide por anexar sua administração à Colônia Itajahy, em 6 de dezembro de 1869. A ocupação definitiva das linhas coloniais dá-se por ocasião da Grande Imigração Italiana, em 1875.

A Corte Imperial brasileira estava dividida entre representantes da ala progressista e liberais históricos, que se revezavam nos gabinetes. O Imperador prometeu defender a Igreja Católica, mas olhava com bons olhos a imigração protestante alemã e simpatizava-se com a emigração confederada para o Brasil. O Gabinete Zacarias propunha ideias reformistas para a utilização da mão-de-obra. Tavares Bastos, histórico, desejava a abertura do país à imigração americana, rica apesar da Guerra de Secessão, como fazia a Argentina (Tavares Bastos, p. 53). Em 1866, publicou o estatuto da Sociedade Internacional de Imigração (Araújo Neto, p. 44), ancorada nos escritórios dos Estados Unidos. O 'Jornal do Comércio', da Capital, passou a acompanhar as levas de imigração, inclusive os da Colônia Príncipe D. Pedro. O início da imigração confederada de 1865, a bordo do navio 'Havana', está associado ao recrudescimento da batalha contra o protestantismo (Vieira, p. 225). A colonização foi incentivada por missionários protestantes (Jones, p. 191), auxiliados pela Sociedade Internacional de Imigração. Em 1866, Quintino Bocayuva assessorou o governo brasileiro na assinatura do contrato com a 'Brazil-United States Mail Steamship Company'. No Brasil, a campanha dos históricos pela liberalização das leis civis continuaria forte, a começar pelo casamento civil. O Cardeal Antonelli escreve em carta de 1867, que a chamada "comissão de imigração, cujo alvo declarado era trazer um grande número de imigrantes para o Brasil, mas cujo objetivo era, realmente, 'protestantizar' este império religioso". Então, o conde polonês Anton Ladislav Jancienski passou a promover a campanha de imigração polonesa no Rio de Janeiro. Mas, ao mesmo tempo, com maior amplitude, irrompia a campanha de imigração irlandesa, promovida por Scully, editor católico de

'The Anglo-Brazilian Times'. Ambas contavam com o apoio da Igreja Católica. Os poloneses tiveram menor êxito. Mas acabaram nas mãos de traficantes, que exploravam as jovens, ofuscando o brasão nacional com o adjetivo 'polaca' (Vieira, 245).

No 3º. Gabinete Zacarias de Góis e Vasconcellos, a ordem foi a questão servil, a reforma do poder e a abertura da Amazônia. Manifestou-se na oposição os possíveis interesses americanos no Brasil. Scully conclamou a Europa para a arregimentação de colonos para o Brasil, subordinados à Igreja Anglicana Britânica. Os colonos recrutados foram confiados a jesuítas em Liverpool e os primeiros embarcaram no 'Florence Chipman', em 1868. Este projeto foi uma resposta dos bispos ultramontanos no Brasil contra a conspiração liberal, de âmbito universal, com intenções de destruir a Igreja Católica Romana, usando a maçonaria como escudo (Viera, p. 32-38). Neste jogo de forças, as ações do Parlamento Imperial se fazem sentir na política imigratória e na administração da vida colonial da Príncipe D. Pedro. Diante de notícias, a Corte envia o Eng. Luiz Manoel Albuquerque Galvão para medir lotes e acertar o povoamento da Príncipe D. Pedro. Após, encaminhou o interventor Elpídio de Mello, quando então a colônia entrou em fase de progresso social. Ao sair, entretanto, e diante de nova crise conservadora no Gabinete de 1869, a Corte Imperial volta-se contra os interesses de independência da colônia e determina sua anexação administrativa à Colônia Itajahy. Foi neste instante que as famílias polonesas viram em Wos Saporski a saída para Curitiba. Assim, foi traçado o destino da única colonial multirracial e liberal do IIº Império Brasileiro.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO NETO, Miguel Alexandre de. *An anglo-irish newspaper in nineteenth-century Brazil: the anglo-brazilian times, 1865-84*. Rev. ABEI Newsletter. Associação Brasileira de Estudos Irlandeses, n. 8, ago. 1994.

ARAÚJO NETO, Miguel Alexandre de. *British Journalism in late nineteenth century Brazil: the case of the anglo Brazilian Times, 1865-1884*. (Dissertação de mestrado em Literatura). University of London, University College London, 1992.

GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. *A imigração polonesa nas colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro: uma contribuição ao estudo da imigração polo-*

nesa no Brasil Meridional. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1984 85p.

JONES, Judith McKnight. *Soldado Descança: uma epopeia norte-americana sob os céus do Brasil*. Americana: Jarde, 1967 430p.

LAUTH, Aloisius Carlos. *A Colônia Príncipe Dom Pedro: um caso de política imigratória no Brasil Império* (mimeo). Brusque: MADJ, 1987

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *História político-administrativa da agricultura Brasileira: 1808-1889*. S/d.

SAPORSKI, Edmundo Wos. *Memórias. Anais da Comunidade Brasileiro-polonesa*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1972

SEYFERTH, Giralda. *Colonização e conflito: estudo sobre 'motins' e 'desordens' numa região de Santa Catarina no século XIX*. Comunicação n. 10, Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1988.

The Anglo-Brazilian Times. Issues from 1865 to 1870; cópia microfilmada da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Brasil.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília, UnB. 1980, 409p.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor przedstawia skomplikowaną historię osadnictwa w regionach Príncipe D. Pedro e Itajaí. Nie była sukcesem pierwotna imigracja angloamerykańska, której osadnicy przenieśli się na inne tereny w Brazylii, a nawet do Argentyny. Konflikty między-etyczne oraz inne trudności spowodowały również reemigrację Polaków do Parany. Przyczyną nieporozumień były też ideologiczne i polityczne poglądy i stanowiska oficjalnych przedstawicieli władz państwa, jak też środowisk emigracyjnych.

JOÃO ZACO PARANÁ - - ESCULTOR POLONO-PARANAENSE

Mariano KAWKA*

Entre os membros mais proeminentes da colônia polonesa paranaense, que neste ano comemora os 140 anos da sua presença em nosso Estado, destaca-se a figura do escultor João Zaco Paraná, falecido há cinquenta anos no Rio de Janeiro, no dia 10 de junho de 1961.

Quem foi João Zaco Paraná?

João Zaco Paraná (cujo nome original era Jan Żak) nasceu no dia 3 de julho de 1884 em Brzezany, na Polônia oriental. Veio ao Brasil em 1887, juntamente com seus pais, Miguel Żak e Pelágia Wołoszenko Żak, que se estabeleceram inicialmente na recém-fundada colônia de Dorizon, no Paraná. Miguel Żak era lavrador e carpinteiro de profissão. Aqui no Brasil sempre trabalhou nas estações da Estrada de Ferro Paraná (Linha Curitiba a Ponta Grossa), fixando-se depois na estação de Restinga Seca, perto de Palmeira. A família Żak enfrentou no início condições muito difíceis, como todos os imigrantes recém-chegados. Naquela época, munido de um canivete ou de outro instrumento cortante, o pequeno Joãozinho refugiava-se em lugares afastados para com entusiasmo dedicar-se à sua atividade preferida, que consistia em esculpir na madeira ou moldar em argila diversas figuras.

O chefe da estação ferroviária de Restinga Seca, onde seu pai trabalhava, estimulava o pequeno João, permitindo a venda dos seus produtos (imagens de santos e índios, brinquedos artesanais) aos passageiros que transitavam pela localidade. Ele reunia em seu escritório diversas produções do pequeno escultor e ali as vendia, com o objetivo de lhe fornecer estímulo. Esse fato despertou a atenção dos engenheiros belgas Afonso Solheid e François Gheur, funcionários da administração da ferrovia. Entusiasmados pelo talento do menino, convenceram seus pais a permitir que ele fosse levado a Curitiba, para lá aprimorar a sua educação. Propuseram tomar o menino aos

* Mariano Kawka é tradutor, membro da equipe editorial de *Polonicus* e professor do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE, Curitiba.

seus cuidados a fim de lhe proporcionar educação e instrução artística. Prometeram também encaminhá-lo a uma escola de Belas Artes. Os pais, naturalmente, ficaram felizes com as palavras de elogio dirigidas ao filho e prontamente aceitaram a proposta.

João Zaco havia iniciado seus estudos na escola polono-brasileira dirigida pela Sociedade Tadeusz Kościuszko, em Curitiba. Quando o pai mudou-se para Restinga Seca, o menino teve que abandonar a escola. Graças à proteção do Sr. Solheid, e ainda ao apoio de alguns deputados paranaenses que haviam passado pela estação e demonstrado entusiasmo pelos seus trabalhos, ele pôde voltar a Curitiba, aos catorze anos de idade.

Após uma passagem pelo Seminário Episcopal de Curitiba, e tendo obtido uma bolsa de estudos do governo paranaense, em 1898 João Zaco começa a estudar na Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná, dirigida por Antônio Mariano de Lima. A partir de 1901 prosseguiu seus estudos na Escola Nacional de Belas Artes (da Universidade do Brasil) no Rio de Janeiro. Em 1903 foi especializar-se na Academia Real de Belas Artes de Bruxelas, onde permaneceu até 1909. Na Exposição Internacional de Escultura de Bruxelas, em 1910, obteve um prêmio especial com a escultura “Amor materno”. Esse prêmio permitiu que ele utilizasse, durante um ano, um ateliê de escultura no prédio da Academia Real de Belas Artes. Posteriormente, após uma breve visita ao Brasil, Zaco transferiu sua residência para Paris, onde ingressou na Escola Superior de Belas Artes. Na capital francesa, com seu companheiro João Turin, manteve durante vários anos um ateliê de escultura. Durante sua estada na Europa obteve vários prêmios e distinções, que evidenciaram o seu mérito artístico. Em 1913 foi contratado por artistas e banqueiros norte-americanos para realizar alguns trabalhos em Nova Iorque.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) desestabilizou praticamente toda a atividade artística na Europa, o que também afetou o dia a dia de Zaco Paraná. Ele teve de interromper os seus trabalhos no ateliê e tornou-se carregador de malas nas estações ferroviárias de Paris e operário braçal numa fábrica de cerâmica. Terminada a guerra, reativou o seu ateliê e procurou voltar à atividade artística, produzindo também retratos a óleo de heróis da guerra, entre os quais Joseph Joffre, marechal francês responsável pela vitória da batalha do Marne contra os invasores alemães.

Participou de diversas exposições, entre as quais: do Salão Oficial de Belas Artes de Antuérpia em 1908; da Exposição Internacional de Bruxelas em 1910; do Salão Oficial de Belas Artes do Rio de

Janeiro – de 1925 a 1942; do Salão Oficial de Belas Artes Argentino de Rosario, em 1929; dos Salões de Artistas Franceses de Paris, de 1912 a 1914 e da Exposição de Escultura da Escola Nacional de Belas Artes, de 1935 a 1938.

Um artista polono-brasileiro

Voltando ao Paraná, João Zaco não encontrou ambiente propício para o seu trabalho em Curitiba. Estabeleceu-se no Rio de Janeiro, onde em 1940 foi nomeado professor interino e, em 1949, professor catedrático de Técnicas Esculturais e de Modelagem, tendo sido aposentado em 1954. Foi membro do Conselho Nacional de Belas Artes, de 1935 a 1938.

Naturalizou-se brasileiro em 1923, mudando seu nome original (Jan Żak) para João Zaco Paraná. Com esse gesto, quis pagar uma dívida de gratidão diante do Paraná, que lhe possibilitou o contato com as artes e sua ascensão profissional e artística. Tornou-se assim um artista polono-brasileiro, ocupando lugar de destaque entre os grandes nomes da arte brasileira.

Quando Zaco Paraná ainda se encontrava em Curitiba, em 1921 foi instituído pela colônia polonesa do Paraná um comitê, presidido pelo Dr. Miroslau Szeligowski, para homenagear o Centenário da Independência do Brasil, no dia 7 de setembro de 1922. João Zaco recebeu a incumbência de realizar o monumento comemorativo, que em breve ficou pronto. Tratava-se de uma estátua representando um lavrador lançando a sua semente na terra. Esse monumento fundido em bronze, chamado “O Semeador”, localizado na Praça Eufrásio Correia, em Curitiba, representou um grande testemunho de amizade dos imigrantes poloneses ao Brasil. A entrega do monumento à cidade realizou-se de forma solene, com numerosa participação da colônia polonesa, de representantes das autoridades locais e da imprensa. Em seu discurso o Dr. Szeligowski assinalou que se tratava de um presente daqueles a quem o Brasil havia oferecido a sua hospitalidade. João Zaco Paraná empregou nessa obra todo o seu talento, o que fez com que também no campo da arte os poloneses assinalassem aqui a sua significativa participação.

Presença do artista em Curitiba

Além da citada estátua do “Semeador”, em Curitiba, a obra de Zaco Paraná mais em evidência é a escultura “Amor materno” (também conhecida como “Maternidade”), que se encontra no Jardim Botânico da cidade. No dia 9 de maio de 1993, no Dia das Mães,

a colônia polonesa de Curitiba prestou uma significativa homenagem à cidade, por ocasião do seu tricentenário. A homenagem foi extensiva a todas as mães que habitam a cidade e consistiu na inauguração da escultura “Amor materno” uma réplica da obra original de Zaco Paraná de 1907, que se encontra no Rio de Janeiro. Essa homenagem tornou-se possível graças à colaboração e ao empenho do dr. Edwino Donato Tempski.

A cerimônia da inauguração, no Jardim Botânico da cidade, foi altamente concorrida e festiva, tendo sido prestigiada pela presença do Prefeito de Curitiba, Rafael Greca de Macedo, e de outras autoridades, entre as quais o Cônsul da Polônia em Curitiba, Sr. Jerzy Brzozowski, e o Pe. Benedito Grzymkowski, Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil. Os oradores (o presidente da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil - Braspol, Sr. Rizio Wachowicz, e o prefeito de Curitiba) destacaram e enalteceram o significado e o simbolismo do ato, que culminou com um preito a diversas mães curitibanas, representantes de várias nacionalidades.

Encerremos com algumas palavras sobre a personalidade do artista. Uma dupla decepção amorosa fez com que Zaco Paraná assumisse na vida uma postura algo excêntrica e se afastasse do convívio social. Ele residiu em seu ateliê e dedicou-se exclusivamente à arte. Apesar do dinheiro ganho pelos trabalhos realizados, viveu modestamente. O dinheiro não representava para ele um valor especial. Dedicou a sua vida exclusivamente à arte, e nessa área teve um desempenho terminante. Sua obra orgulha e enaltece a colônia polonesa no Brasil.

Referências bibliográficas

BAPTISTA, Christiane Vianna. *João Zaco Paraná (1884-1961)*, folheto s/data.

BARAŃSKI, Jan. Jan Żak – polski rzeźbiarz w Brazylii. *Kalendarz Ludu* 1962. Curitiba, 1962, p. 57-58.

_____. Prof. Jan Żak (Zaco Paraná) w Brazylii. In: URBAŃSKI, Edmund Stefan (org.). *Sylwetki polskie w Ameryce Łacińskiej w XIX i XX wieku*, vol. II. Stevens Point: Artex Publishing Inc., 1991.

KAWKA, Mariano. Escultura de Zaco Paraná embeleza o Jardim Botânico de Curitiba. *Nowy Lud*, Curitiba, n. 4281/4282, maio-junho de 1993.

KRUL, Tadeu. João Zaco Paraná (no centésimo ano de seu nascimento). Curitiba: *Lud*, 09.10.1984.

MALCZEWSKI, Zdzisław; WACHOWICZ, Ruy C. *Perfis polônicos no Brasil*. Curitiba: Vicentina, 2000.

MARCINOWSKA, H. Stulecie urodzin Jana Żaka. Curitiba: *Lud*, 30.10.1984.

SANTOS FILHO, B. Nicolau dos. O menino da Restinga Seca. Curitiba: *Gazeta do Povo*, 22.10.1978.

TEMPSKI, Edvino Donato. *João Zaco Paraná*. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, tomo n. 19, 1984.

RESUMO – STRESZCZENIE

Jan Żak (João Zaco Paraná) urodził się w Polsce w roku 1884. Przybył do Brazylii (Parany) z rodzicami jako mały chłopiec w 1887 r. Od młodości wyróżniał się niecodzienną zdolnością w sztuce rzeźbiarstwa. Dzięki pomocy znajomych rodziny, kształcił się najpierw w Kurytybie, a następnie w Rio de Janeiro, oraz w Brukseli i Paryżu. Po I wojnie światowej wrócił do Parany jako dyplomowany i ceniony artysta-rzeźbiarz. W 1923 r. otrzymał obywatelstwo brazylijskie przyjmując nazwisko João Zaco Paraná. W latach następnych pracował jako profesor Akademii Sztuk Pięknych w Rio de Janeiro, gdzie zmarł dn. 10 czerwca 1961 r. Pozostawił wiele prac, wśród których odznaczają się pomnik „Siewcy” w Kurytybie, wykonany na zamówienie kolonii polskiej dla uczczenia setnej rocznicy niepodległości Brazylii w 1922 r., oraz rzeźba „Macierzyństwo”, znajdująca się w Ogrodzie Botanicznym stolicy parańskiej. Nasz artysta należy do grona najwybitniejszych przedstawicieli Polonii brazylijskiej.

A COMUNIDADE POLÔNICA BRASILEIRA E A SUA VISÃO DA POLÔNIA E DO POLONISMO*

*Renata SIUDA-AMBROZIAK**

No ano passado veio passar suas férias na Polônia uma brasileira de origem polonesa, nascida e educada no Rio Grande do Sul, que há muitos anos vive com seu marido brasileiro e seus filhos em Salvador, na Bahia. Veio para buscar as suas raízes, conhecendo a Polônia apenas dos relatos do pai, desconhecendo a língua polonesa, sem possuir quaisquer documentos nem tendo a certeza da grafia ou da pronúncia correta dos sobrenomes dos membros da sua família da “linha polonesa” e do seu lugar de origem. Ela contava que seu pai, ao morrer, falava da Polônia, de “Zarewin” (que se verificou ser “Zuromin”) e pedia em polonês os seus “queridos cigarrinhos”, embora ninguém tivesse condições de compreendê-lo (com seus filhos e sua esposa, brasileira, ele sempre havia falado em português). Quando conseguiu encontrar em Zuromin, no cemitério milagrosamente salvo da conflagração da guerra, o centenário túmulo de sua família, a brasileira caiu diante dele de joelhos e começou a soluçar. Permaneceu ali, nessa silenciosa oração, por mais de uma hora. Levantou-se transformada. “Agora já sei quem sou. Posso voltar aonde é o meu lugar e viver normalmente, sem essa permanente inquietação”. E voltou a Salvador, na Bahia. Porque é brasileira – mas brasileira com raízes polonesas, para quem esta terra possui ainda uma forma especial e sensível, apesar de sua Pátria já se encontrar ali. O pedaço do “coração polonês” e as migalhas das lembranças herdadas do pai, que sempre sentiu saudade da Polônia e com a voz embargada pela emoção, embora em português, dela falava, permanecerão com certeza para sempre junto ao túmulo no cemitério de Zuromin, que será lembrado graças a um punhado de terra cuidadosamente guardado. No entanto seus filhos, levados “à

* Comunicação apresentada na conferência científica internacional “Os poloneses na América Latina: o ethos patriótico nas condições da emigração polonesa”, organizada pelo Conselho Mundial de Pesquisas sobre os Poloneses Emigrados. A conferência realizou-se na Universidade Cardeal Estêvão Wyszyński (UKSW), em Varsóvia, nos dias 8-9 de abril de 2011.

* Professora do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia (CESLA – UV), Polônia.

força”, já não demonstraram tanto interesse pela Polônia e não anelavam por ela como sendo uma mãe. Ou talvez à sua maneira tivessem esse interesse – como as pessoas ficam interessadas por Paris, Londres ou Praga – à semelhança de turistas que em ritmo acelerado registram suas impressões nas imagens da câmara fotográfica. Para eles a Polônia já não significava muito, além da possibilidade de obter a cidadania polonesa e, por consequência, o passaporte da União Europeia – uma espécie de “janela para o mundo”. Eles achavam algo engraçada a devoção com que a mãe tratava os lugares, as lembranças. Para eles, a Polônia pode associar-se com o céu nublado e o vento forte que então soprava pelos campos da Mazóvia. E os poloneses – com as caras desconfiadas daqueles camponeses de Zuromin bebendo cerveja num bar próximo...

E agora, tentemos formular uma série de perguntas: Essa brasileira é um membro da comunidade polônica? Ou teria feito parte dessa comunidade apenas o seu pai? Será que os filhos dela também são parte dessa comunidade, ainda que não se interessem pelas suas raízes, a Polônia para eles seja um país distante, e o passaporte polonês tenha importância apenas por razões práticas? O que é a comunidade polônica, ou antes – quem faz parte dessa comunidade? Será essa comunidade formada pelos poloneses que vivem no Brasil? Ou será antes a comunidade das gerações sucessivas dos imigrantes, agora já constituída de brasileiros? Será que a comunidade polônica é formada por aqueles que tomaram a decisão consciente de partir ou por aqueles que de alguma forma foram forçados a fazê-lo? A comunidade polônica são aqueles que mantêm contatos com o país de origem ou aqueles que não o conhecem nem de ouvir falar e algumas vezes não sentem a necessidade de conhecê-lo? Ou serão antes aqueles que procuram conhecer as suas raízes, que se congregam em associações e organizações, que fundam bibliotecas, ou ainda aqueles para quem essas coisas não fazem diferença? A comunidade polônica serão os líderes polônicos, ou antes, atores anônimos que animam localmente o polonismo nas pequenas vilas com a tradicional bênção dos alimentos na Páscoa ou com um conjunto folclórico? Será a comunidade polônica brasileira a Polbras ou a Braspol – ou talvez elas sejam duas comunidades distintas? E, caso sejam todos dentre os mencionados, o que propriamente significa esse termo e como pesquisá-lo? O que para essas pessoas e para a sua identidade pode significar a Polônia e o polonismo, o que pode significar o polonês, ser polonês, ser polono-brasileiro ou brasileiro de origem polonesa? O que para eles pode ser a Polônia e o que

nunca será, porque simplesmente não pode ser? O que da herança polonesa é útil e prático, o que jamais o será? O que vale a penas saber, lembrar sobre a Polônia, e o que seria melhor esquecer? Será que falar sobre a Polônia é atualmente envolver-se em política, ou antes, contar antigas histórias sobre velhas lutas e revoluções?

Diante dos quase 200 milhões de cidadãos que formam a sociedade brasileira, o número dos poloneses e dos cidadãos de origem polonesa será provavelmente uma “gota no oceano”, e a respeito da real dimensão dessa gota provavelmente nunca ficaremos sabendo, uma vez que as estatísticas a esse respeito são altamente imprecisas, dependendo de quem é reconhecido como membro dessa comunidade e de como fazemos as contas. Por isso não me preocupei em fazer esse cálculo nem em apresentar uma definição universal. Dentre aqueles que, como pressinto, poderia incluir nessa comunidade, apenas uma pequena porcentagem nasceu na Polônia, e a maioria é constituída no mínimo pela terceira geração dos imigrantes. Afinal, os historiadores estão de acordo ao afirmar que a maior parte da população de origem polonesa veio ao Brasil ainda das áreas ocupadas, durante a famigerada “febre brasileira”. Levando isso em consideração, em princípio a questão do sentimento do polonismo, da cultura e da identidade polonesa deveria ser, passados mais de cem anos, um assunto encerrado ou – antes – inexistente. Da mesma forma que o interesse pela Polônia e pelos poloneses, no seio da colônia polonesa brasileira, deveria ser inteiramente marginal. Mas isso muitas vezes não acontece. Por quê?

As ciências sociais e humanísticas continuam a defrontar-se com a definição de conceitos que servem para a descrição da complexa situação das sociedades imigrantes e das suas culturas, especialmente no caso de um multiculturalismo tão avançado como o que caracteriza o Brasil. As próprias tentativas de precisar o significado da expressão “comunidade polônica” encerram-se, afinal, muitas vezes na apresentação da diversidade das suas definições. Mas é a partir do seu esboço que se inicia a grande maioria dos trabalhos científicos dedicados aos estudos polônicos, independentemente da área em que se apresentam, e uma das razões da falta de consenso no estabelecimento de uma definição categórica desse conceito é o fato de que as pesquisas sobre a sua abordagem atual e as suas transformações frequentemente exigem uma visão multidirecional e tentativas de uma abordagem interdisciplinar. Com efeito, cada coletividade e cada cultura manifestam-se de uma forma específica, enredada muitas vezes no contexto histórico, nos costumes e nas leis

que, sendo o reflexo dos pontos de vista partilhados por determinado grupo, acabam por moldar os valores da sua cultura. Como escreve Blumer (2007: 133), “já se torna banal a demonstração de que conceitos confusos e imprecisos constituem um sério obstáculo nas pesquisas”, por serem “destrutivos tanto para a teoria abstrata como para as pesquisas empíricas”. Por outro lado, observa ele que a elaboração de conceitos que possam decidir de forma clara e precisa a complexa natureza do mundo está muitas vezes fadada ao insucesso em razão do dinamismo dos processos que ocorrem e postula a substituição da necessidade de criar conceitos univocamente definidos por “conceitos sensibilizantes”, que em situações problemáticas não apontam propriamente o que pode ser visto, mas antes a direção em que se deve olhar (Blumer 2007: 7). No meu entender, a expressão “comunidade polônica” constitui justamente um desses conceitos sensibilizantes, cuja excessiva determinação sempre virá acompanhada da perda de algum dos seus elementos essenciais. No entanto esse conceito está estreitamente relacionado com o conceito de etnicidade, no qual em regra estão contidos certos elementos definidores essenciais, como p. ex. a origem, a preservação de elementos do estilo de vida, das tradições e dos costumes dos antepassados, algumas vezes o conhecimento da língua e a tradição religiosa dominante (no caso, o catolicismo). É importante também a própria consciência da origem, o sentimento da lealdade e dos vínculos sociais com outras pessoas com as mesmas raízes, a profissão de valores comuns. Mesmo assim, parece que nessa situação, da qual sou testemunha ocular, até essa ampla e pouco precisa abordagem da forma de definir a comunidade polônica brasileira não teria condições de envolver a todos: como ficariam os judeus de origem polonesa, que se identificam com a nação judaica e a sua tradição religiosa, da mesma forma que com a nação polonesa e brasileira? O que fazer com aqueles que se assimilaram a tal ponto que não conhecem a língua polonesa, consideram-se brasileiros, são seguidores do candomblé, mas sabem de onde provêm os seus antepassados, vêm estudar na Polônia e possuem o passaporte polonês? E com aqueles que se assimilaram inteiramente, e o que revela a sua origem é apenas o sobrenome de aparência polonesa? E o que fazer com todos os padres poloneses, educados e formados na Polônia, que residem no Brasil há dezenas de anos, que se acostumaram com o Brasil e a ele se adaptaram a tal ponto que não gostariam de viver em outro lugar? Eles são poloneses no Brasil ou já fazem parte da comunidade polônica brasileira, como sugere o livro do pe. dr. Zdzislaw Malc-

zewski *Uma visão pessoal da comunidade polônica brasileira: notas de um emigrante*, recentemente publicado em Curitiba?

Como vemos, praticamente cada membro da comunidade polônica é uma história diferente, uma experiência diferente, tem uma outra visão da sua origem e dos valores dali resultantes, outras expectativas em relação à cultura e ao país dos antepassados. Finalmente – uma visão completamente diferente não apenas de si mesmo, mas também da Polônia e do polonismo. E afinal o próprio conceito “comunidade polônica” também muda no tempo, permanecendo sem dúvida muito impreciso e carregado de subjetividade, não apenas da parte dos diversos pesquisadores, mas também dos próprios pesquisados. Portanto, igualmente a imagem da Polônia e do polonismo sempre terá no Brasil um semblante específico e se distanciará, de forma natural, da imagem própria dos atuais poloneses a respeito da Polônia e deles próprios. Mas, visto que o conceito “cultura” é utilizado nas ciências humanísticas para a definição de traços simbólicos da forma de vida (Williams, apud Baldwin et al. 2004: 24), e a pesquisa da cultura é sobretudo a pesquisa do significado dos símbolos nela utilizados e das estruturas significativas socialmente estabelecidas, então – se existe uma comunidade polônica, existe uma cultura polônica, e essa cultura se relaciona com símbolos polônicos conhecidos e apreciados – tanto patrióticos como religiosos. No entanto a cultura polônica é um fenômeno a tal ponto multifacetado, dinâmico e mutante que provavelmente nenhuma das teorias existentes teria condições de abarcar a complexidade dos processos que atualmente ocorrem e das mudanças e transformações a que ela está sujeita. Não existe, igualmente, nenhuma descrição neutra da comunidade polônica ou da sua cultura, e a sua imagem é todas as vezes determinada pela sociedade do pesquisador e pelas suas normas – em geral justamente pelos poloneses e pela atual cultura polonesa. Burszta (1998: 152-15) chama a atenção para “a heterogeneidade da imagem cultural e étnica das sociedades de hoje e o problema da multiplicidade de identidades”, que conduz ao relativismo na abordagem de cada cultura, que se torna “aquilo que as pessoas gostariam que ela fosse”. Estava inclinado a essa percepção muito subjetiva da atual comunidade polônica através do seu próprio olhar A. Dembicz (2005: 10), o qual, observando os processos da conciliação da identidade polônica com as raízes e os costumes poloneses, escrevia: “A resposta mais simples, possível de ser observada, é a imposição sobre si, por exemplo, de uma ‘tradição polonesa da festividade’, na forma de alguns pratos e costumes festivos, sobre

o dia a dia brasileiro. Mas existem afinal expressões bem mais complicadas e intelectualmente profundas, como p. ex. a organização de cursos de língua polonesa, de festivais de cinema ou, como no caso de Guarani das Missões (Rio Grande do Sul, no Brasil), a organização de uma Olimpíada Esportiva Polônica, da qual participam representantes de organizações polônicas de todas as regiões vizinhas do Brasil, e também da Argentina, do Paraguai e do Uruguai. Nesse contexto, o descontentamento aparentemente intelectual com o excessivo folclorismo do movimento étnico polonês é, na minha opinião, uma postura bastante duvidosa, visto que são Eles que demonstram como sentem as suas raízes, e nós podemos, no máximo, ajudar-Lhes”.

A imagem da Polônia e dos poloneses muitas vezes estará restrita, na compreensão pelo menos de uma parte da comunidade polônica, ao simbolismo da bandeira branca e vermelha, à águia branca ou à imagem da Madona de Monte Claro (ou mesmo a um santuário mariano, como em Dom Feliciano), ou p. ex. à imagem (ou ao monumento) de João Paulo II junto à Casa Polonesa, construído com recursos da organização Wspólnota Polska (Comunidade Polonesa). A visão que a comunidade polônica tem da Polônia é uma imagem muito complexa: por um lado, frequentemente um relacionamento muito emocional e direto com o país ligado com o destino dos familiares mais próximos; por outro lado – a indiferença. Por um lado – o sentimento de uma falta de visão do que fazer com as emoções polônicas; por outro – manifestações de atividade polônica e da consequente política de reivindicações de a Polônia apoiar financeiramente diversas iniciativas, mais ou menos bem sucedidas, de renascimento do polonismo. Assim, o padre Malczewski (2007: 254), como um membro da comunidade polônica, escreve: “Com certeza a comunidade polônica daqui demonstraria mais vitalidade se a Pátria olhasse para ela com maior interesse e com amor maternal. A coletividade polônica brasileira espera mais cordialidade, compreensão e ajuda dos compatriotas nas margens do Vístula!” No entanto, nessa questão o padre Malczewski já não é totalmente objetivo, por ser mais de lá do que daqui, tratando a comunidade brasileira com uma excepcional dose de afeição e identificando-se fortemente com ela e com as suas necessidades. Mas, como indaga polemicamente Malinowski (2005: 298), será que qualquer forma de “apoio financeiro aguardado pela comunidade polônica se torna apropriado e sensato? Com efeito, é uma questão extremamente delicada como distribuir os recursos orçamentários poloneses, provenientes de impostos

poloneses, e se de fato eles devem ser destinados para a construção, reforma ou equipamento de sedes de organizações polônicas criadas por brasileiros”, e se “a assistência à comunidade polônica latino-americana deve ser um elemento do orçamento do Estado, que nem nos moldes europeus nem nos mundiais não faz parte da elite.” Assim, levando esse raciocínio adiante: será que os brasileiros de origem polonesa têm o direito de esperar o apoio financeiro da Polônia p. ex. na construção das chamadas Casas Polonesas, que constituem o orgulho até dos menores municípios? Afinal nem sempre (embora algumas vezes certamente isso ocorra) elas cumprem ativamente o seu papel de promover o polonismo ou a cultura polonesa. Algumas vezes, após serem inauguradas “com grande pompa”, simplesmente permanecem inativas e se deterioram, e novos recursos são consumidos em incessantes reformas. Às vezes são alugadas como salões de festas com o objetivo de melhorar o orçamento das organizações polônicas, outras vezes se transformam em “pomos de discórdia” dentro da coletividade polônica local. Será que o governo polonês apoia a construção de tais casas na Irlanda, para onde emigrou, também “em busca do pão” e também em definitivo, uma grande parcela da juventude polonesa? Como avaliar o que a Polônia deve aos seus emigrantes (do século XIX, da guerra, do pós-guerra, atuais) e aos seus descendentes? E, se essa dívida existe, de que forma essa culpa deveria ser resgatada? Investindo em bens materiais (imóveis), ou antes apoiando outras iniciativas locais, para as quais geralmente há falta de recursos: os conjuntos de canto e dança populares entre a juventude polônica, os cursos de língua polonesa, publicações polônicas de divulgação científica, acesso a canais poloneses de televisão – facilitando a promoção da cultura polonesa? Afinal o objetivo dos emigrantes poloneses do século XIX era viajar “em busca do pão”, “em busca de uma vida melhor para si mesmos e para seus filhos, e não para verificar por quanto tempo seria possível preservar a cultura polonesa no estrangeiro” (Malinowski 2005: 300). Quem deve ser responsabilizado e pagar por isso? Será que o “sentimentalismo polônico” deve então ficar acima do bom senso e do simples cálculo econômico?

Nesse formato – de Casas Polonesas, de folclore, de ovos de Páscoa, de conjuntos folclóricos ou de arquitetura (algumas vezes não se sabe por que reconhecida justamente como polonesa) – a imagem da Polônia continuará sendo geralmente uma imagem tradicional, embora – novamente – já bastante transformada, distante da atual realidade social, política econômica polonesa (apesar do fato

de que a bandeira naturalmente continua sendo branca e vermelha, a imagem da Madona Negra continua em Częstochowa, e João Paulo II é considerado como um dos maiores poloneses de todos os tempos). Por outro lado, por que não teria de afastar-se, ou de não restringir-se justamente a esse simbolismo? Afinal a cultura polônica não é a cultura polonesa, mas propriamente aquela já sincretizada – polônica, e – mesmo que queira sê-lo – é num formato completamente diverso, compreendido e aceito no Brasil. Mencionarei aqui uma experiência pessoal. Numa localidade foi-me apresentado um professor local de cultura e língua polonesa. Acontece que era difícil entender-se com ele na língua polonesa utilizada pela minha geração... Quando, após a troca de algumas palavras, resolvemos passar para o português e falar sobre a cultura polonesa, a respeito do que ele ensinava e do que sabia, fiquei simplesmente pasma e envergonhada pelo que sabia eu mesma, recentemente enviada da Polônia com o objetivo de pesquisar essa comunidade polônica – sob muitos aspectos mais polonesa do que os atuais poloneses! Quando me pediram que esboçasse para as crianças um desenho recortado de Łowicz e um traje popular pomerano, eu me rendi, e a minha vergonha atingiu o zênite... Afinal, como polonesa, eu não fazia ideia a respeito das mais belas tradições da cultura polonesa e do seu maravilhoso folclore, com que se encantavam os polono-brasileiros locais. Uma excelente ilustração para o provérbio polonês: “Elogiando o alheio, vocês desconhecem o que é de vocês...” Bem, mas afinal de contas a Polônia atual não são os desenhos recortados ou os trajes da Pomerânia, ou talvez seja muito mais do que isso. É a excelente música, é um dos melhores cinemas do mundo, são os festivais de cultura brasileira na Varsóvia coberta pela neve, é a Grande Orquestra da Festiva Ajuda, continuando a mostrar a solidariedade de uma grande nação no contexto do etos do “Solidariedade” que aos poucos vai definindo nessa nação. A Polônia e o polonismo são os assuntos diários, os problemas e as eleições, em que a vida agitada nos faz mergulhar, perdendo-nos muitas vezes na normalidade e nos afazeres diários – se a segunda linha do metrô deve ir a Targówek ou a Bermowo, se o preço da gasolina pode chegar a 6 zlotis o litro e se o livre mercado é o remédio para tudo, até para a especulação... Mas essa Polônia e esse polonismo não podem deixar de ser percebidos no Sul do Brasil, onde algumas vezes a farmácia da esquina se chama “Jeszcze Polska nie Zginęła” (“A Polônia ainda não pereceu” – palavras iniciais do Hino Nacional polonês), da qual até hoje guardo uma etiqueta promocional para mostrá-la aos que duvidam. E a residên-

cia da família Hamerski em Nova Prata (RS) é uma casa de madeira no estilo dos montanheseiros da Polônia, cercada de pinheiros e com uma bandeira branca e vermelha tremulando na varanda...

Realmente, cultura não são apenas as experiências aprendidas e colecionadas pelo homem, adquiridas pela socialização e pela transmissão social (Keesing 1976: 26), mas ela é constituída pelos “modelos de maneira de pensar, sentir e reagir adquiridos e transmitidos principalmente através dos símbolos que formam, juntamente com suas encarnações nos produtos humanos, as conquistas significativas dos grupos humanos; o elemento principal da cultura é constituído pelos ideais tradicionais (isto é, historicamente formados e selecionados), e especialmente pelos valores com eles relacionados” (Kluckhohn 1975: 32). Aludindo às afirmações relacionadas com a teoria da cultura propostas por Herskovits (1948), pode-se ainda acrescentar que, uma vez que a cultura é aprendida pelo homem, ela constitui igualmente para ele uma importante ferramenta de adaptação ao ambiente. Justamente... Se assim é, então a imagem da Polônia e dos poloneses em meio à maior parte da comunidade polônica brasileira não pode ter nada em comum com a Polônia atual, que essas pessoas nem conhecem e – às vezes – da qual absolutamente não necessitam. Das fontes que lhes são acessíveis elaboram para as suas necessidades o seu próprio mundo da cultura polônica, apenas aparentemente fragmentário, escolhendo aquilo que lhes é necessário e ligando, às vezes em combinações surpreendentemente ecléticas, com o que é conhecido e indispensável em terra brasileira. Os elementos da cultura polonesa servem muitas vezes para reencontrar-se na área, no ambiente, na coletividade local, sendo fortes elementos de integração (e, quando mal utilizados, podem também tornar-se valores de desintegração). São esses valores que fazem com que surjam organizações polônicas que se apresentam como objetivo a animação do polonismo na comunidade polônica. Mas como realizar isso? Será que “o polonismo genuinamente polonês é para a comunidade polônica brasileira um estado desejado”? Será que poderá ser preservado nessa forma? Afinal, como escreve Malinowski, “num país multicultural não se pode preservar a cultura étnica original de forma imutável por muitas gerações. Não se pode ter a ilusão de que a língua polonesa se preservará na escala em que foi trazida. Realmente, para a comunidade polônica o desaparecimento do polonismo e a diminuição das próprias fileiras é um fenômeno ligado com um sentimento de perda, o que não muda o fato de que esses fenômenos são inevitáveis. [...] O ideal do gueto étnico não é um

modelo que se adapte à atual sociedade na Argentina ou no Brasil. O traço de uma sociedade multicultural é sempre a interpenetração mútua de modelos, a criação de novos, o desaparecimento de outros. Tais fenômenos são perfeitamente naturais.” Por outro lado, lembrando as organizações polônicas, que surgem às vezes justamente para “salvar dessa cultura polônica o que for possível”, é preciso mencionar a existência das cisões e dos conflitos interiores no seio da própria comunidade polônica e na sua visão do seu papel, inclusive com referência à Polônia e ao polonismo. Muitas vezes, como escreve Malinowski (2005: 294), “esses conflitos têm a sua fonte principal em dois elementos que se sobrepõem: nos ressentimentos pessoais e na busca do poder, no que o primeiro elemento é de certa forma resultado do segundo.” Algumas vezes esses conflitos se transpõem à área das relações internacionais, a respeito do que muito se tem falado nos anos passados em razão do “bombardeio”, por parte de alguns líderes polônicos, das nomeações de embaixadores poloneses nos países latino-americanos. Mas a cultura é afinal, de acordo com as definições citadas, não apenas um produto histórico, mas justamente ideais selecionados, sujeitos igualmente – o que é natural – a certo facciosismo subjetivo. A comunidade polônica brasileira realiza tal seleção já há gerações e ela tem a isso pleno direito, porque se trata da sua cultura, não da nossa. Um polono-brasileiro sem perspectivas de viagens à Polônia ou de uma permanência mais longa nesse país vive com o polonismo e a Polônia mais na esfera dos contos e das magias do que na realidade – algo como Alice no País das Maravilhas – do outro lado do espelho. Mas será isso um mal? Será que a realidade pode ser mais bela e mais interessante do que até a mais triste lenda, contada aos netos numa noite chuvosa de inverno no Sul do Brasil, mesmo que seja uma lenda sobre as partilhas da Polônia, o sofrimento, a luta, a traição, a morte, a destruição, a dor e a fome? Afinal nós aprendemos mais com aqueles a quem amamos e a quem queremos ouvir, e esse conhecimento em geral permanece conosco para sempre. Algumas vezes ele pode ser confrontado com a realidade, como ocorre no caso daqueles que vieram à Polônia e partiram com sentimentos mesclados, nem sempre apaixonados pela Polônia atual, mas continuando a amar aquela Polônia inexistente – aquela das histórias da vovó. E, ao voltar, novamente se sentiram mais seguros “do outro lado do espelho”. É por isso que a maioria das pessoas mais velhas continuam a definir-se como polonesas, orgulham-se de terem preservado a língua polonesa, enfatizam o fato do cultivo da tradição dos antepassados e a preservação da tra-

dicional religiosidade popular polonesa. Cantam canções tradicionais – já completamente desconhecidas à minha geração na Polônia, e a sua imagem da Polônia é fantásticamente idealizada – quase da mesma forma como era idealizada a imagem do Brasil nas mentes de seus pais e avós que decidiram fazer a viagem através do oceano. Trata-se muitas vezes de um país de indizível beleza, algumas vezes tornando-se para os mais velhos um sinônimo de paraíso – para o qual se retorna após a morte. As pessoas mais velhas têm medo de ver a Polônia real – porque inconscientemente parecem pressentir a demolição dos mitos e das suas consequências. Preferem permanecer com os esquemas conhecidos, que perduraram nos relatos orais, a decepcionar-se com a visão de um país que eles não reconhecem e não compreendem.

A situação se apresenta completamente diferente com os jovens: para eles a Polônia é muitas vezes um olhar para o mundo, porque o passaporte da União Europeia significa a possibilidade de realizar estudos, de um trabalho bem remunerado após a volta ao Brasil, em profissões procuradas e prestigiadas. Essa visão da Polônia parece ser puramente prática – a cidadania polonesa é algo de que se deve fazer uso adequado. A língua polonesa e o seu conhecimento podem significar o salvo-conduto para um amanhã melhor. A visão da Polônia tem o direito e até o dever de sofrer uma transformação com a mudança de gerações, porquanto a nova geração já é completamente diferente, tecnologicamente avançada. Essa é uma geração que, muitas vezes, antes de pegar uma caneta já manipulava com habilidade o controle remoto da televisão e o mouse do computador. Os modelos dos significados sociais e culturais criados afinal estão sujeitos a mudanças, e a “pátria” ou a “identidade” não são construções definitivas e adquirem diversas formas, sujeitas a várias modificações.

De fato, a cultura, em todos os seus aspectos, modifica-se atualmente com muita intensidade. É talvez por isso que Geertz (2005: 29) sugere que numa situação de diversidade do mundo contemporâneo deve-se falar dela sempre utilizando-se do plural, visto que, apesar de as tecnologias e os mecanismos de mercado subordinarem a diversidade de culturas a modelos unificados, isso sempre vem acompanhado de uma fragmentação que possibilita a criação de uma única cultura homogênea: um testemunho disso são as hibridizações no nível local, ou seja, a sobreposição de fenômenos e práticas culturais que apresentam como resultado uma mescla intercultural (Kempny 1998: 243). Constitui um belo exemplo dessa hi-

bridização justamente a cultura polônica, que encontra o seu reflexo no conceito da globalização, o qual reflete o mútuo relacionamento daquilo que é global, que é local, que é nacional e que é étnico, estimulando à renovação dos costumes, das crenças e formas de vida, fortalecendo a lealdade e as identidades locais, étnicas e religiosas, atando o universalismo com o localismo, os processos microsociais com os macrosociais (Kempny 1998: 241, 244; Sztompka 2002: 585). O mundo contemporâneo e todos os processos que nele ocorrem constituem para cada cultura, inclusive a polônica, um grande desafio e acarretam a indagação a respeito do que na cultura polônica continua sendo polonês, do que é brasileiro e do que é o seu próprio produto “híbrido” polônico, ou um produto polono-brasileiro e a respeito das opções que essa “polonidade” assumirá no Brasil no futuro próximo: a liberal (identificada com a transformação das posturas e normas tradicionais com o objetivo de melhor adaptá-las às exigências atuais), ou justamente a tradicional (que apela às normas imutáveis de um polonismo compreendido algo folcloricamente). A cultura manifesta-se na prática em todas as esferas de vida do homem, e por isso, levando em conta os contínuos processos de mescla cultural e étnica, a que o pe. Malczewski (2007: 15) dá a bela denominação de “criação de novas constelações étnicas”, igualmente a cultura polônica brasileira será sempre e talvez cada vez mais a área de coexistência de várias culturas, reagindo mutuamente entre si, cruzando-se e sobrepondo-se num processo de incessante transformação e modificação. Baldwin et al. (2004: 36) observa que sempre “apresenta-se mais fielmente o relacionamento entre culturas falando-se delas como de redes que se entrecruzam do que de territórios mutuamente separados” – e a força da cultura polônica pode decorrer justamente e sobretudo da sua abertura, capacidade de transformação, imprecisão e elasticidade. Os agrupamentos étnicos (no caso: as organizações polônicas) podem ser no Brasil uma área de particularismo sociocultural, visto que o seu grande significado no contexto polônico brasileiro reflete a permanência da necessidade de indivíduos se identificarem com a Polônia e a sua cultura. Mas esses grupos, por vezes surgidos recentemente (como p. ex. a Braspol), ajudando a proceder de acordo com as normas culturais preservadas pelos pais ou avós e a cultivar a sua visão da Polônia e do polonismo, ao mesmo tempo adaptam a comunidade polônica à evolução dessas visões. Com efeito, dentro da sociedade brasileira coexistem diversas e numerosas culturas que mantêm entre si um contato permanente e direto, o que conduz a uma mudança dos seus diversos

elementos, à eliminação de uns e à substituição de outros com empréstimos de outras culturas nos processos (Pacholski, Slabon 1997) de: aculturação (afastamento da cultura nativa – polonesa e aceitação de elementos de uma outra – brasileira, em consequência de intensos contatos sociais); inculturação (introdução de elementos da cultura polonesa na cultura brasileira com a simultânea aceitação dos elementos seus que não contradizem os valores, as normas e os modelos nativos); assimilação (gradual extinção das diferenças culturais e a assimilação mútua das diversas culturas) ou amalgamação (uniformização de muitos elementos da cultura e a sua fusão numa unidade única – brasileira). É justamente diante de uma situação dessas que se encontra agora a atual comunidade polônica no Brasil, que afinal não percebe a si mesma como um grupo endogâmico e sem obstáculos permite os processos de assimilação, amalgamação e aculturação, o que é testemunhado pela intensa mescla étnico-cultural que incessantemente ocorre dentro da nação brasileira, que se caracteriza por uma visível comunidade cultural. Esse forte sentimento de “brasilidade” influi e influirá certamente no futuro próximo não apenas na situação da comunidade polônica brasileira, no número e na atividade das organizações polônicas, mas também na evolução da aqui discutida visão da Polônia e do polonismo nos ambientes polônicos.

BIBLIOGRAFIA

- BALDWIN, E.; LONGHURST, B.; MCCRACKEN, S.; OGBORN, M.; SMITH, G. *Wstęp do kulturoznawstwa*. Poznań: Zysk i S-ka, 2007.
- BLUMER, H. *Interakcjonizm symboliczny. Perspektywa i metoda*. Kraków: Nomos, 2007.
- BURSZTA, W. J. *Antropologia kultury. Tematy, teorie, interpretacje*. Poznań: Zysk i S-ka, 1998.
- GEERTZ, C. *Interpretacja kultur. Wybrane eseje*. Kraków, 2005.
- DEMBICZ, A. Prezentacja. In: MALINOWSKI, M. *Ruch polonijny w Argentynie i Brazylii w latach 1989-2000*. Warszawa: CESLA, 2005, p. 9-10.
- HERSKOVITS, M. *Man and His Works. The Science of Cultural Anthropology*. New York: A. Knopf, 1948.

- KEESING, F. M. *Cultural Anthropology: a Contemporary Perspective*. New York, 1976.
- KEMPNY, M. Globalizacja. In: *Encyklopedia socjologii*, t. 1. Warszawa, 1998.
- KLUCKHOHN, C. Badanie kultury. In: DERCZYŃSKI, W.: JELIŃSKA-KANIA, A.; SZACKI, J. *Elementy teorii socjologicznych*. Warszawa: PWN, 1975, p. 31-45.
- MALCZEWSKI, Z. *Polonii brazylijskiej obraz własny. Zapiski emigranta*. Curitiba: Projeções, 2007.
- MALINOWSKI, M. *Ruch polonijny w Argentynie i Brazylii w latach 1989-2000*. Warszawa: CESLA, 2007.
- SZTOMPKA, P. *Socjologia*. Kraków, 2002.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autorka Renata Siuda Ambroziak w prezentowanym powyżej tekście snuje rozważania nad tożsamością polskiej grupy etnicznej w Brazylii. Poszukuje przyczyn powolnego utożsamienia się tej grupy ze społecznością brazylijską. Naród wieloetniczny jakim jest Brazylia sprzyja ujednoczeniu się w jedną całość z możliwością zachowania pewnej specyfiki poszczególnych etnii. Z wielokulturowości i wieloetniczności płynie duchowe bogactwo tego kraju.

A PASTORAL POLÔNICA NO BRASIL: HISTÓRIA E ATUALIDADE*

Zdzisław MALCZEWSKI SChr**

A imigração polonesa no Brasil, da mesma forma que em outros países da América Latina, teve um ponto de partida bem mais difícil do que aquela na América do Norte. Falando de forma sintética, ela se defrontou ali com condições sociopolíticas diferentes, da mesma forma que com uma abordagem diferente dos pastores da Igreja diante do fenômeno da imigração. No início havia falta de sacerdotes, o que tem acarretado uma série de problemas relacionados com a instalação inicial da imigração polonesa no Brasil. Para a América do Sul dirigia-se principalmente a população aldeã, quase sempre sem escolaridade. Por exemplo – segundo Bolesław Żabko-Potopowicz – dos imigrantes poloneses que vieram ao Brasil, 95% era constituído de camponeses (3,5% de operários e artesãos, 1,0% de comerciantes e industriais e 0,5% de intelectuais)¹.

Foi somente a II Guerra Mundial e os tempos do pós-guerra que trouxeram à América Latina, e conseqüentemente ao Brasil, uma nova onda de emigrados poloneses. Tratava-se de pessoas que haviam permanecido em campos de concentração nazistas e de ex-soldados das Forças Armadas Polonesas que lutaram no Ocidente. De maneira geral essas pessoas se estabeleceram nas grandes cidades brasileiras (Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Curitiba, São Paulo, Porto Alegre). Se em período posterior houve casos de poloneses que se estabeleciam no Brasil, tratava-se de casos individuais, isolados.

Mesmo com um olhar superficial para a história da imigração polonesa ao Brasil não se pode deixar de perceber o clero polonês e o seu ministério em prol dos compatriotas e brasileiros nas estruturas da Igreja local. Foi sobretudo em razão dos imigrantes

* Comunicação apresentada na conferência científica internacional “Os poloneses na América Latina: o ethos patriótico nas condições da emigração polonesa”, organizada pelo Conselho Mundial de Pesquisas sobre os Poloneses Emigrados. A conferência realizou-se na Universidade Cardeal Estêvão Wyszyński (UKSW), em Varsóvia, nos dias 8-9 de abril de 2011.

** Redator de *Polonicus* e reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil.

¹ ŻABKO-POTOPOWICZ, Bolesław. *Osadnictwo polskie w Brazylii*. Warszawa, 1936, p. 13-14.

poloneses que começaram a vir a esse país padres e religiosas poloneses, a fim de lhes assegurar um assistência que não se restringia apenas às necessidades espirituais.

Infelizmente, a respeito do tema da pastoral polônica no Brasil – tão amplamente desenvolvida e tão meritória diante dos emigrados poloneses e dos seus descendentes – há poucas obras publicadas². O pe. Adalberto Sojka CM escreve que “a respeito dos pioneiros da pastoral polonesa no Brasil lê-se raramente e pouco e, fora do Brasil, provavelmente nada”³. Passaram-se mais de cinquenta anos desde que essas palavras foram escritas. Da minha posição de modesto observador posso dizer que a esse respeito não houve muitas mudanças...

Acredito que vale a pena dedicar alguma atenção a essa problemática, para que possamos – ao menos de forma esquemática – travar conhecimento com a história dos missionários poloneses entre os compatriotas nesse vasto país que é o Brasil.

Os religiosos poloneses que vieram ao Brasil no primeiro período faziam parte do clero diocesano. A maioria deles era constituída de ex-religiosos⁴. Não nos esqueçamos de que no período da vinda deles ao Brasil justamente as potências ocupantes estavam fechando as ordens religiosas em terras polonesas. Após 1863 foram cassadas as ordens religiosas na zona de ocupação russa e, após 1875, na zona de ocupação prussiana. Dessa forma, no período inicial vinham ao Brasil não tanto padres diocesanos quanto secularizados⁵.

Como um dos primeiros religiosos poloneses que aportou ao Brasil deve ser considerado o pe. Adalberto Męciński, um missionário

² A respeito da pastoral polônica no Brasil podem ser encontrados muitos artigos publicados na imprensa polônica desse país. Infelizmente, os livros dedicados a esse tema são muito poucos. O autor da presente comunicação analisa a atividade da pastoral polônica no Brasil nos seguintes livros: *O-becność Polaków i Polonii w Rio de Janeiro*. Lublin, 1995, 362 p.; *W służbie Kościoła i Polonii. Towarzystwo Chrystusowe: Funkcje społeczne i duszpasterskie w środowisku polonijnym w Ameryce Łacińskiej*. Warszawa, 1998, 292 p.; *W trosce nie tylko o rodaków. Misjonarze polscy w Brazylii*. Curitiba, 2001, 290 p.

³ SOJKA, W. CM. Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii. *Duszpasterz Polski Zagranicą*, n. 4 (1960), p. 376.

⁴ Ibidem, p. 377.

⁵ SOJKA, W. CM. Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii. *Duszpasterz Polski Zagranicą*, n. 1 (1961), p. 46.

jesuíta. Ele veio ao Brasil casualmente em 1631. Posteriormente, com a idade de 42 anos, morreu como mártir no Japão⁶.

Entre os emigrantes poloneses que após a queda do Levante de Janeiro [de 1863] vieram ao Brasil encontramos também religiosos católicos. Assim, em 1865 veio o pe. Carlos Mikoszewski e em 1869 o pe. José Juskiewicz⁷.

O pe. João Pitoń CM, que por muitos anos foi reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, elaborou uma relação detalhada dos padres diocesanos, bem como de diversas congregações religiosas que vieram ao Brasil nos anos 1865-1970. Com base nos dados fornecidos pelo pe. Pitoń, mencionarei aqueles que foram os primeiros a chegar. E assim: em 1865 veio o pe. Carlos Mikoszewski, em 1867 – o pe. Antônio Zieliński, em 1869 – os padres Mariano Giżyński e José Juskiewicz, em 1875 – o pe. Luís José Przytarski, em 1878 – os padres Ladislau Grabowski e Francisco Gurowski (seu sobrenome aparece grafado de formas diversas: Guranowski, Górowski, Guroński)), em 1883 – o pe. João Adamowski, em 1885 – o pe. Adalberto Sołek (alguns fornecem o seu sobrenome como Sułek), em 1887 – o pe. Francisco José Soja, em 1889 – os padres Paulino Domainski, André Dziadkowiec e João Peters, em 1890 – o pe. Casimiro Andrzejewski, em 1891 – os padres Francisco Chyliński, Sigismundo Chełmicki, Martim Modrzejewski (alguns autores o apresentam como Możejewski) e Ladislau Smołuch, em 1895 – os padres Antônio Cuber, Aleixo Iwanow, Miguel Słupek e Tiago Wróbel, em 1896 – os padres Vicente Bronikowski, Estanislau Fróg, José Fuliński, Gabriel Kraus, Adalberto Młynarczyk, Leo Niebieszczański, Matias Piech e Antônio Rymar, em 1897 – o pe. Adalberto Dynia, em 1898 – os padres João Miętus e João Rokosz, em 1899 – os padres Cesário Wszyński e João Wołyncewicz, em 1901 – o pe. Tadeu Stankiewicz, em 1903 – o pe. José Anusz, em 1905 – os padres Adolfo Kruszewski e João Marek, em 1908 – os padres Leonardo

⁶ SMOLANA, K. Polónia w Brazylii. In: KULA, M. (red.). *Dzieje Polonii w Ameryce Łacińskiej*. Wrocław, 1983, p. 332; PITOŃ, J. CM. U źródle emigracji polskiej w Brazylii. *Kalendarz Ludu*. Curitiba, 1973, p. 96; PARADOWSKA, M. *Podróżnicy i emigranci. Szkice z dziejów polskiego wychodźstwa w Ameryce Południowej*. Warszawa, 1984, p. 14 e 33; PARADOWSKA, M. *Wkład Polaków w rozwój cywilizacyjno-kulturowy Ameryki Łacińskiej*. Warszawa, 1992, p. 23; SŁABCZYŃSKI, W. i T. *Słownik podróżników polskich*. Warszawa, 1992, p. 222; MALCZEWSKI, Z. TChr. *Obecność Polaków...*, op. cit., p. 17-18; MALCZEWSKI, Z. TChr. *Słownik biograficzny Polonii brazylijskiej*. Warszawa, 2000, p. 72.

⁷ KAWKA, M. Polska obecność w Brazylii. In: DEMBICZ, A. (red.). *Relacje Polska – Brazyliia*. Warszawa, 1996, p. 35.

Starzyński e Estêvão Stawianowski, em 1914 – o pe. Vicente Hypnowski. Por sua vez entre os padres verbistas o primeiro a vir foi o pe. Carlos Dworaczek (1900), e dentre os padres vicentinos – o pe. Boleslau Bayer, o pe. Hugo Dylla e o pe. Francisco Chylaszek (1903)⁸.

Como mencionei acima, a vinda do clero polonês ao Brasil esteve relacionada, sobretudo, com o início da imigração polonesa ao Brasil. Padres, religiosos e religiosas vinham da Polônia a fim de dedicar-se ao trabalho missionário – e não apenas entre os emigrados poloneses. Como um dos primeiros dentre os padres que vieram da Polônia ao Brasil e serviram aos imigrantes poloneses, considera-se o pe. Antônio Zieliński, que participou do Levante de Janeiro [de 1863], denominado “pai do clero polonês no Brasil”⁹.

Parece ser digno de nota, neste ponto, o apelo dos imigrantes pedindo um sacerdote polonês. A revista *Przegląd Emigracyjny* (Revista Emigratória), editada em Lvov, publicou uma carta enviada no dia 15 de março de 1893 de São Mateus do Sul (PR) por Antônio Zdzisław Bodziak¹⁰. Alguns meses mais tarde (20 de junho de 1893),

⁸ PITONÍ, J. CM. *Księża polscy w Brazylii. Kalendarz Ludu*. Curitiba, 1971, p. 89-111.

⁹ Uma biografia do pe. Antônio Zieliński pode ser encontrada em meu livro: *W trosce nie tylko o rodaków. Misjonarze polscy w Brazylii*. Curitiba, 2001, p. 290, no capítulo que apresenta as figuras dos missionários poloneses e polônicos.

¹⁰ *Przegląd Emigracyjny*, n. 3, 1893, p. 117: “Em nome dos colonos da colônia de São Mateus e a ela adjacentes, que contam mais de 10.000 almas, solicito ao Prezado Senhor, como a uma pessoa preocupada com o destino dos emigrados, que se digne avisar-nos ou até mesmo providenciar o envio de um padre que, com verdadeiro desvelo pelos seus compatriotas, queira vir até aqui. Em razão da política brasileira, e até parece que a política moscovita e alemã tiveram nisso a sua ingerência, a autoridade eclesiástica brasileira apresenta diversas dificuldades, não querendo permitir que padres poloneses se estabeleçam em colônias polonesas, dando-lhes outras funções, e até parece que preferiria não ter padres poloneses. Um dos padres recém-chegados já era para ter-se estabelecido; mas essa esperança vai desaparecendo em razão de ele não ter uma recomendação da autoridade, ou porque não quis empenhar-se por este lugar, esperando que os colonos primeiramente depositassem certa importância com o objetivo de sustentá-lo, e uma importância bastante significativa, o que os colonos não se dispuseram a fazer, porque querem pagar a um padre permanente, e não a um que vem apenas para uma semana ou duas e vai embora, como já tem acontecido. O rendimento anual, ou seja, o salário permanente apenas em São Mateus, além das colônias vizinhas, é de 2.500 mil-réis, ao que se somam os rendimentos da igreja, o que no total pode chegar a 8.000 mil-réis. Os recursos são os melhores e, além disso, a casa paroquial tem um grande

o mesmo senhor Bodziak enviou uma outra carta de pedido, na qual escrevia: “Peço insistentemente ao Prezado Senhor, tanto em nome dos colonos como em meu próprio, que providencie o envio de um padre, visto que um bom padre é um verdadeiro fundamento e uma muralha para o nosso povo aldeão. Em São Mateus os colonos ainda se mantêm juntos porque somos pelos menos três comerciantes poloneses que ainda os agregamos de alguma forma. Mas as outras colônias sofrem muito, porque permanecem deixadas à sua própria sorte, sem qualquer presença de intelectuais, tanto leigos como religiosos”¹¹.

Diante da situação apresentada por um dos imigrantes, no número por mim citado a revista *Przeegląd Emigracyjny* transcreveu da *Gazeta Polska w Brazylii* (Gazeta Polonesa no Brasil) um trecho do artigo intitulado “A nossa posição”, publicado no dia 22 de julho de 1893. Vale a pena apresentar pelo menos trechos do mencionado texto: “Em terra brasileira estabeleceram-se algumas dezenas de milhares de poloneses, que sem exceção pertencem à Igreja católica, e no entanto, no Brasil, entre os católicos eles são tratados de qualquer jeito. A população polonesa, profundamente católica, acostumada à igreja e aos seus ritos, hoje se encontra privada daquilo que exteriormente atrai o homem a Deus, privada dos meios da graça que conduzem à salvação, permanece em perigo de perder a fé e, com isso, a sua nacionalidade. Sabemos muito bem que o polonês, quando se afasta da fé, afasta-se também do sentimento da sua nacionalidade, e os casos desse tipo são aqui muitos. Os poucos sacerdotes poloneses que se encontram aqui para a assistência espiritual não serão suficientes para o país todo. [...] Atualmente a nossa defe-

par. O padre que quiser vir, para não ter outras dificuldades no futuro, deve providenciar junto à autoridade eclesiástica suprema a recomendação para estabelecer-se em São Mateus; e, se não for possível de outra forma, que seja pelo menos como missionário. Então a autoridade local não poderá apresentar nenhuma objeção. Se o padre não tiver recursos próprios para a viagem, os colonos imediatamente enviarão ao Prezado Senhor a soma exigida. Acrescento que aqui se faz necessário um padre com vocação, um bom patriota, e então será possível fazer muita coisa com o nosso povo. Mas, se um padre aqui não aparecer e não se estabelecer, não se poderá mais contar com os poloneses de São Mateus; em pouco tempo, nesta liberdade brasileira, eles se tornarão selvagens a adotarão, como já estão começando a adotar, o espírito brasileiro, e seus filhos logo renegarão a sua identidade polonesa. É uma grande obrigação de todo polonês empenhar-se para não nos privarmos definitivamente de tantas forças polonesas...”

¹¹ *Ibidem*, p. 176.

sa encontra-se apenas nos sacerdotes poloneses e no ritual eclesiástico, porque as escolas polonesas, que aqui existem em pequeno número, são para isso insuficientes”¹².

Muitas informações a respeito da pastoral polonesa no Brasil nos são fornecidas por Estanislau Kłobukowski, que visitava os imigrantes poloneses no início da sua vida de colonizadores. Eis uma observação de Kłobukowski: “A falta de um padre polonês e da escola polonesa, bem como a presença de estrangeiros fora das colônias muito perturbam o colonos. Muitos deles, apesar do sucesso, no fundo da alma não abandonam a ideia de mudar-se para onde a população polonesa é mais numerosa, para que as crianças tenham o ensino polonês e eles possam fechar os olhos entre os seus”¹³. Igualmente José Siemiradzki, em seu livro, aborda a problemática da pastoral polonesa e da preservação da identidade nacional¹⁴.

A primeira congregação religiosa que iniciou a sua atividade em território brasileiro no ocaso do século XIX e no início do século XX foi a Congregação do Verbo Divino (verbistas)¹⁵. Os verbistas vieram ao Brasil em 1895. Iniciaram o seu trabalho no estado do Espírito Santo. Vieram ao Paraná a pedido do bispo de Curitiba – Dom José de Camargo Barros. O primeiro núcleo deles foi a paróquia de São José dos Pinhais, que naquela época se estendia por uma área de 100 quilômetros (até a divisa com o estado de Santa Catarina) por 50 quilômetros. Essa foi a primeira paróquia no Brasil onde os verbistas se encontraram com poloneses. Em novembro de 1900 veio a essa paróquia o pe. Carlos Dworaczek, falecido com fama de santidade¹⁶.

Quase que simultaneamente com os verbistas, vieram os missionários de S. Vicente de Paulo (que no Brasil passaram a ser conhecidos como vicentinos). No dia 19 de maio de 1903 – atendendo a um convite do acima mencionado bispo Dom José de Camargo

¹² Ibidem, p. 183-184.

¹³ KŁOBUKOWSKI, S. *Wspomnienia z podróży do Brazylii, Argentynie, Paragwaju, Patagonii i Ziemi Ognistej*. Lwów, 1898, p. 130, 182-183, 188-190.

¹⁴ SIEMIRADZKI, J. *Szlakiem wychodźców. Wspomnienia z podróży do Brazylii*. Warszawa, 1900, p. 147.

¹⁵ PARADOWSKA, M. *Wkład...*, op. cit., p. 215.

¹⁶ TURBAŃSKI, S. *SVD. Murici – terra nossa*. Curitiba, 1978, p. 35; Idem. *Kościół polski w Kurytybie*. Curitiba, 1978, p. 8; Idem. *Werbiści – Zgromadzenie Słowa Bożego (SVD). Biuletyn Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii*, n. 2, 1977, p. 6-7.

Barros e dos imigrantes poloneses – partiu de Cracóvia o primeiro grupo missionário (pe. Boleslau Bayer, pe. Hugo Dylla, pe. Francisco Chylaszek e o ir. Alexandre Węgrzyn). No dia 19 de junho de 1903 eles desembarcaram no porto de Paranaguá. No dia seguinte vieram a Curitiba¹⁷.

É preciso ainda enfatizar uma realidade pouco conhecida. Eis que no início da colonização polonesa no Brasil os padres poloneses eram decididamente insuficientes! O pe. Adalberto Sojka assinala claramente: “Eram poucos para os próprios imigrantes, poucos para as áreas pelas quais se espalhavam. Nunca chegaremos a contar ali mais de vinte padres poloneses ao mesmo tempo. Em muitas colônias, pela vinda dos primeiros padres as pessoas tinham de esperar dez a quinze anos; em outras, após a partida de um padre, tinham de esperar anos até que viesse o seu substituto”¹⁸.

Gostaria, neste ponto, de registrar o seguinte fato. O primeiro bispo da diocese de Curitiba, Dom José de Camargo Barros, numa comovente carta ao bispo de Przemyśl pedia – por Deus – pelo menos dez padres, visto que, como escrevia: “Somente o sacerdote polonês pode assegurar a adequada assistência ao imigrante polonês”¹⁹.

Com o passar do tempo começaram a chegar ao Brasil igualmente outras congregações masculinas, às quais, após a II Guerra Mundial, juntaram-se os membros da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados²⁰. O primeiro padre da Sociedade de Cristo, que no dia 2 de janeiro de 1958 veio para o trabalho pastoral em meio à colônia polonesa no Brasil, foi o pe. Ceslau Czartoryski. A seguir, naquele mesmo ano, vieram os padres Estanislau Nowak, Sigismundo Supieta e José Wojda²¹.

¹⁷ Lud, 15.7.1953, p. 1; PAŁKA, J. CM. Zgromadzenie Księży Misjonarzy w Brazylii. *Kalendarz Ludu*. Curitiba, 1953, p. 48; TURBAŃSKI, S. SVD. *Kościół polski...*, op. cit., p. 8.

¹⁸ SOJKA, W. CM. Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii. *Duszpasterz Polski Zagranicą*, n. 1 (1961), p. 45-46.

¹⁹ *Ibidem*, p. 46.

²⁰ PARADOWSKA, M. *Wkład...*, op. cit., p. 215. A Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados foi fundada pelo Primaz da Polônia cardeal Augusto Hlond em 1932. O objetivo principal da congregação é o trabalho pastoral em prol dos compatriotas que se encontram fora da Polônia. Cf.: *Ustawy i Dyrektorium Towarzystwa Chrystusowego dla Polonii Zagranicznej*. Poznań, 1991, cap. 2, p. 9-11; KOŁODZIEJ, B. Pe. *Towarzystwo Chrystusowe w Ameryce Południowej 1958-1988*. Curitiba, 1989, p. 3-7.

²¹ MALCZEWSKI, Z. TChr. *W służbie Kościoła i Polonii...*, op. cit., p. 292.

É preciso assinalar que os padres vindos da Polônia não apenas exerciam tarefas decorrentes da sua vocação religiosa, mas também apoiavam os imigrantes com diversos conselhos, forneciam o consolo espiritual, bem como contribuía para que surgissem – além das construções sacras – também as primeiras escolas e bibliotecas. Em caso de necessidade, o religioso polonês prestava aos nossos colonos a assistência médica, econômica, legal. Segundo Maria Paradowska, “o amplo leque de atividade, sobretudo pastoral, mas também cultural e em muitas outras áreas, teve um enorme significado para os colonos poloneses e para toda a sociedade do país da sua residência”²². É um fato inegável que o clero polonês desempenhou um importante papel na preservação do polonismo entre os emigrados poloneses no Brasil. O papel do padre polonês não se restringia, portanto, a tarefas puramente pastorais²³. Essa realidade ocorre ainda hoje na atividade dos religiosos poloneses e das irmãs polonesas entre os brasileiros de origem polonesa, estabelecidos principalmente no interior do país.

Gostaria de enfatizar mais uma vez que os primeiros padres poloneses que vinham ao Brasil empreendiam o trabalho pastoral entre os colonos poloneses. Ruy Christovam Wachowicz – um conhecido e apreciado historiador paranaense e polônico – observa: “A paróquia e o padre polonês eram indispensáveis para o camponês [polonês]. A igreja era o centro espiritual, mas também o núcleo onde o colono satisfazia as suas necessidades de comunicação com os semelhantes. No Brasil essas necessidades assinalavam-se mais ainda, em razão do isolamento em que lhes coube viver. A igreja, a paróquia e o padre serão por muito tempo, em muitas colônias do Brasil, o único fundamento da unidade entre os colonos”²⁴.

O mesmo acontecia com as congregações femininas. Inicialmente as religiosas polonesas vinham ao Brasil para trabalhar entre os imigrantes poloneses. As primeiras que vieram ao país foram as Irmãs de Caridade de S. Vicente de Paulo (1904), e a seguir as franciscanas da Sagrada Família – conhecidas no Brasil como Irmãs da Sagrada Família (1906). A mais jovem congregação feminina a traba-

²² PARADOWSKA, M. *Wkład...*, op. cit., p. 215.

²³ DOBOSIEWICZ, Z.; RÓMMEL, W. *Polonia w Ameryce Łacińskiej*. Lublin, 1977, p. 32, 108-109, 159.

²⁴ WACHOWICZ, R. C. *O camponês polonês no Brasil*. Curitiba, 1981, p. 93.

lhar em meio à colônia polonesa no Brasil são as missionárias de Cristo Rei, presentes no país desde 1988²⁵.

Somente com o passar do tempo começaram a vir missionários e missionárias polonesas para dedicar-se à atividade pastoral, caritativa (e também de outra natureza, mas sempre tendo relação com o serviço evangélico) entre os brasileiros. No que diz respeito à atividade do clero polonês no Brasil, conforme afirmei acima, no início ela tem sido desenvolvida entre os imigrantes poloneses. O clero polonês desenvolveu uma atividade não apenas puramente religiosa, porquanto também fortalecia entre os emigrados o sentimento da identidade nacional e a memória das suas raízes. Atualmente essa atividade continua a ser sempre atual, embora seja desenvolvida – em grande medida – em prol das gerações subsequentes dos imigrantes poloneses. Talvez valha a pena lembrar que o afluxo da imigração polonesa ao Brasil encerrou-se praticamente após a II Guerra Mundial. A diversificada atividade pastoral dos padres diocesanos e religiosos poloneses e das irmãs pertencentes a diversas congregações contribui para a elevação dos descendentes dos emigrados poloneses, bem como da sociedade local, a um nível espiritual, cultural e civilizacional mais elevado²⁶.

Importa – ainda que brevemente – lembrar as visitas pastorais que hierarcas poloneses têm realizado à colônia polonesa no Brasil. O primeiro a encontrar-se com os compatriotas no Rio de Janeiro e em São Paulo foi o cardeal Dom Augusto Hlond, primaz da Polônia. Em sua viagem a Buenos Aires, para participar do Congresso Eucarístico Internacional em outubro de 1934, o cardeal Hlond deteve-se no Rio de Janeiro. O mesmo aconteceu na viagem de volta do congresso, quando o primaz da Polônia encontrou-se com a colônia polonesa em São Paulo e no Rio de Janeiro. O bispo Dom Teodoro Kubina, que fazia companhia ao cardeal Hlond, após o término do congresso permaneceu no Brasil por três meses e visitou os núcleos poloneses no Sul do país²⁷. O hierarca seguinte a encontrar-se

²⁵ MALCZEWSKI, Z. TChr. *Duszpasterstwo polskie w Rio de Janeiro. Duszpasterz Polski Zagranicq*, n. 3 (1993), p. 425.

²⁶ PARADOWSKA, M. *Wkład...*, op. cit., p. 225. A experiência pessoal e a observação do autor no decorrer de 32 anos de trabalho no Brasil confirmam a opinião da autora.

²⁷ MALCZEWSKI, Z. TChr. *Obecność Polaków i Polonii w Rio de Janeiro*. Lublin, 1995, p. 180.

com a colônia polonesa no Brasil foi o bispo Dom José Gawlina²⁸. Em 1968 o bispo Dom Ladislau Rubin visitou os núcleos poloneses do país²⁹. A colônia polonesa vivenciou uma grande alegria em 1984 em razão do encontro com o cardeal Dom José Glemp, primaz da Polônia e protetor dos emigrados³⁰. Estando no Rio de Janeiro, encontraram-se com a comunidade polônica o bispo Dom João Wosiński (11.11.1990), o arcebispo Dom Jorge Stroba (3.8.1978), o cardeal Dom Francisco Macharski (11.11.1990) e o bispo Dom Sigismundo Kamiński (novembro de 1993)³¹. Alguns anos mais tarde, encontrando-se no país, mantiveram encontros com a comunidade polônica: o arcebispo Dom Zeno Grocholewski, do Vaticano (1996), e o bispo Dom Estanislau Stefanek SChr (julho-agosto de 1996)³². O arcebispo Dom Estêvão Wesoly visitou diversas vezes a colônia polonesa no Brasil, a residente nas metrópoles (Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba) e a que vive no interior do país³³. Todas essas visitas dos pastores poloneses “introduziram na comunidade polonesa a renovação do espírito de fé e dos vínculos com a Pátria”³⁴.

Falando da pastoral polônica, não se pode deixar de mencionar a existência da Missão Católica Polonesa no Brasil, cujo início ocorre com a nomeação do seu primeiro reitor. Nos documentos a mim acessíveis, não encontrei um documento específico a estabelecer a Missão. Por proposta do arcebispo Dom José Gawlina, protetor dos emigrados poloneses residente em Roma, no dia 4 de fevereiro de 1953 o pe. Ludovico Bronny CM, visitador da congregação dos padres vicentinos, foi nomeado pela Congregação Consistorial missionário dos imigrantes poloneses no Brasil. A nomeação foi assinada pelo cardeal Dom Adeodato Giovanni Piazza, responsável por essa Congregação na Santa Sé³⁵. Tradicionalmente, nas condições da pastoral emigratória polonesa, essa função tem sido identificada

²⁸ Ibidem, p. 181.

²⁹ Ibidem.

³⁰ GLEMP, J. Kard. *Kościół i Polonia*. Poznań-Warszawa, 1986.

³¹ MALCZEWSKI, Z. TChr. *Obecność Polaków...*, op. cit., p. 182-183.

³² MALCZEWSKI, Z. TChr. *W służbie Kościoła i Polonii...*, op. cit., p. 98-206.

³³ MALCZEWSKI, Z. TChr. *Polonii brazylijskiej obraz własny. Zapiski emigranta 1979-2006*. Curitiba, 2007, p. 58-61, 74-78, 176.

³⁴ MALCZEWSKI, Z. TChr. *Obecność Polaków...*, op. cit., p. 183.

³⁵ Arquivo dos Padres Vicentinos em Curitiba (a seguir: APV). Pasta: *Rektorat Polskiej Misji Katolickiej 1955-1962. Deklaracja ks. L. Bronnego CM z dnia 14 XII 1955; Lud, 8.7.1953*, p. 1.

com a de reitor. A partir de então toda a correspondência destinada ao pe. Ludovico Bronny e aos seus respectivos sucessores tem sido endereçada como ao reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil³⁶.

Dessa forma, a data de 4 de fevereiro de 1953 deve ser considerada como o início da pastoral polonesa especialmente organizada no Brasil. Isso ocorreu graças aos empenhos do incansável arcebispo Dom José Gawlina³⁷.

Talvez a maior dificuldade no desenvolvimento da atividade dos diversos reitores da Missão Católica Polonesa no Brasil tenha sido a busca dos necessários recursos financeiros. Mencionava esse problema o pe. Estanislau Piasecki na sua carta do dia 13 de março de 1956 ao arcebispo Gawlina³⁸. Por sua vez o pe. João Pitoñ, numa carta do dia 10 de julho de 1963 ao mesmo arcebispo, escrevia: “Reitorias sem meios financeiros são uma utopia; somente pesos – é um absurdo que não pode subsistir por muito tempo”³⁹. Num tom semelhante escrevia o pe. Pitoñ também ao cardeal Dom Estêvão Wyszyński, primaz da Polônia⁴⁰. Por certo período de tempo, a província norte-americana da Sociedade de Cristo tem apoiado financeiramente a atividade do reitor pe. Benedito Grzymkowski SChr. Esses recursos, em grande medida, eram destinados a cobrir as despesas de viagem aos núcleos polônicos no Brasil e as visitas aos padres poloneses que trabalhavam nas diversas regiões desse extenso país. O atual reitor (o sétimo sucessivo), sendo pároco da paróquia de S. João Batista em Curitiba, muitas vezes destina à atividade de reitor o salário de pároco que ganha na paróquia. Esporadicamente recebe alguma importância para cobrir despesas de viagens ou ainda a atividade editorial. No que diz respeito à atividade editorial, é preciso enfatizar que no início da sua reitoria o pe. Benedito Grzymkowski SChr editou a cada mês, durante três anos, o *Boletim da Missão Católica Polonesa no Brasil*. O atual reitor edita o *Eco da Missão Católica Polonesa no Brasil*, publicado a cada dois meses e direcionado aos padres e aos líderes polônicos, bem como a todos os missionários e missionárias provenientes da Polônia. O *Eco* é a única publicação no Brasil editada em língua polonesa. Além disso, é editada a revista *Polonicus*, de perfil científico e dedicada à problemática polônica e aos contatos Brasil-Polônia. Esse periódico é publicado semestralmente em língua

³⁶ APV. Pasta: *Rektorat Polskiej Misji Katolickiej 1952-1963*.

³⁷ *Lud*, 8.7.1953, p. 1.

³⁸ APV. Pasta: *Rektorat Polskiej Misji Katolickiej 1952-1963*.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ *Ibidem*.

portuguesa. Aparece em polonês a tradução do sumário, do editorial e um resumo de cada artigo. Exercendo o seu ministério há apenas alguns meses, o novo provincial da Sociedade de Cristo na América do Sul, pe. Casimiro Długosz SChr, demonstra compreensão e apoio ao reitor da Missão no que diz respeito ao apoio financeiro para a sua atividade.

No entanto constata-se que, apesar das dificuldades financeiras com as quais se têm defrontado, os diversos reitores da Missão Católica Polonesa no Brasil têm-se esforçado por cumprir fielmente essa missão – nem sempre fácil – que lhes foi confiada pela Igreja.

No que diz respeito à pastoral específica, o que propriamente é a pastoral polônica, ela é desenvolvida na dimensão seguinte. Nas cidades grandes – onde residem os poloneses nascidos na Polônia ou os seus descendentes fortemente relacionados com a fé, a cultura e a língua polonesa – existem paróquias pessoais ou capelarias polonesas. As paróquias pessoais polonesas têm sido instituídas há algumas décadas e existem até o dia de hoje em Curitiba (Paróquia S. Estanislau Bispo e Mártir – verbistas) e Rio de Janeiro (Paróquia de Nossa Senhora do Monte Claro – padres da Sociedade de Cristo). Além das mencionadas paróquias pessoais, existem capelarias polonesas em São Paulo (desde o início dirigida pelos salesianos, e a partir de dezembro de 1996, pelos padres da Sociedade de Cristo) e Porto Alegre (inicialmente dirigida pelos padres diocesanos e a seguir, durante setenta anos, pelos padres vicentinos; atualmente a capelania não conta com um padre). Além disso, em Curitiba, por dezenas de anos os padres vicentinos celebraram todos os domingos, em sua igreja paroquial de S. Vicente de Paulo, uma missa em polonês. Nos últimos meses interromperam a celebração da missa polonesa em razão do pequeno número de pessoas que apareciam todos os domingos em sua igreja.

No entanto nas regiões onde vivem os descendentes dos imigrantes poloneses existem paróquias territoriais. Gostaria de frisar neste ponto que desde o início da presença dos imigrantes no Brasil não têm sido instituídas paróquias nacionais. Os bispos criavam paróquias territoriais em áreas muito extensas. Os meios de comunicação eram muito primitivos, muitas vezes restringindo-se a um estreito caminho traçado em meio à mata virgem.

Nas comunidades paroquiais onde vivem os descendentes dos imigrantes poloneses a pastoral polônica depende em grande

medida das necessidades dos próprios brasileiros de origem polonesa, bem como da criatividade e do engajamento do próprio padres polônês. É preciso acrescentar ainda que em muitas paróquias são dadas aulas de língua polonesa, existem programas radiofônicos de caráter polônico, bem como conjuntos de folclore polônês⁴¹.

Gostaria de citar uma observação do então Primaz da Polônia, o cardeal Dom José Glemp, que visitou os núcleos polônicos no Brasil e na Argentina em 1984. Após a sua volta à Polônia, ele publicou um livro em que registrou as suas observações: “A integração das comunidades religiosas apresenta a vantagem de introduzir o bem de cada nação no bem comum do país. Negligenciar a educação católica das crianças e dos jovens segundo a tradição polonesa equivale a contentar-se com a mediocridade, a baixar o nível da espiritualidade. No contexto brasileiro-argentino, não se pode negar que a catequese polonesa e o programa pastoral polônês, resultante da tradição de uma cultura milenar, garantem a obtenção de uma maturidade cristã mais elevada, o que equivale a uma contribuição positiva em prol da Igreja universal. [...] O sentido da pastoral polônica não consiste em preservar a todo o custo a língua e os costumes poloneses, mas em desenvolver da forma mais plena a graça da fé baseando-se na cultura religiosa polonesa e dessa forma dar testemunho de uma vida na Igreja que seja digna de aceitação e imitação [...]. Onde a pastoral polonesa é frágil, enfraquece também a brasileira”⁴².

É preciso salientar que as paróquias pessoais polonesas, as capelanias polonesas ou as paróquias territoriais em cujo território residem os descendentes dos imigrantes poloneses fazem parte das estruturas da Igreja local. Permito-me citar um trecho do meu pronunciamento durante uma conferência realizada pelo Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia (CESLA – UV) em dezembro de 1998: “No âmbito do seu ministério pastoral, a Igreja no Brasil quis envolver todos os grupos sociais. No início da colonização, em muitos casos os bispos chamavam a atenção dos padres estrangeiros para que na assistência proporcionada aos seus compatriotas não se esquecessem das coletividades locais (dos mestiços, dos caboclos ou dos chamados luso-brasileiros). Atualmente a Igreja continua a possibilitar o desenvolvimento da pastoral étnica. Nos últimos anos os documentos da Conferência Nacional dos Bis-

⁴¹ MALCZEWSKI, Z. TChr. *Duszpasterstwo polskie...*, art. cit., p. 371.

⁴² GLEMP, J. Kard. *Kościół i Polonia*. Poznań-Warszawa, 1986, p. 24-25.

pos do Brasil (CNBB) têm salientado o valor de o povo expressar a sua experiência de fé dentro da sua própria cultura. Tanto o povo como a comunidade e os evangelizadores são convocados ao aprofundamento da fidelidade não apenas ao Evangelho, mas também à sua própria cultura e história⁴³.

Nos primeiros anos da colonização polonesa a Igreja – através dos padres poloneses – desempenhou um papel unificador e foi o baluarte do polonismo. Atualmente, os religiosos poloneses continuam a contribuir para a difusão da cultura polonesa, dos costumes religiosos, das tradições, do folclore, mas já entre as sucessivas gerações dos imigrantes poloneses. Desde a eleição do cardeal Carlos Wojtyła como Papa, as suas visitas apostólicas ao Brasil e o encontro com a colônia polonesa do Brasil em Curitiba no dia 4 de julho de 1980, observamos um despertar da consciência da identidade polonesa entre as pessoas de raízes étnicas polonesas. Essas pessoas buscam as suas raízes e ficam sabendo em que consiste a sua identidade justamente dos padres poloneses. A maioria das pessoas de origem polonesa desconhece a língua polonesa. Não cabe aqui analisar as causas da perda de terreno da língua polonesa dentro da comunidade polônica nos últimos setenta anos. Os motivos, principalmente de natureza política, foram muitos. É por isso que, no ministério pastoral em meio àqueles que não conhecem suficientemente a língua polonesa existe a necessidade de chegar até eles com os valores culturais poloneses em sua língua pátria, ou seja, em português. Para os padres poloneses que trabalham nas coletividades polônicas, o trabalho pastoral não se restringe apenas a tarefas puramente religiosas. O padre deve não apenas evangelizar, mas ser também um incentivador e líder polônico. Deve não apenas ensinar a oração, ministrar os sacramentos, mas precisa também falar da Polônia atual e da sua cultura, esforçar-se por transmitir toda a riqueza da tradição religiosa polonesa. No interior do país, onde vivem os descendentes dos colonos poloneses, percebemos um forte sentimento de polonismo na família, que é fortalecido mais ainda onde há um padre polonês. Infelizmente, constata-se com tristeza que nem todos os padres poloneses que trabalham em meio aos descendentes dos imigrantes poloneses entendem dessa forma o seu ministério pastoral e

⁴³ MALINOWSKI, M. (Org.). *Rola duszpasterstwa polskiego w organizacji społeczności lokalnych w Ameryce Łacińskiej*. Warszawa, 1999, p. 30.

que eles devem ser os embaixadores da tradição e da cultura polonesa⁴⁴.

Gostaria de citar aqui um trecho de um artigo do engenheiro Edmundo Gardolinski (nascido em São Mateus do Sul – PR, filho de imigrantes poloneses – seu pai, Mariano foi agrimensor)⁴⁵, construtor de numerosos aeroportos e prédios públicos, pesquisador e articulista polônico. O seu texto foi publicado no dia 25 de julho de 1957 no jornal *Diário de Notícias*, de Porto Alegre: “A tendência, senão o sonho dos poloneses, deve ser nesse caso apenas que cada um dos descendentes do elemento polonês saiba da sua origem, não se envergonhe dela e veja de forma favorável as questões da pátria do seus antepassados. Essa consciência positiva não apenas será suficiente, mas será a garantia da união espiritual com a Polônia da pessoa que é brasileira, que aqui se radicou firmemente, mas que apesar disso envolve de amizade e cordialidade a distante nação polonesa, como se fosse um distante mas estimado familiar [...]. O brasileiro de origem polonesa sensível às questões polonesas nada perderá da sua brasilidade, por mais cordial que ela seja. Mais ainda: para o Brasil com certeza não é indiferente que um grupo que se fixa em seu território e adquire os direitos morais e legais de cidadão dispõe do cabedal de certos sentimentos, seja uma massa humana valiosa ou – pelo contrário – medíocre ou até renegada”⁴⁶.

Durante a mencionada conferência científica organizada pelo Centro de Estudos Latino-Americanos (CESLA) da Universidade de Varsóvia, em dezembro de 1998, sobre o tema “O papel da pastoral polonesa na organização das coletividades locais na América Latina”, o então jovem cientista Mariusz Malinowski assim se pronunciou: “O papel da Igreja na vida organizacional da comunidade polônica é um tema que merece atenção especial. Através da Igreja realiza-se com muita frequência a atividade das organizações polônicas. Principalmente no interior, onde não existem condições para a criação de uma base cultural polonesa, algumas vezes a única forma para a preservação do polonismo é o cultivo dos rituais relacionados com a tradição religiosa católica do Natal e da Páscoa. E nas localidades em que, graças à atividade dos líderes locais, pode-se organi-

⁴⁴ MALCZEWSKI, Z. TChr. *Polonii brazylijskiej obraz własny...*, op. cit., p. 149-150, 194.

⁴⁵ Uma biografia de Edmundo Gardolinski pode ser encontrada em meu livro: *Słownik biograficzny...*, op. cit., p. 125-126.

⁴⁶ GARDOLINSKI, E. *Polska grupa etniczna w Região Missioneira. Kalendarz Ludu*. Curitiba, 1958, p. 73.

zar algo mais – eventos sem a presença do padre são impensáveis [...]. A pastoral polônica é um fenômeno interessante no contexto histórico, porquanto os ambientes tão jovens como as nações latino-americanas e, como elas, compostos de um mosaico de multiculturalismo e exotismo, estão sujeitos a processos sociais cujas regras não transpuseram ainda a etapa das hipóteses. E não se pode esquecer disso falando da coletividade polônica na América Latina e da pastoral polônica com ela tão estreitamente relacionada”⁴⁷.

Por sua vez o engenheiro André Hamerski, um líder da comunidade polônica brasileira, durante a mencionada conferência científica falou com toda a convicção: “O trabalho dos padres nas comunidades polônicas, como objetivo de fazer renascer e preservar a cultura polonesa, é um autêntico exemplo de trabalho pastoral. [...] Os lemas do renascimento da cultura da religiosidade polonesa muitas vezes fazem brotar lágrimas nos olhos daquelas pessoas de origem polonesa que falam ou falaram em polonês, com maior ou menor competência. Da história de algumas associações, clubes, etc. fundados no Rio Grande do Sul claramente resulta que caminham para a decadência aqueles que, apesar do respeito à cultura polonesa, esqueceram-se de Deus e da memória da religiosidade do povo polonês. Nos últimos tempos tem crescido muito o culto de Nossa Senhora de Częstochowa. Intensifica-se também o movimento que testemunha a importância da religiosidade dos imigrantes poloneses na criação das primeiras colônias. Essa é uma das funções da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa (BRASPOL), uma organização que atua há apenas nove anos”⁴⁸. Complementarei dizendo que em janeiro deste ano a BRASPOL celebrou solenemente em Curitiba os 21 anos da sua atividade⁴⁹.

No decorrer da mencionada conferência o prof. Ladislau Miodunka, da Universidade Jagiellônica de Cracóvia, expressou – a meu ver, de forma muito oportuna – a observação: “A comunidade polônica brasileira tem orgulho da sua identidade brasileira, mas espera também por uma revalorização da identidade polonesa, espera o reconhecimento pelos anos em que a denominação ‘polaco’ era uma definição pejorativa. Além disso, essa comunidade polônica,

⁴⁷ MALINOWSKI, M. (Org.). *Rola duszpasterstwa polskiego...*, op. cit., p. 160-161.

⁴⁸ Ibidem, p. 206-208.

⁴⁹ MALCZEWSKI, Z. TChr. Świętowanie 21 rocznicy powstania “Braspolu”. *Echo Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii*, n. 10, 1/2011, p. 10-11.

em sua massa, está pronta a preservar a sua identidade polonesa, que de forma alguma ameaça a identidade brasileira. Muito pelo contrário: ela complementa essa identidade e até a enriquece⁵⁰. É justamente dessa forma que percebo o papel da pastoral polônica: que ela não apenas deve desenvolver a sua atividade numa dimensão puramente espiritual, religiosa, mas que deve também tornar-se protagonista e incentivadora da renovação e do fortalecimento da identidade polonesa dentro da atual comunidade polônica brasileira.

RESUMO – STRESZCZENIE

Tematyka duszpasterstwa polonijnego w Brazylii ma swoją bogatą historię. Autor przedstawia nam poszczególne okresy działalności polskiego duchowieństwa na rzecz utrzymania narodowego i religijnego statusu polskiej grupy etnicznej. Wymieniając znane nazwiska księży polskich, sięga do pierwszego księdza Polaka, którym był Wojciech Męciński, jezuita, który w 1561 r. dotarł przypadkowo do Brazylii. W artykule przewija się cały zestaw różnych zgromadzeń zakonnych, które przybywały do Brazylii przede wszystkim w okresie masowej emigracji Polaków do tego kraju. Duszpasterstwem polonijnym kieruje Polska Misja Katolicka, której rektorem jest autor powyższego artykułu.

⁵⁰ MALINOWSKI, M. (Org.). *Rola duszpasterstwa polskiego...*, op. cit., p. 42.

**A PROBLEMÁTICA BRASILEIRA EM DISSERTAÇÕES
DE MESTRADO DE ESTUDANTES
DO INSTITUTO DE ESTUDOS IBÉRICOS
E IBERO-AMERICANOS
E DO CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS
(CESLA) DA UNIVERSIDADE DE VARSÓVIA
(2000-2009)**

Bożena PAPIS e Renata SIUDA-AMBROZIAK***

Os estudos brasilianistas na Universidade de Varsóvia, realizados no âmbito dos estudos latino-americanos pelo Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos e pelo CESLA, já possuem uma longa tradição e gozam de um grande interesse, o que se pode observar com base no dinâmico desenvolvimento da didática, das pesquisas e da atividade editorial de ambas as unidades universitárias.

O Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia (anteriormente cátedra de Iberística) funciona desde 1972, e dentro dele o Instituto de Língua e Cultura Luso-Brasileira atua desde 1975. Tem por objetivo as pesquisas sobre lusofonia, com ênfase na riqueza histórico-literária do Brasil e na sua enorme diversidade cultural. O Instituto desenvolve atividades didáticas e trabalhos de pesquisa no âmbito do ensino da língua portuguesa, bem como da história, literatura e cultura de todos os países de língua portuguesa. As atividades desenvolvidas possuem caráter autoral e prático, o que determina o direcionamento ao trabalho individualizado com o estudante, que tem a possibilidade de escolher, dentro de uma ampla gama de atividades, aquelas que mais correspondem aos seus interesses.

No Instituto trabalham atualmente dois professores de nacionalidade brasileira com o título de doutor, que efetivamente estão contribuindo para a intensificação do papel dos estudos brasilianistas no Instituto, e no ano acadêmico 2009/2010 foi introduzido o ensino, desde a base, de duas variantes da língua portuguesa, de Portugal e do Brasil, o que no futuro deverá contribuir para o de-

* Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia.

** Centro de Estudos Latino-Americanos (CESLA) da Universidade de Varsóvia.

envolvimento de especializações distintas no âmbito dos estudos culturais portugueses e brasileiros, bem como dos países africanos de língua portuguesa.

Na seção luso-brasileira são desenvolvidos estudos de licenciatura, mestrado e doutorado na área da língua portuguesa. Visto que um dos principais objetivos da educação formulados para os formandos dos estudos de mestrado é o domínio fluente da língua portuguesa falada e escrita, tem sido dada ênfase especial ao ensino da língua viva, prática, evitando-se a abordagem puramente gramatical, consistindo no estudo passivo do material linguístico.

Os estudantes adquirem um conhecimento aprofundado e versátil no âmbito da cultura, história e literatura da área de língua portuguesa através de disciplinas como: História da Cultura de Portugal e do Brasil, Geografia da América Latina, Literatura na Cultura dos Países de Língua Portuguesa, Pensamento Filosófico Português, Filosofia da Cultura Latino-Americana ou Brasileira.

No programa dos estudos de mestrado tem sido dada ênfase especial à formação individual do estudante baseada numa série de cursos de especialização que ampliam a temática escolhida. A partir do terceiro ano, o estudante pode direcionar por conta própria a aquisição do conhecimento, de acordo com seus próprios interesses, escolhendo as adequadas atividades monográficas, seminários, aulas de especialização e seminários de mestrado.

O dinamismo do desenvolvimento dos estudos brasilianistas é comprovado igualmente pela cooperação do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos com a Universidade de Brasília e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro, envolvendo diversos projetos na área de pesquisas científicas, atividade didática (troca de experiências didáticas, troca de materiais didáticos, intercâmbio de professores, participantes de estudos de doutorado e estudantes), consistindo ainda em debates, conferências ou simpósios que envolvam os interesses bilaterais.

Graças ao Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos, e especialmente do se Instituto de Língua e Cultura Luso-Brasileira, a lusofonia, como área de pesquisas, torna-se cada vez mais amplamente conhecida na Polónia.

O Centro de Estudos Latino-Americanos (CESLA), instituído em 1988, é uma unidade organizacional da Universidade de Varsóvia de carácter interdisciplinar, que tem como objetivo a promoção, o desenvolvimento e a divulgação de estudos a respeito da América

Latina, dos quais o brasilianismo constitui uma parte essencial e integrante. O CESLA realiza programas de pesquisa, participa do movimento americanista internacional, desenvolve uma dinâmica atividade didática no nível de estudos de mestrado do segundo grau e de estudos de pós-graduação, possui um centro de documentação e informação sobre a América Latina e desenvolve uma animada atividade editorial e o intercâmbio acadêmico com a América Latina.

A formação, como parte imanente da atividade acadêmica de toda instituição universitária, representa no CESLA um objeto de excepcional desvelo. Em consequência da integração de disciplinas científicas como Antropologia, Filosofia, Geografia, História, Economia, Sociologia, Ciências Políticas, Relações Internacionais e Literatura, tem sido elaborado um programa singular de estudos culturais, que tem por objetivo a preparação de especialistas altamente qualificados na área do conhecimento, da compreensão e da interpretação dos variados processos e fenômenos que ocorrem nas sociedades latino-americanas, caracterizando-se por uma postura crítica diante das imagens estereotipadas da América Latina.

O objetivo dos estudos acima definido é atingido através de um processo de formação que envolve duas áreas complementares – a conceitual e a prática. A área conceitual tem por objetivo ensinar ao estudante a difícil arte de “compreender a América Latina”, isto é, a compreensão e a capacidade de interpretação dos fenômenos e dos processos que ocorrem nas sociedades latino-americanas, com ênfase na consolidação de aptidões analíticas e interpretativas das relações da América Latina com outros espaços culturais e políticos do mundo. Nesse contexto, o programa de estudos estabelece questões conceituais e metodológicas, permitindo adquirir um conhecimento básico nas áreas que constituem os atuais estudos culturais latino-americanos e ajudando no desenvolvimento dos interesses. A área prática pressupõe a formação do latino-americanista, cujas competências específicas implicam: uma abordagem desembaraçada da problemática latino-americana; a posse de conhecimentos sobre as fontes de informação, bem como sobre instituições e organizações que participam da análise e da transformação da realidade latino-americana; a percepção e a descrição das relações existentes entre as diversas áreas culturais no espaço latino-americano, bem como a definição da sua especificidade; o conhecimento da língua espanhola ou portuguesa num nível pelo menos bom, que possibilite a livre comunicação e a busca de conhecimentos na área dos interesses de pesquisa; a inteligente e criativa adaptação às necessidades do mer-

cado de trabalho em qualquer uma das áreas ligadas direta ou indiretamente com a América Latina, tais como: trabalho no exterior e cooperação internacional, promoção da cultura, da economia e do comércio internacional, do turismo, da imprensa, da ciência.

O CESLA satisfaz as necessidades didáticas e de pesquisa com o seu próprio quadro de profissionais, complementando a oferta com professores contratados ou professores visitantes da Europa e da América Latina. Em razão do caráter específico da formação, no CESLA trabalham professores estrangeiros, o que assegura o desenvolvimento de atividades didáticas em línguas estrangeiras, sobretudo em espanhol. O lema dos estudos desenvolvidos – “A América Latina – com a inteligência e o coração” – traduz a quintessência dos esforços do CESLA com o objetivo de formar estudantes meritariamente bem preparados, abertos ao mundo e às pessoas, tolerantes e fascinados com a cultura latino-americana.

Em ambas as unidades acima apresentadas, no âmbito dos estudos latino-americanos são desenvolvidas pesquisas e atividades didáticas de temática brasileira, que se refletem nos interesses dos estudantes, resultando diretamente em dissertações de mestrado dedicadas à temática brasileira.

No Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos, o estudante da seção luso-brasileira tem o direito de escolher um tema de estudo dentre a oferta de atividades proposta para determinado ano acadêmico. A escolha do trabalho de mestrado é feita em colaboração com o orientador do mestrado. Esse trabalho deve ser apresentado em língua portuguesa, da mesma forma que a defesa de tese é feita nessa língua.

Nos últimos anos observa-se o aumento do interesse pela temática atual, relacionada com a política, a economia, a sociologia ou a arte, o que é uma expressão da necessidade de se compreender o mundo atual através do Brasil. Os temas das dissertações de mestrado apresentados nos anexos representam o efeito da pluralização das pesquisas na direção da interdisciplinaridade, que ocorre com excepcional frequência nos diagnósticos metodológicos relacionados com o desenvolvimento da cultura. Muitas vezes se trata de temas nos limites da ficção e da realidade, expressando a inquietação e o desvelo por esse país, buscando encontrar soluções para os seus problemas. Nesses trabalhos manifesta-se a preocupação de mostrar a especificidade do Brasil, da sua história e do seu desenvolvimento, do seu papel no continente latino-americano e no mundo. Para o

estudante polonês o Brasil é uma junção da contemporaneidade (*O discurso utópico dos fundadores da cidade de Brasília: Juscelino Kubitschek aos olhos de Brasília: memória do fundador da capital brasileira preservadas pelos seus monumentos, arquitetura e museografia*) com o passado colonial (*O papel dos negros escravos na História do Brasil: por que Canudos foi e por que continua a ser um símbolo: os sem-terra à procura da terra prometida; O problema da terra no Brasil do século XX – a atitude da Igreja católica*). Em muitos trabalhos é visível a reflexão sobre a identidade nacional dos brasileiros (*O processo do reconhecimento da identidade das comunidades dos remanescentes dos antigos quilombos como parte do patrimônio cultural brasileiro; A linguagem da capoeira: processos de expressão não verbais e verbais*), bem como sobre a injustiça com a qual muitos deles se depararam no passado e que, infelizmente, continua a estar presente (*Silenciados, estereotipados, invisíveis: os “marginais” na literatura brasileira contemporânea*). Essa abordagem reflexiva dos temas se torna possível em razão do acesso a materiais originais, escritos principalmente em língua portuguesa, cujo conhecimento entre os estudantes envolvidos apresenta um nível bastante elevado.

Apesar da grande amplitude temática, as dissertações de mestrado testemunham a riqueza dos estudos brasilianistas no Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos. Uma análise detalhada dos títulos dos trabalhos conduz à indubitável conclusão de que a difícil escolha diante da qual se encontram os estudantes que buscam temas interessantes produz frutos em forma de trabalhos que significam um contínuo descobrimento do Brasil, desconhecido mas tão próximo.

De acordo com o perfil dos estudos e graças aos contatos mantidos com instituições brasileiras, o CESLA possibilita aos estudantes a realização de pesquisas locais ou em bibliotecas, na elaboração das teses de mestrado de temas brasilianistas. O Brasil, a sua história, o seu presente, a sua cultura, a sua arte, a sua sociedade e a sua posição internacional apresentam-se como tema frequente nas pesquisas científicas desenvolvidas pelos estudantes.

Os estudantes do CESLA realizam a escolha dos orientadores das teses de mestrado sob o ponto de vista dos seus interesses, inscrevendo-se em determinados programas. Os seminários do mestrado são conduzidos por pesquisadores e professores do CESLA representando diversas disciplinas científicas, os quais orientam os trabalhos de mestrado que se situam meritória e tematicamente no âmbito de certa disciplina e nos interesses de pesquisa dos estudantes. Os projetos dos trabalhos diretamente relacionados com o

Brasil (assinalados no anexo em negrito) têm sido realizados, como convinha a uma unidade que realiza estudos interdisciplinares, em seminários conduzidos por sociólogos, antropólogos, economistas, historiadores e geógrafos especializados na política espacial. Quatro dentre as teses de mestrado mencionadas na relação são trabalhos excelentes, que mereceram análises excepcionalmente elogiosas e foram premiados num concurso polonês para a melhor dissertação de mestrado sobre a América Latina (dois deles foram publicados pelo CESLA na série editorial “Documentos de trabalho”).

Os demais trabalhos apresentados na relação abordam igualmente a temática brasileira, fazendo-o dentro de um amplo contexto global, continental ou regional. Também esses trabalhos constituem um interessante exemplo da utilização, por parte dos estudantes, de conhecimentos da área dos estudos brasilianistas realizados no CESLA. Com base na relação apresentada, pode-se perceber que as pesquisas realizadas pelos estudantes resultaram numa grande amplitude temática: desde trabalhos de caráter de estudos históricos com elementos de análise sociológica, etnográfica, econômica e política e *gender studies*, muitas vezes atingindo em suas premissas conceituais e temporais o momento presente (p. ex. *A emigração alemã no Brasil no final do século XIX e início do século XX*; *Os italianos no Brasil*; *A ditadura militar no Brasil e as relações Brasil-Estados Unidos nos anos 1964-1985*; *As relações econômicas e políticas do Brasil com os Estados Unidos e a sua influência no desenvolvimento econômico do Brasil nos anos 1930-1985*; *Os processos de democratização na América Latina no caso do Brasil nos anos 80 e a política dos Estados Unidos da América*; *A pastoral polônica no Brasil*; *A honra no abraço amoroso: a moralidade sexual das mulheres no Brasil nos anos 1911-1940 no contexto dos “processos de defloramento”*), passando por trabalhos relacionados com a análise espacial das grandes aglomerações urbanas do Brasil e a análise da identidade dos seus habitantes (*A expansão espacial e o desenvolvimento das favelas no caso do Rio de Janeiro*; *O desenvolvimento das favelas no Rio de Janeiro*; *A identidade da cidade de São Paulo e a diferenciação cultural dos seus habitantes*), trabalhos dedicados a figuras atuais significativas da vida política e cultural do Brasil (*A imagem de Luiz Inácio Lula da Silva na imprensa norte-americana*; *Análise da imagem de Luiz Inácio Lula da Silva no semanário “Veja”*; *Oscar Niemeyer no contexto das tendências políticas e sociais no período da sua vida criativa*), até trabalhos que abordam a atual temática econômica e social, tais como: *O significado socioeconômico do futebol no Brasil*; *Os investimentos italianos na América do Sul nos casos da Argentina e do Brasil*; *A situação social das*

crianças que vivem nas ruas do Brasil; As regras do comércio internacional (TRIPS) e a iniciativa do Brasil do acesso universal a remédios contra a AIDS; O sucesso da política de exportação brasileira no caso da EMBRAER S. A. Os demais trabalhos apresentados na relação, apesar de não conterem em seus títulos diretamente a temática brasileira, em grande medida com ela se relacionam, fazem a sua interpretação e a ela se referem. Por isso, constituem igualmente um precioso exemplo do interesse dos estudantes do CESLA pelo Brasil e uma prova de que esses autores possuem um amplo conhecimento sobre temas brasileiros.

Concluindo, constata-se que no decorrer dos últimos anos os estudantes do CESLA escreveram 33 trabalhos de temática relacionada com estudos brasilianistas, que constituem o resultado do seu interesse e entusiasmo, da sua boa preparação e do conhecimento de línguas estrangeiras, o que possibilita o empreendimento de tais desafios.

A breve análise acima apresentada da atividade de ambas as instituições na área dos estudos brasilianistas e a temática das dissertações de mestrado comprovam o grande envolvimento dos professores, que apoiam o desenvolvimento desse interesse dos estudantes no sentido do aprofundamento dos estudos sobre a problemática brasileira (escolhida dentre a ampla oferta de outros possíveis temas latino-americanos), e a atualidade dos problemas abordados pelos estudantes comprova a crescente atração do Brasil como espaço interdisciplinar de pesquisas culturais.

* * *

Anexo 1: Dissertações de mestrado de temática brasileira defendidas no Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia. (Os títulos dos trabalhos são apresentados em polonês e português)

1. *Vinicius de Moraes; narcyzizm i życie przekształcone w poezję.* Vinicius de Moraes: narcisismo e vida transformados em verso.
2. *Milczący, stereotypowi, niewidzialni: "ludzie z marginesu" we współczesnej literaturze brazylijskiej.* Silenciados, estereotipados, invisíveis: os "marginais" na literatura brasileira contemporânea.
3. *Wspólnota polska w Brazylii w okresie od drugiej połowy XIX wieku do czasów współczesnych.* A comunidade polonesa no Brasil desde a segunda metade do século XIX até os tempos atuais.

4. *Życie społeczne a prywatne w Rio de Janeiro w pierwszej połowie XIX wieku.* Sociedade e vida privada no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX.
5. *Echa Europy w Brazylii. Kultywowanie europejskiego dziedzictwa kulturalnego w Jaraguá do Sul oraz Massaranduba w stanie Santa Catarina.* Ecos da Europa no Brasil. O cultivo de heranças culturais europeias nos municípios de Jaraguá do Sul e Massaranduba, no estado de Santa Catarina.
6. *Imigracja i kolonizacja z Wysp Azorskich na południu Brazylii w latach 1748-1756: okoliczności-przebieg-konsekwencje.* Imigração e colonização açoriana no Sul do Brasil entre 1748-1756: circunstâncias-percurso-consequências.
7. *Getúlio Vargas i jego epoka: próba przybliżenia.* Getúlio Vargas e a sua era: uma tentativa de aproximação.
8. *Proces uznania tożsamości wspólnot zamieszkujących dawne quilombos jako część kulturalnego dziedzictwa Brazylii.* O processo do reconhecimento da identidade dos remanescentes dos antigos quilombos como parte do patrimônio cultural brasileiro.
9. *Rola czarnych niewolników w historii Brazylii.* O papel dos negros escravos na História do Brasil.
10. *Prawa człowieka w Brazylii (na przelomie XX i XXI wieku).* Direitos humanos no Brasil (na passagem do século XX ao XXI).
11. *Język w Brazylii.* A língua do Brasil.
12. *Język capoeiry: słowne i niesłowne procesy ekspresji.* A linguagem da capoeira: processos de expressão verbais e não verbais.
13. *Spojrzenie na bossa nova: historia społeczno-muzyczna.* Uma olhar sobre a bossa nova: história sociomusical.
14. *Formy tragiczne w dramatach Nelsona Rodriguesa: śmierć, zbrodnia oraz prześladowania seksualne w jego sztukach mitycznych.* Formas do trágico na dramaturgia de Nelson Rodrigues: morte, crime e repressão sexual nas suas peças míticas.
15. *Capoeira i proces tworzenia się tożsamości brazylijskiej.* A capoeira e o processo da construção da identidade brasileira.
16. *Religie afro-brazylijskie jako przejaw kultury afrykańskiej w Brazylii.* As religiões afro-brasileiras como manifestação da cultura africana no Brasil.
17. *Problem ziemi w Brazylii w XX wieku – postawa Kościoła katolickiego.* O problema da terra no Brasil no século XX – a postura da Igreja católica.

18. *Kościół katolicki w czasie dyktatury wojskowej w latach 1964-1984. A Igreja católica durante a época da ditadura militar no Brasil nos anos 1964-1984.*
19. *Muzyka z Morro w rytm funk: muzyka funk w Rio de Janeiro jako wyraz kultury slumsów. Vozes do Morro no ritmo funk: a música funk carioca – uma expressão da cultura das favelas no Rio de Janeiro.*
20. *Gra, walka, taniec – trzy oblicza capoeiry. Jogo, luta, dança – as três faces da capoeira.*
21. *Wizja brazylijskiego uniwersum kulturalnego w wybranych utworach Adoniasa Filho. Visão do universo cultural brasileiro em obras selecionadas de Adonias Filho.*
22. *Karnawał w Rio de Janeiro – aspekt społeczno-kulturalny. O carnaval carioca – aspecto sociocultural.*
23. *Dlaczego ruch Canudos pełnił i nadal pełni rolę symbolu: ludzie bez ziemi w poszukiwaniu ziemi obiecanej. Por que Canudos foi e por que continua a ser um símbolo: Os sem-terra à procura da terra prometida.*
24. *Ewolucja religii afrykańskich od ioruba do candomblé w stanie Bahia w Brazylii. A evolução das religiões africanas da origem ioruba até o candomblé no estado da Bahia, no Brasil.*
25. *Wizerunek kobiety w powieściach Machado de Assis. Imagens do feminino nos romances de Machado de Assis.*
27. *Historia a mit – wojna Farrapos w latach 1835-1845 w Rio Grande do Sul. A história e o mito – a Guerra dos Farrapos (1835-1845) no Rio Grande do Sul.*
28. *Mercosul po kryzysie gospodarski argentyńskiej. O Mercosul depois do colapso da economia argentina.*
29. *Odkrycie Brazylii. Konfrontacja spojrzenia na "Innego". O descobrimento do Brasil. O confronto do olhar e o processo de conhecer o "Outro".*
30. *Działalność Organizacji Pozarządowych w fawelach Rio de Janeiro: stan obecny. A atuação das ONGs no cotidiano das favelas do Rio de Janeiro: estado atual.*
31. *Inicjatywy integracji i przystąpienia Brazylii do międzynarodowych organizacji ekonomicznych od lat 90 XX wieku do chwili obecnej. As iniciativas de integração e adesão do Brasil aos principais organismos internacionais de caráter econômico a partir dos anos 90.*
32. *Juscelino Kubitschek widziany przez miasto Brasilię. Pamięć o twórcy stolicy Brazylii zachowana dzięki poświęconym mu pomnikom, dziełom architektonicznym i zbiorom muzealnym. Juscelino Kubitschek aos o-*

lhos de Brasília: Memória do fundador da capital brasileira preservada pelos seus monumentos, arquitetura e museografia.

33. *Dyskurs utopijny twórców miasta Brasílii*. O discurso utópico dos construtores de Brasília.

Anexo 2: Dissertações de mestrado de temática brasileira defendidas no CESLA da Universidade de Varsóvia. (Os títulos são apresentados em polonês e português)

1. *Ekspansja przestrzenna i rozwój dzielnic nędzy na przykładzie miasta Rio de Janeiro*. A expansão espacial e o desenvolvimento das favelas na cidade do Rio de Janeiro.

2. *Wizerunek Luiz Inacio Lula da Silva w prasie północnoamerykańskiej*. A imagem de Luiz Inácio Lula da Silva na imprensa norte-americana.

3. *Duszpasterstwo polonijne w Brazylii*. A pastoral polônica no Brasil.

4. *Działalność społeczna misjonarzy Zgromadzenia Słowa Bożego w Ameryce Łacińskiej*. A atividade social dos missionários da Congregação do Verbo Divino na América Latina.

5. *Tożsamość miasta São Paulo a zróżnicowanie kulturowe jego mieszkańców*. A identidade da cidade de São Paulo e a diversificação cultural dos seus habitantes.

6. *Azyl dyplomatyczny w Ameryce Łacińskiej jako przejaw regionalizmu w prawie międzynarodowym publicznym*. O asilo diplomático na América Latina como manifestação de regionalismo no direito internacional público.

7. *Globalizacja a ubóstwo w krajach Ameryki Łacińskiej*. Globalização e pobreza nos países da América Latina.

8. *Dyktatura wojskowa w Brazylii a stosunki Brazylii-USA w latach 1964-1985*. A ditadura militar no Brasil e as relações Brasil-Estados Unidos nos anos 1964-1985.

9. *Handel ludźmi w Ameryce Łacińskiej 1990-2005*. O tráfico humano na América Latina nos anos 1990-2005.

10. *Społeczno-ekonomiczne znaczenie futbolu w Brazylii*. O significado socioeconômico do futebol no Brasil.

11. *Rozwój dzielnic nędzy w Rio de Janeiro*. O desenvolvimento das favelas no Rio de Janeiro.

12. *Przemiany w turystyce międzynarodowej w Ameryce Południowej od lat 40-tych*. Transformações no turismo internacional na América do Sul a partir da década de 1940.

13. *Sukces brazylijskiej polityki proeksportowej na przykładzie EMBRAER S. A.* O Sucesso da política brasileira de exportação no caso da EMBRAER S. A.
14. *Przemiany w kościele katolickim w Ameryce Łacińskiej w drugiej połowie XX wieku i ich wpływ na sytuację polityczną i społeczną w wybranych krajach regionu.* As transformações da Igreja católica na América Latina na segunda metade do século XX e a sua influência na situação política e social em países selecionados da região.
15. *Diaspora japońska w Ameryce Południowej na wybranych przykładach.* A diáspora japonesa na América do Sul em casos selecionados.
16. *Oscar Niemayer w kontekście tendencji politycznych i społecznych w okresie jego kreatywnego życia.* Oscar Niemayer no contexto das tendências políticas e sociais no período da sua vida criativa.
17. *Reguły handlu międzynarodowego (TRIPS) a inicjatywa Brazylii powszechnego dostępu do leków na AIDS.* As regras do comércio internacional (TRIPS) e a iniciativa do Brasil do acesso universal aos remédios contra a AIDS.
18. *Latynosi w Hollywood w latach 1918-1945.* Os latino-americanos em Hollywood nos anos 1918-1945.
19. *Tożsamość a utopia w latynoamerykańskiej filozofii kultury.* Identidade e utopia na filosofia latino-americana da cultura.
20. *Zjawisko dyskryminacji cyfrowej w Ameryce Łacińskiej.* O fenômeno da discriminação digital na América Latina.
21. *Fenomen telenoweli południowoamerykańskiej na przykładzie Argentyny, Brazylii, Meksyku i Europy.* O fenômeno da telenovela sul-americana nos casos da Argentina, do Brasil, do México e da Europa.
22. *Percepcja świata oczyma dzieci latynoamerykańskich i polskich.* A percepção do mundo pelo olhar das crianças latino-americanas e polonesas.
23. *Sytuacja społeczna dzieci żyjących na ulicach Brazylii.* Situação social das crianças que vivem nas ruas do Brasil.
24. *Emigracja niemiecka w Brazylii w XIX i początkach XX wieku.* A emigração alemã no Brasil no século XIX e no início do século XX.
25. *Obecność włoska w Brazylii.* A presença dos italianos no Brasil.
26. *Analiza wizerunku Luiza Inacio Lula da Silvy w tygodniku "Veja".* Uma análise da imagem de Luiz Inácio Lula da Silva no semanário "Veja".
27. *Inwestycje włoskie w Ameryce Południowej na przykładzie Argentyny i Brazylii.* Os investimentos italianos na América do Sul no caso da Argentina e do Brasil.

28. *Stosunki gospodarcze i polityczne Brazylii ze Stanami Zjednoczonymi oraz ich wpływ na rozwój gospodarczy Brazylii w latach 1930-1985. As relações econômicas e políticas do Brasil com os Estados Unidos e a sua influência no desenvolvimento econômico do Brasil nos anos 1930-1945.*
29. *Formy ochrony środowiska w Ameryce Południowej na przykładzie wybranych parków narodowych. Formas de preservação do meio ambiente na América do Sul em parques nacionais selecionados.*
30. *Honor w miłosnym uścisku. Moralność seksualna kobiet w Ameryce Łacińskiej na przykładzie Brazylii w latach 1911-1940 w kontekście procesów o deflorację. A honra no abraço amoroso. A moralidade sexual das mulheres na América Latina no caso do Brasil nos anos 1911-1940 dentro do contexto dos "processos de defloramento".*
31. *Procesy demokratyzacji w Ameryce Łacińskiej na przykładzie Brazylii w latach 80 a polityka Stanów Zjednoczonych Ameryki. Processos de democratização na América Latina no caso do Brasil dos anos 1980 e a política dos Estados Unidos da América.*
32. *Zmiany w ruchu naturalnym w krajach Ameryki Południowej i w 15 krajach starej Unii Europejskiej. Studium porównawcze. Mudanças no movimento natural nos países da América do Sul e em 15 países da antiga União Europeia. Um estudo comparativo.*
33. *Udział kobiet w uprawach koki oraz narkobiznesie w Ameryce Łacińskiej. A participação das mulheres na cultura da coca e no negócio das drogas na América Latina.*

RESUMO – STRESZCZENIE

Powyższy artykuł przedstawia Instytut Studiów Iberyjskich e Iberoamerykańskich oraz Centrum Studiów Latinoamerykańskich (CESLA) Uniwersytetu Warszawskiego. Wymienione centra naukowe zajmują się badaniami nad bogatym dorobkiem tego kontynentu, publikując prace naukowe przygotowując nowych badaczy do przyszłej pracy naukowej i dydaktycznej. Liczne publikacje wydawane przez te instytucje naukowe są najlepszym świadectwem ich żywotności. W publikowanym tekście autorki wymieniają również tytuły prac magisterskich związanych z Brazylią.

POEMAS DE KAROL WOJTYLA E TAMBÉM DO ENTÃO PAPA JOÃO PAULO II (COMENTÁRIOS E FRAGMENTOS)

Tomasz LYCHOWSKI *

Os comentários a seguir, em sua grande parte, foram extraídos do texto de autoria de Giovanni Reale sobre o *Tríptico Romano* de João Paulo II. A tradução do *Tríptico Romano* foi feita do italiano por Maria Judith Sucupira da Costa Lins.

Houve muitos Papas filósofos e muitos Papas teólogos, mas Papas poetas nem tanto. Os comentários abaixo, e também fragmentos dos poemas de Karol Wojtyła fazem essa conexão e esclarecem muita coisa sobre o autor e a sua visão do mundo e do homem.

*

...Uma das questões que se põem ao falarmos de obra poética de João Paulo II é se há, ou não, a possibilidade de haver uma conexão entre a filosofia e a poesia.

Paul Valéry, por exemplo, sustentava que poesia e filosofia não se podem fundir juntamente, que são incompatíveis entre si, já que a filosofia cria noções, enquanto o poeta exprime estados de ânimo.

O grande poeta e pensador T. S. Eliot, retomando estas afirmações de Valéry e confrontando-as com a poesia de Dante, refuta-as de modo perfeito. E o que ele disse relativamente à poesia de Dante vale também para a poesia de Wojtyła. “O poeta pode tratar os conceitos filosóficos, não como matéria de discussão, mas como matéria de visão”. E ainda: “A poesia de Dante é uma imaginação visível”.

Resumindo: o filósofo enquanto criador de conceitos é um “pensador”; o poeta enquanto criador de imagens é um “visionário”. Exatamente enquanto “visionário”, o poeta pode “ver” e exprimir por “imagens” aquilo que o filósofo e o teólogo exprimem por “conceitos”.

* Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa no Rio de Janeiro.

No *Tríptico Romano* os termos “visão”, “imagem”, “ver” aparecem com frequência. Escreve Wojtyła:

Verbo – perene visão e enunciação.

*Aquele que criava, via – viu “que isto era bom”,
discernia com um olhar diferente do nosso.*

Ele – o primeiro Vidente –

*Via, descobria em tudo um traço do seu Ser, da sua plenitude –
Via...*

E um pouco mais adiante, acrescenta:

No Vaticano há uma capela, que espera o fruto da tua visão!

A visão espera a imagem.

Desde que o Verbo se fez carne, a visão, desde então, espera.

Então, o Invisível, primeiro faz-se visível no Logos; depois, faz-se visível nas imagens da pintura de Miguel Ângelo e, em seguida, nas da poesia de Wojtyła.

O *Tríptico Romano* de Karol Wojtyła é um texto poético belo e tocante, mas não é de fácil leitura e compreensão.

Em primeiro lugar, devemos chamar a atenção para a dupla raiz da composição: a “polonesa” e a “romana”. Trata-se de duas vozes fundidas harmoniosamente numa só.

Numa carta, na época da publicação das *Obras Literárias*, o pontífice escreveu: “*Para esta ‘sinfonia’ secular, contribuíram também a história e a língua da nação de que sou filho. Agradeço ao Senhor por me conceder a honra e a alegria de participar deste empreendimento cultural e espiritual: inicialmente com paixão juvenil e, depois, na sucessão dos anos, com uma perspectiva progressivamente enriquecida pela comparação com outras culturas e sobretudo pela exploração do imenso patrimônio cultural da Igreja. Deste modo, a minha voz permaneceu sem dúvida polonesa, mas tornou-se, ao mesmo tempo, europeia, segundo a dupla tradição oriental e ocidental*”.

Num discurso aos jovens, de 1979, especificava: “*A inspiração cristã não deixa de ser a fonte principal da criatividade dos artistas poloneses. A poesia polonesa flui sempre como uma grande corrente de inspirações, que tem a sua fonte no Evangelho.*”

Numa dimensão da visão metafísico-poética, Wojtyła, na Capela Sistina, vê-se também a si próprio enquanto vota, no conclave de agosto de 1978, no cardeal que se torna o Papa João Paulo I, e no de outubro do mesmo ano, no qual ele próprio é votado e se torna João Paulo II. Parece entrever também aquele que será o “Com-clave”, que depois da sua morte, deverá transferir as chaves do Reino para o sucessor, e escreve:

Enfim, é preciso que lhes fale a visão de Miguel Ângelo.

“Com-clave”: uma partilhada solicitude

do legado das chaves, das chaves do Reino.

Eis que se veem entre o Início e o Fim,

entre o Dia da Criação e o Dia do Juízo.

É concedido ao homem morrer uma só vez, e depois o Juízo!

Também a terceira tábua do livro, intitulado “Colina na região de Moriá”, é composta em estilo análogo do “poeta visionário”. A vida de Abraão é apresentada como um símbolo daquela que será a paixão de Cristo:

Ó Abraão, tu que sobes a Colina de Moriá,

existe um certo limite da paternidade, um certo limiar, que tu não ultrapassarás.

Um outro Pai receberá a Consagração do Filho

(...)

Ó Abraão – Deus amou de tal modo o mundo,

que entregou o seu Filho, para que todo aquele que acreditar nele possa alcançar a vida eterna.

A primeira composição do *Tríptico Romano*, que se intitula “Torrente”, é, aparentemente a mais fácil, mas na realidade é bastante difícil. O primeiro dos textos que compõem essa composição – “Assombro” – já é por si mesmo muito indicativo. Que sentido tem falar de “assombro”, ou seja, de “maravilha”, em relação a uma torrente? A resposta à questão é dada pelo próprio Wojtyła na sua obra filosófica maior, que se intitula *Pessoa e ato*.

Como é sabido, Platão e Aristóteles sustentavam a tese segundo a qual a filosofia nasce exatamente do *assombro* e da *maravilha*. E tal é também a convicção de Wojtyła. Mas, para ele, o *assombro* e a *maravilha* não são tanto aquele sentimento experimentado diante de fenômenos do cosmos, mas, ao contrário, é aquele que se experimen-

ta diante do ser humano. A torrente que flui é uma metáfora que exprime a vida do homem, naquela dinâmica que lhe é típica.

Vejamos os versos centrais, com a incessante repetição dos termos “assombro” e “maravilha” em relação com a figura do homem:

*As águas descendentes não se maravilham
e os bosques descem silenciosamente
ao ritmo da torrente
- porém, um ser humano maravilha-se.
A abertura que um mundo cruza através do homem
é do assombro o limiar
(uma vez, exatamente este portento teve por nome “Adão”)
E estava só, com o seu assombro,
entre as criaturas que não se maravilhavam
- para as quais existir e fluir era suficiente.
O homem, com elas fluía
sobre a onda do assombro!
Maravilhando-se...*

O homem é o “lugar de encontro com o Verbo Primordial”, diz Wojtyła. Na segunda composição, sob o título “A Nascente”, busca-se a origem de mesma torrente, e por isso o Verbo Primordial, ou seja, a nascente da qual nasce o homem. Wojtyła escreve:

*Se queres encontrar a nascente
deves continuar para cima, contra a corrente.*

Wojtyła reúne em si – em diferentes medidas – as três grandes forças espirituais mediante as quais o homem sempre buscou a verdade: “arte”, “filosofia”, “fé e religião”. A união entre estas três forças, na unidade em que se encontram em Wojtyła, constitui o que Platão chamava a “paixão” com que o homem nasce e pela qual é acompanhado toda a vida, e que certos psicólogos modernos chamam de “código da alma”. É justamente esta paixão que acompanha Wojtyła, e que está constantemente presente em tudo o que ele faz e diz.

No drama de autoria de Karol Wojtyła *Irmão do nosso Deus* e dedicado a Adam Chmielowski, que se fez monge com o nome de irmão Alberto (canonizado em 1989), lê-se um texto que nos revela muito bem aquela “paixão” ou “código da alma” de que falávamos:

Continua a procurar. Mas o quê? Talvez a tenha procurado bastante. Procurei entre muitas verdades. Porém, estas coisas só podem amadurecer assim. Filosofia... Arte... A verdade é o que, enfim, chega à superfície como o azeite sobre a água. Deste modo, é a vida que no-la revela... pouco a pouco, em parte, mas continuamente. Por outro lado, ela está em nós, em cada homem. E é precisamente aqui que ela está próxima da vida. Trazemo-la em nós, ela é mais forte do que a nossa fraqueza.

E em *Nascimento dos confessores*, lê-se:

*Mas se a verdade está em mim – deve explodir.
Não posso rejeitá-la, rejeitaria a mim mesmo.*

*

Ao copiar trechos dos poemas do Papa João Paulo II e ao traduzir alguns, tive o mesmo **assombro** (para usar a palavra já glosada acima) que tive ao copiar os Sonetos de Shakespeare. Ouvir um poema, ou lê-lo, não é a mesma coisa. Ao copiar palavras, frases, elas assumem uma tridimensionalidade ausente em outras formas de expressão. E como se as tocássemos, apalpássemos. Essa deve ser a sensação do escultor que arranca do mármore, lasca após lasca, a visão que ele teve de sua obra ao contemplar a pedra bruta. Isso tudo, para dizer que me encantei com a profundidade da arte poética de Karol Wojtyła. Poemas que se leem, que se tocam e que se VE-EM. E também para lamentar que sua obra literária é tão pouco divulgada. Fui a três livrarias católicas, nenhuma delas tinha um livro de poemas do Papa, somente os documentos oficiais da Igreja de sua autoria. É uma pena. Por isso espero que essa breve, muito resumida mesmo, introdução à poética do Papa desperte o interesse dos leitores e com isso pressione as livrarias a oferecer algo mais do que as suas Encíclicas, por sinal também belíssimas.

A seguir mais alguns fragmentos de seus poemas:

COMEÇA O COLÓQUIO COM DEUS

Na história, o corpo humano morre mais vezes, e morre antes do que a árvore.

Perdura o homem além do limiar da morte, nas catacumbas e nas criptas.

Perdura o homem que parte em todos aqueles que vem depois dele.

Perdura o homem que chega em todos aqueles que antes partiram.

Perdura o homem, para além de qualquer partida ou chegada

em si

e em Ti

In “Vigília Pascal”

traduzido do italiano por Pe. Mauricio Ruffier

*

Os a seguir foram traduzidos por mim do polonês:

*Leva-me, Mestre, a Éfrem e permite-me lá ficar contigo
onde os silêncios da costa distante caem nas asas dos pássaros,
como o verde, como a onda exuberante, intocada pelo remo
como o amplo círculo na água, que a sombra do medo não espanta.*

In “Canto sobre o Deus oculto”

*

*Não temas. O feito humano localiza-se entre largas margens
Não é permitido aprisioná-las em leito estreito por longo tempo
Não temas. O humano econtra-se há séculos
Naquele para o qual olhas através do martelar ritmado*

In “A pedreira” (obs. o Papa trabalhou numa pedreira quando jovem)

*

*Quero descrever a Igreja
a minha Igreja, que nasce comigo*

*porém não morre comigo –
eu tampouco morro com ela –
a Igreja que sem cessar me ultrapassa –
Igreja: a profundidade do meu ser e o seu cume*

In “Estanislau”

*

*Oh, esplendor! Oh, olhar do Criador,
do qual brotam sempre novas criaturas
e novos mundos nascem secretamente.*

In “Canção sobre o sol inesgotável”, 1944

*

*Falta muito para chegar à fonte?
Afinal, em Ti estremece tanta gente
transluminada com o esplendor das tuas palavras
como as pupilas iluminadas pelo esplendor da água...
a toda essa gente conheces em seu cansaço e também em sua luz*

In “Canto do esplendor da água”, 1950

*

*Mas eu te digo que é apenas o teu olhar
que percebe as pessoas tão mal, atraído por anúncios luminosos.
Na realidade o que as revela é o que há de mais oculto nelas
e que nenhuma chama consegue devorar.*

In “Canto do esplendor da água”, 1950

*

*Porque desejo abrir espaço
para as Tuas mãos estendidas,
porque quero aproximar a eternidade
para que receba o Teu sopro*

O Amor tudo esclareceu,

*o Amor tudo solucionou
por isso glorifico o Amor,
onde estiver*

In “Canto sobre o Deus oculto”

*O Senhor, ao brotar no coração, é como uma flor,
sedento do calor do sol.
Venha, pois, oh luz da profundidade do dia incompreensível
e apoie-se na minha margem*

*Arda não demasiadamente próximo do céu
e tampouco longe demais.
Guarda, coração, esse olhar,
no qual a eternidade te espera.*

In “Canto sobre o Deus oculto”

Vocês também gostaram de ler, de vislumbrar e de tocar esses pequenos fragmentos da poesia de Karol Wojtyła? Então me ajudem a divulgá-la como nossa modesta homenagem por ocasião de sua beatificação.

1 de maio de 2011.

POEMAS DO PAPA JOÃO PAULO II (FRAGMENTOS)

COMEÇA O COLÓQUIO COM DEUS

*Na história, o corpo humano morre mais vezes, e morre antes do que a árvore.
Perdura o homem além do limiar da morte, nas catacumbas e nas criptas.
Perdura o homem que parte em todos aqueles que vêm depois dele.
Perdura o homem que chega em todos aqueles que antes partiram.
Perdura o homem, para além de qualquer partida ou chegada
em si
e em Ti*

In “Vigília Pascal”

Traduzido do italiano por Pe. Mauricio Ruffier

*

*Leva-me, Mestre, a Éfrem e permite-me lá ficar contigo
onde os silêncios da costa distante caem nas asas dos pássaros,
como o verde, como a onda exuberante, intocada pelo remo
como o amplo círculo na água, que a sombra do medo não espanta.*

In “Canto sobre o Deus oculto”

Trad. por Tomasz Lychowski

*

*Não temas. O feito humano localiza-se entre largas margens
Não é permitido aprisioná-las em leito estreito por longo tempo
Não temas. O humano encontra-se há séculos
Naquele para o qual olhas através do martelar ritmado*

In “A pedraira” (obs. o Papa trabalhou numa pedraira quando jovem)

Trad. por T. L.

*

*Quero descrever a Igreja
a minha Igreja, que nasce comigo
porém não morre comigo –
eu tampouco morro com ela –
a Igreja que sem cessar me ultrapassa –
Igreja: a profundidade do meu ser e o seu cume*

In “Estanislau”

Trad. por T. L.

*

*Oh, esplendor! Oh, olhar do Criador,
do qual brotam sempre novas criaturas*

e novos mundos nascem secretamente.

In “Canção sobre o sol inesgotável”, 1944
Trad. por T.L.

*

*Falta muito para chegar à fonte?
Afinal, em Ti estremece tanta gente
transluminada com o esplendor das tuas palavras
a toda essa gente conheces em seu cansaço e também em sua luz*

In “Canto do esplendor da água”, 1950
Trad. por T. L.

*

*Mas eu te digo que é apenas o teu olhar
que percebe as pessoas tão mal, atraído por anúncios luminosos.
Na realidade o que as revela é o que há de mais oculto nelas
e que nenhuma chama consegue devorar.*

In “Canto do esplendor da água”, 1950
Trad. por T. L.

*

*Porque desejo abrir espaço
para tuas mãos estendidas,
porque quero aproximar a eternidade
para que receba o Teu sopro*

*O Amor tudo esclareceu,
o Amor tudo solucionou
por isso glorifico o Amor,
onde estiver*

In “Canto sobre o Deus oculto”
Trad. por T. L.

O Senhor, ao brotar no coração, é como uma flor,

*sedento do calor do sol.
Venha, pois, oh, luz da profundezza do dia incompreensível
e apoie-se na minha margem*

*Arda não demasiadamente próximo do céu
e tampouco longe demais.
Guarda, coração, esse olhar,
no qual a eternidade te espera.*

In "Canto sobre o Deus oculto"
Trad. por T. L.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor opierając się na wybranych fragmentach poezji Karola Wojtyły i papieża Jana Pawła II przedstawia nam sylwetkę poety. Zastanawia się nad głęboką symbiozą filozofa i poety. Analizuje postać człowieka, który wszedł całym sercem w piękno stwórcze samego Boga. W historii Kościoła było wielu papieży filozofów, naukowców, ale poetów...?

LYCHOWSKI, Tomasz. *Meu caminho para a lua*. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, 2010, pp. 150.

Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS *

Meu Caminho para a Lua é uma narrativa pungente, entremeadada de emoção e ansiedade. É o registro da história de perseguição e sofrimento de uma família de imigrantes. Cuidadosa e detalhada, esmiúça fatos da infância do autor em Angola, onde a família viveu alguns anos, seguida de sua viagem para a cidade de Varsóvia, já na iminência do terror da invasão pela Alemanha nazista durante a II Guerra Mundial. À memória de um menino de cinco anos juntam-se as memórias dos familiares, dos amigos, enfim de várias memórias apropriadas, que no conjunto construíram o imaginário do autor e proporcionaram a singularidade desta obra.

A memória é regida por astúcias e estratégias, alimentada por imaginários, realidade e fantasias. É um espaço de divergências e confrontos, esquecimentos e silêncios, de práticas individuais e sociais e dos espaços de apropriação. Reconfiguração e recuperação das distintas visões do passado fazem parte da memória e de suas estratégias de lembrar, recordar, criar representações e construir elos identitários dos grupos sociais (Toribio Lemos.2008).

Tomasz Lychowski seguiu o caminho da memória e se defrontou com a história. Construiu sua história sobre memórias e documentos. Fundamentou os enfrentamentos entre memória e história, percorrendo o caminho inverso de Jorge Luis Borges, segundo o qual "somos feitos, em grande parte de memória. Esta memória é constituída, em grande parte, de esquecimentos".

Lychowski preferiu as lembranças, embora amargas, que lhe deram forças para oferecer aos seus pais *Meu caminho para a Lua*, um tributo à luta, à crença na humanidade e na coragem. Seguiu Nietzsche, que também afirmava "é possível viver quase sem lembrar, e ser feliz, como demonstra o animal, mas é impossível viver sem esquecer".⁵¹

* Professora Doutora, leciona na UERJ.

¹ - Borges, L.- Apud Wehling, A. - Memória e História. Fundamentos, convergências, conflitos, In *Memória Social e Documento*. RJ, 1997. U-NIRIO,op.cit. 18

Assim, em *Meu Caminho para a Lua*, Tomasz Lychowski se defronta com as memórias: a dele e a dos entes queridos e amigos que convivem com ele. Cercado por realidades vividas e sofridas e por irrealidades construídas pelo imaginário, começa a escrever profundamente sobre a trajetória de seu pai e a sua. Descreve com amor os percalços percorridos por um angolano, filho de imigrante polonês e sobrevivente do inferno, o campo de concentração de Auschwitz, na Polônia.

Meu Caminho para a Lua não é somente uma bela narrativa de amor e agradecimento à vida, à sobrevivência, mas é sobretudo, uma lição de otimismo, de filosofia de vida, de encontro com as diferenças e convivência com as desigualdades.

A história se inicia com um relato mítico em Quissala, uma fazenda perto da cidade de Nova Lisboa, em Angola, quando era colônia portuguesa. Estar vivo hoje deve-se à mais um ato de coragem e luta de seu pai – Tadeu Lychowski (1898) - que não titubeou em dar seu sangue ao filho, numa transfusão imediata e sem recursos técnicos. Seu pai sobreviveu a Auschwitz para cumprir a missão de salvar a vida do maior dom que recebeu dos deuses, o seu filho! A história parecia começar como tragédia grega, mas felizmente os deuses do Olimpo estavam atentos!

O menino viveu e cresceu forte e, disposto a enfrentar vicissitudes profanas, para enfim realizar maravilhosas pinturas e poesias, além desta obra singular sobre a memória e a história de sua família.

A partir de Quissala, as memórias se misturam e, de forma descontínua, cristalizam-se na história do mundo atual. A história de uma guerra que provocou milhares de vítimas, poupando o personagem principal - Tadeu Lychowski! Ele tinha muito a contar. Era um homem do seu tempo, pois não aceitava as vicissitudes da vida sem lutar. Assim, engajou-se na resistência contra os invasores de seu país e atuou nas legiões do Marechal Pilsudski. Na década de 1920 lutou contra os bolcheviques e, em 1939, já atuava como oficial da Artilharia, na defesa de Varsóvia. Entrou para o exército clandestino AK-Armia Krajowa (Resistência Polonesa), dedicando toda sua vida à pátria.

Só esse esboço já explicaria a beleza da história de Lychowski. Um pai herói e sobrevivente do Campo de Auschwitz! Mas Tomasz vai adiante. Relembra fatos contados pela família alemã e não esconde a simpatia de alguns de seus integrantes por Hitler. História, memória e ficção se mesclam nessa teia de fatos. As narrativas

descontínuas aguçam a curiosidade para a descoberta de fatos encobertos sutilmente pelo autor. Curiosidade e ansiedade se misturam até os novos relatos colocarem em ordem as memórias e os imaginários de Lychowski.

Os tempos de guerra e tempos de festa! Era dia do seu aniversário! Como Lychowski consegue acionar a memória do esquecimento e projetar-se no mundo da fantasia, da alegria, escrevendo sobre as delícias de um almoço feito com a carne adocicada de um cavalo morto estraçalhado por uma mina.

Em *Meu Caminho para a Lua* Lychowski relata fatos de sua prisão em 1942, em Pawiak. Descreve, sem amargura, como uma triste lembrança, a crueza da prisão. Na mesma narrativa, naquele mesmo local terrível, o autor oferece aos leitores a oportunidade de mostrar como conseguir um pouco de alívio para as dores e falta de perspectiva de liberdade. Exemplifica como se pode alcançar a tão desejada felicidade, mesmo que efêmera. Um singelo presente de Natal transformou, como se tocado por uma varinha de condão, a amargura que destroçava seu coração em uma pueril alegria. Sim, um par de sapatos oferecido pela amiga Wanda Samardak alterou aquele rigoroso inverno, acenando com o paraíso, construído pela imaginação do infortúnio! Ninguém pode imaginar como um par de sapatos daria tanta felicidade para quem estava vestido de short e sandália, numa cela sem aquecimento! E o coelhinho, presente de outras presas? Como não ser relatado no livro? Era um coelho de pano, de uma gravata velha e um cartão de Natal improvisado, com um verso escrito sobre o menino Tomek da cela 25. Esse menino era o Tomasz Lychowski, sobrevivente daquela cela como o coelhinho da tortura. Hoje, parte das lembranças descansa no Museu da prisão de Pawiak, em Varsóvia e Tomasz os eterniza nesse livro de memória!

As narrativas alcançam o tempo. As memórias não têm compromisso com a história cronológica. A descontinuidade é vital para se compreender a continuidade da trajetória da vida.

Os relatos, agora historicizados, ganharam outros significados. O autor também se espantou com a sua ousadia, pois reconheceu que, ao escrever *sobre essas trevas abissais*, ao entrar na história, estava expondo suas amarguras e as dores dos entes queridos. O relato, embora ressignificado pelo tempo e apropriações de outras histórias, pode trazer desconforto, reconhece Lychowski, mas também é importante indicar que aqueles fatos aconteceram e que existiram de forma dramática ou trágica mesmo.

Neste livro, além de registrar o longo percurso de sua juventude, marcado por lembranças fortes, o autor também testemunha fatos significativos da II Guerra Mundial, como 1944, pouco antes do Levante de Varsóvia e a mudança de sua família para a Alemanha. As lembranças da viagem num trem de carga, deixando ao longe a cidade de Varsóvia, com suas ruas cobertas de neve, levando consigo apenas as lembranças do perfume do lilás em flor e o sabor das batatas com coalhadas, além das brincadeiras nas ruínas dos prédios e a imagem do rio Vístula ao longe...

No decorrer da obra, Lychowski discorre sobre a aldeia de Chorinchen, na Alemanha, onde nasceu sua mãe e resalta os elos de identidade com Angola, a Polónia e o Brasil. No livro Lychowski usa várias linguagens, perpassa pela prosa e poesia, aprofundando suas emoções e, finalmente, oferece a força das imagens que elucidam o contexto histórico. É uma obra completa. Lychowski contempla todos os amigos e entes queridos que convivem com ele. Não esquece detalhes em sua trajetória. Lembra os amigos, os apoios institucionais, enfim, todos que o cercam.

Meu Caminho para a Lua é uma viagem pelo mundo. Seguir Tomasz Lychowski aprende-se a viver, a ser generoso e, sobretudo, a conhecer a sabedoria de se compreender as diferenças.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autorka przedstawia bogatą drogę życiową pisarza i poety Tomasza Lychowskiego, analizując jego dzieło “Moja droga na księżyc”. Jak sama aktorka stwierdza, czytając dzieło Tomasza, uczymy się żyć, być szlachetnym człowiekiem, a przede wszystkim uczymy się mądrości rozumiejąc i szanując różnice występujące między ludźmi.

POLONO-BRASILEIROS REVELAM IMPRESSÕES DE SUA ALMA

*Sandro ZIMNY VITONSKI **

*A águia branca abriu suas asas durante reunião de 15 de abril de 2011,
desvelando a alma da Polônia que mora entre os são-mateuenses*

“Nenhuma força destrói um povo quando há cultura, fé e patriotismo”. Essa foi uma das afirmações da noite de 15 de abril, dita por Romualdo Budzinski, o “Cíntio”. O encontro foi promovido pela Arte Editora, na sede da ACIASMS, sobre o tema “O que é ser um polono-brasileiro na atualidade?”. As principais impressões serão publicadas na obra “São Mateus do Sul 100 Anos”, da mesma editora.

Simone Toporowicz afirmou que, a partir do contato maior com a cultura dos poloneses, em conversas com seus pais, percebeu a diferença do que é conhecer o seu passado. “Sinto um orgulho muito grande!”

Participando da Braspol desde sua fundação, Terezinha Wiczorkoski agradeceu a coragem do bisavô em atravessar o oceano. E desabafou: “Éramos humilhados. Achavam que éramos um povo bruto, sem coração, mas eu nunca senti vergonha de minha origem”. Lembrando das dificuldades do início da colonização, Cíntio contou que sua mãe foi conhecer arroz quando era moça. “Porque só tinha quirera”.

Já o Diretor Cultural do Cepom, José Carlos Janowski, lembrou a afirmação de seu pai, Marcelo Janowski: “Não esqueça das crianças”. E destacou a resistência dos poloneses, comparando-os com o símbolo da Polônia – a águia, “uma ave que vive mais de 100 anos!”

Segundo Adelaide Kotrich, logo que aprendeu a rezar em polonês começou a “puxar os cordões”. Lembra dos cruzeiros que existiam em frente ao Toporowicz e aos Pageski. “Ficou tanto movimento que eles vinham de outras colônias”.

Sandro Zimny Vitonski, estudante de polonês, vice-presidente da Braspol e divulgador da cultura, comenta que “uma vez agrupado é mais fácil conseguir as coisas”. Para ele, há uma busca constante dos polono-brasileiros de se resgatar a identidade

* “Braspol” – São Mateus do Sul – PR.

perante a sociedade. “Todos que se envolvem com a cultura polonesa veem esse orgulho”, diz “E é desse orgulho que estamos compartilhando hoje”.

Celebrando a música

Em 1971, quando houve a comemoração do centenário da imigração polonesa no Paraná, realizou-se no Clube Unbenau o primeiro baile do imigrante. “E o colono polonês, com a mão calejada, tocando clarineta, violino e rabeção”, surpreendeu-se Francisco Caminski, um dos organizadores do evento. “Ali se viu: a música dos poloneses despertou a comunidade”, disse. “Não foi só a tradição que foi resgatada, foi a autoestima.”

Raízes polonesas de pai e mãe despertam no radialista Carlos Karpinski o sonho de conhecer o país de origem de sua família. Filho do músico Henrique Karpinski, este tocava nas rádios ao vivo, e entre os músicos o tio Marcelo Janowski. “Não tinha aparelhagem, era só no instrumento”. Ele recorda os bailes poloneses, quando alguém passava nas casas de bicicleta, convidando as famílias. “E à noite o caminhão do Bizinelli chegava para dar carona; e levava de volta!”.

A música folclórica da Polônia foi objeto de pesquisa, em São Mateus do Sul, de um grupo de musicólogos poloneses, conforme destaca Írio Janoski, presidente do Grupo Karolinka. “Canções de ninar, de casamento, religiosas. Vieram resgatar a cultura que na Polônia foi perdida”.

O ser humano João Paulo II

“Sinto orgulho de ser polono-são-mateuense”, afirmou a escritora Ana Márcia Kotrich. “Tenho um lado bugre e um lado polaco”. Ouvia as babkas contarem histórias em polonês, e disse que nunca teve vergonha de ser polaca. E declarou: “As guerras, as marcas, estão em nossos bisavós. Mas, como presente, recebemos o Papa João Paulo II. A presença, o ser humano – isso representou para nós muito – ressuscitou nossa história.”

Um visitante especial compareceu ao evento - Padre Anderson Spegiorin, da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, Rio Claro, Mallet. Destacou a obra dos padres vicentinos, apoiadores dos imigrantes. “Queria ser padre e estudar na Polônia, desde criança”. A avó mostrou-lhe o jornal “Lud”, estava escrito em polonês, e ela leu

para o garoto que estavam oferecendo estudos na Polônia. E ele se preparou e foi.

De volta à Polônia

Muitos descendentes de poloneses já conseguiram fazer o caminho de volta à terra de seus antepassados. Evaldo Drabeski aprendeu o polonês em casa, depois foi estudar e tornou-se professor da língua. Um dia a esposa Ozilda comprou uma grande mala e disse: “Esta é para você ir à Polônia”. Hoje ele organiza viagens em grupo para lá.

O casal Cida Müller Wodziani e André Wodziani viajaram com Drabeski em 2010. “Eu me senti em casa”, afirmou Cida, “dava impressão que estávamos em SMS”. A terapeuta Daiana Kozelinski é outra são-mateuense que ficou 17 dias na Polônia. “Os poloneses eram muito prontos”, diz. “Ficavam felizes em nos receber”.

Mesmo viajando virtualmente, Eduardo Wieczorkoski - o Édio, ex-presidente da Braspol, emociona-se ao relatar sua comunicação com uma prima na Polônia pela internet, via câmera digital. “Ela nunca imaginava que a língua ainda estava preservada”. A mãe dela está com 91 anos e ansiosa para conhecer o sobrinho. “Isso dá mais ânimo de viver!”

“Este é descendente do quê? Polaco, polonês, pronto, acabou!”, diz Francisco Caminski. “Os poloneses no Brasil realizaram o sonho de seus antepassados.”

Participantes

A reunião foi conduzida pela escritora Audrey Lilian de Souza Farah, diretora da Arte Editora, e contou com a participação de importantes representantes da cultura de São Mateus do Sul, entre eles: José Carlos Janowski, representando o CEPOM; Francisco José Caminski, Rotary Club SMS; Bruno Cechinatto, pela Fundação Cultural de SMS; Romualdo Budzinski (Cíntio); Írio Janoski, Grupo Folclórico Karolinka; Sandro Zimny Vitonski, BRASPOL SMS; Lúdenilson R. Santos, Grupo Karolinka; Daiana Kozelinski; Carlos Karpinski, Rádio Difusora do Xisto; Eduardo Wieczorkoski; Tereziinha Wieczorkoski; Evaldo Drabeski, EJD Turismo; Simone Toporowicz; Adelaide Kotrich, Grupo Terceira Idade; Ana Márcia Kotrich, escritora; Cassilda Müller Wodziani e equipe de apoio da ACIASMS;

Padre Anderson Spegiorin, Paróquia Nossa Senhora do Rosário, Rio Claro, Mallet.

Serviço: Ainda há chance de relatar sua história, de sua instituição e de sua família para a obra “São Mateus do Sul 100 Anos”. Sim! Entre logo em contato com a Arte Editora www.arteeditora.com.br Fones (41) 3332-6067 e (42) 9903-8841.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor powyższego sprawozdania dzieli się z nami swoimi spostrzeżeniami ze spotkania Brazylijczyków polskiego pochodzenia w São Mateus do Sul (miasteczku położonym w południowym regionie stanu Paraná), gdzie mieszka pokaźny procent osób o polskich korzeniach wykazujących w swojej działalności polonijnej bogactwo kulturowe naszej grupy etnicznej.

VIDA LONGA A SOCIEDADE POLÔNIA DE FLORIANÓPOLIS

*Nazareno D. ANGULSKI **

A Sociedade Polônia de Florianópolis, fundada em 06 de março de 1991, é uma entidade reconhecida de utilidade Pública Municipal e Estadual.

Estamos comemorando em 2011, 20 anos de sua fundação.

Esta conquista é fruto de associados, comprometidos e envolvidos com a preservação da cultura polonesa na capital dos catarinenses.

Importa destacar que seus associados e dirigentes sempre buscaram de maneira organizada e unida realizar eventos com alto grau de credibilidade e qualidade, que visavam informar a sociedade catarinense a valorização e a contribuição que a etnia polonesa deu para o desenvolvimento social, econômico e político ao estado catarinense, além de preservar e difundir a milenar cultura polonesa.

Entre ações e eventos promovidos, destacam-se semanas culturais polonesas que eram abrilhantadas por intérpretes do inigualável compositor Frédéric Chopin, a irreverência e criatividade musical de Ignácio Arendt, as Danças Folclóricas do Junak de Curitiba/PR, Grupo Orzel Bialy de Criciúma/SC, Orquestra de Câmara de São Bento do Sul e do Mazowsze da Polônia, além das Palestras de Embaixadores e Cônsules e Celebrações da Páscoa – Świąconka e do Natal – Opłatek, sempre acompanhada de padres de origem polonesa que reforçavam o espírito católico do povo polonês, com destaque para os Padre Eugênio Kinchescki e Roberto Wyrobek.

Realizamos recepções calorosas como ao bispo polonês Dom Szczepan Wesoly e da histórica visita do Papa João Paulo II em outubro de 1991 à Florianópolis.

Lideranças da BRASPOL e POLBRAS e de associações polonesas, bem como de grupos de empresários poloneses sempre foram recebidas com fidalguia extremada e conseqüentemente não estariam completas se os pierog, aluski, bigos, barszcz, czarnina e a babka não estivessem associados com as wódkas Wyborowa e Zubrówka e aos nossos cantos onde o STO LAT dominava e eram efusivamente entoados juntamente com as KOLEDY e as POLKAS e OBEREK.

* Pesquisador da temática polonesa em Santa Catarina.

Dignas de elogios era a criatividade de cursos sobre Pisan-ki e Wycinanki

que foram propiciados aos associados e simpatizantes da milenar cultura polonesa e que até hoje são reproduzidos artisticamente pelos mesmos.

Não podemos esquecer das primeiras aulas da lingua polonesa, ministradas na UFSC pela nossa associada e filóloga clássica Professora Aleksandra Piasecka-Till que sabatinava com maestria seus primeiros alunos: Carlos Falskoski, Elias Iacovski, Selma Blas-kiwinski, João Renato Laskos, Eugênio Titeritz e Nazareno Angulski.

A propósito é preciso reconhecer que o abnegado Professor Jorge Zuchowski, auto-didata deixou um legado imensurável, ensinando a lingua de nossos antepassados com sabedoria e paciência aos associados nas dependências da sede de nossa sociedade, inclusive redigiu manualmente uma apostila, carinhosamente intitulada de "Mobralski".

Importa mencionar que nossos eventos, que visavam manter a chama e o orgulho de "ser polonês" eram enaltecidos, antes e depois de serem realizados pelo nosso consagrado JORNAL GAZETKA POLSKA, que teve seu primeiro número editado no mês de julho/92, com uma tiragem de 150 exemplares, sendo que sua edição era mensal em língua portuguesa, porém sua alma e conteúdo eram poloneses. O que mais nos orgulhava era o fato de que de lá para cá, sua edição nunca fora interrompida. Sua diagramação e qualidade das informações foram melhoradas continuamente pelos abnegados gestores da Sociedade.

O mais importante disso tudo é que já chegamos a editar uma tiragem de 300 exemplares. Suas edições entravam nos lares dos associados, respeitando-os com uma linha editorial que o consagrou: leve, informativa, apolítica, criativa, ousada, irreverente, transparente e com alto grau de credibilidade e confiabilidade, tornando leitura indispensável e agradável para todos e com um pequeno detalhe: distribuído gratuitamente aos seus associados e para as principais lideranças das comunidades polonesas espalhadas pelo estado de Santa Catarina e o nosso querido Brasil. Nunca tivemos grandes patrocinadores. O GAZETKA POLSKA era produto de muita criação e transpiração de seus editores e associados colaboradores.

Nosso sonho é ter como um elo de ligação com os associados o GAZETKA POLSKA. Não somos contrários a tecnologia dominante, ou seja, a mídia eletrônica, mas cá para Nós, que o nosso GAZETKA POLSKA, está fazendo falta, não temos a menor dú-

vida, considerando o perfil de nosso associado e simpatizante. Que tal fazermos a transição entre o moderno e o tradicional de forma harmônica e sustentável? O sucesso é sempre temporário. Quando tudo foi feito e dito, o que resta é nossa rica história, escrita por meio de ações e fatos no seu devido tempo e respeitado contexto. STO LAT TOWARZYSTWO POLONIA - VIDA LONGA A SOCIEDADE POLONIA.

A propósito é preciso reconhecer que o abnegado Professor Jorge Zuchowski, auto-didata deixou um legado imensurável, ensinando a língua de nossos antepassados com sabedoria e paciência aos associados nas dependências da sede de nossa sociedade, inclusive redigiu manualmente uma apostila, carinhosamente intitulada de "Mobralski".

Importa mencionar que nossos eventos, que visavam manter a chama e o orgulho de "ser polonês" eram enaltecidos, antes e depois de serem realizados pelo nosso consagrado JORNAL GAZETKA POLSKA, que teve seu primeiro número editado no mês de julho/92, com uma tiragem de 150 exemplares, sendo que sua edição era mensal em língua portuguesa, porém sua alma e conteúdo eram poloneses. O que mais nos orgulhava era o fato de que de lá para cá, sua edição nunca fora interrompida. Sua diagramação e qualidade das informações foram melhoradas continuamente pelos abnegados gestores da Sociedade.

O mais importante disso tudo é que já chegamos a editar uma tiragem de 300 exemplares. Suas edições entravam nos lares dos associados, respeitando-os com uma linha editorial que o consagrou: leve, informativa, apolítica, criativa, ousada, irreverente, transparente e com alto grau de credibilidade e confiabilidade, tornando leitura indispensável e agradável para todos e com um pequeno detalhe: distribuído gratuitamente aos seus associados e para as principais lideranças das comunidades polonesas espalhadas pelo estado de Santa Catarina e o nosso querido Brasil. Nunca tivemos grandes patrocinadores. O GAZETKA POLSKA era produto de muita criação e transpiração de seus editores e associados colaboradores.

Nosso sonho é ter como um elo de ligação com os associados o GAZETKA POLSKA. Não somos contrários a tecnologia dominante, ou seja, a mídia eletrônica, mas cá para Nós, que o nosso GAZETKA POLSKA, está fazendo falta, não temos a menor dúvida, considerando o perfil de nosso associado e simpatizante. Que tal fazermos a transição entre o moderno e o tradicional de forma harmônica e sustentável? O sucesso é sempre temporário. Quando

tudo foi feito e dito, o que resta é nossa rica história, escrita por meio de ações e fatos no seu devido tempo e respeitado contexto. STO LAT TOWARZYSTWO POLONIA - VIDA LONGA A SOCIEDADE POLONIA.

RESUMO – STRESZCZENIE

Towarzystwo Polónia w Florianópolis zostało założone w 1991 r. Autor przedstawia w powyższym tekście działalność tej polonijnej organizacji, która troszczy się o podtrzymywanie wielu polskich tradycji i zwyczajów.

A EXPOSIÇÃO “A POLÔNIA E O BRASIL MAIS PRÓXIMOS DO QUE PARECE”

*Stanisław PAWLISZEWSKI **

No dia 7 de dezembro de 2010, na Casa dos Poloneses no Exterior da Associação Wspólnota Polska (Comunidade Polonesa), Rua Krakowskie Przedmieście, 64, em Varsóvia, foi aberta a exposição intitulada “A Polônia e o Brasil mais próximos do que parece”, por ocasião dos 90 anos do estabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países, comemorados em 2010. A exposição permaneceu aberta até o dia 10 de janeiro de 2011.

O primeiro legado extraordinário e ministro plenipotenciário da República da Polônia, o conde Ksawery Orłowski, apresentou as credenciais ao presidente dos Estados Unidos do Brasil Epitácio da Silva Pessoa no dia 27 de maio de 1920 no palácio presidencial Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. Por sua vez o primeiro legado extraordinário e ministro plenipotenciário da República dos Estados Unidos do Brasil, Rinaldo de Lima e Silva, entregou as credenciais ao chefe de estado Józef Piłsudski no dia 3 de junho de 1921 no palácio Belwedere.

Os organizadores da exposição foram a Sociedade Polono-Brasileira, a Embaixada da República Federativa do Brasil e a Associação Wspólnota Polska.

A abertura da exposição foi feita pelo membro da Administração Nacional da Associação Wspólnota Polska Krzysztof Łachmański, pelo embaixador do Brasil Carlos Alberto Simas Magalhães e pelo presidente da Sociedade Polono-Brasileira Stanisław Pawliszewski, autor da exposição. Krzysztof Łachmański saudou os convidados, falou do 90º aniversário do estabelecimento das relações entre os dois países e afirmou que o Brasil foi o primeiro país da América Latina a reconhecer a Polônia independente. Disse que, de acordo com avaliações existentes, vivem no Brasil cerca de 1,5 de pessoas de origem polonesa. O embaixador Carlos Alberto Simas Magalhães expressou o seu profundo reconhecimento ao autor da exposição, por ter preparado uma exposição muito interessante e rica em conteúdo dedicada aos 90 anos das relações entre o Brasil e a Polônia. Afirmou que as relações entre os dois países estão se desenvolvendo

* Presidente da Sociedade Polono-Brasileira de Varsóvia.

muito bem. O autor da exposição, Stanisław Pawliszewski, expressou o profundo agradecimento à Associação Wspólnota Polska por ter financiado a exposição com recursos da Chancelaria do Senado da Polônia, e ao embaixador do Brasil, por ter financiado a exposição com recursos da Embaixada. Do financiamento da exposição participou também a Agência Brasileira da Promoção da Exportação e de Investimentos ApexBrasil de Varsóvia. O autor da exposição agradeceu igualmente pela ajuda na preparação da exposição a Wiesław Włodarski, diretor do Liceu de Educação Geral Rui Barbosa, a Jerzy Mazurek, vice-diretor do Museu da História do Movimento Popular Polonês e a Tadeusz Chwaliński pela sugestão das soluções gráficas aplicadas na exposição. Stanisław Pawliszewski apresentou a temática da exposição e agradeceu a instituições polonesas e brasileiras, bem como a pessoas particulares que forneceram os materiais para a exposição e ajudaram na realização desse evento.

Da solenidade da abertura da exposição participaram representantes do Ministério das Relações Exteriores, da Universidade de Varsóvia, autoridades locais, membros da Sociedade Polono-Brasileira, membros de organizações sociais e culturais e um numeroso grupo de amigos e simpatizantes do Brasil. Também estiveram presentes embaixadores de países da América Latina, de Portugal e da Espanha.

Na exposição, contendo materiais fotográficos, cópias de documentos e de outros materiais informativos, em 40 pranchas foram apresentados importantes acontecimentos em diversas áreas da história das relações entre ambos os países no decorrer desses 90 anos e da história da emigração polonesa ao Brasil e da colônia polonesa nesse país.

Foram aí apresentados documentos até agora pouco conhecidos. Por exemplo, documentos que testemunham a simpatia de círculos intelectuais brasileiros na segunda metade do século XIX e no início do século XX pelos poloneses que buscavam a sua independência. Uma prova disso foi a aceitação pelo imperador Dom Pedro II, em 1877, do título de sócio de uma associação patriótica polonesa no exterior sediada em Rapperswil, na Suíça, e de um diploma da “Société Nationale Polonaise et des Amis de la Pologne”. Uma cópia desse documento foi apresentada na exposição graças à cortesia do Instituto Geográfico e Histórico do Rio de Janeiro. Outros exemplos disso são o poema “A mãe do cativo”, de Castro Alves, e o poema “Polônia”, de Machado de Assis, bem como a posição do eminente político e jurista brasileiro Rui Barbosa. Como delegado do

Brasil na II Conferência Internacional da Paz em Haia, em 1907, ele reivindicava a devolução da independência à Polônia.

Na exposição podiam ser vistos igualmente alguns documentos relacionados com refugiados poloneses que durante a II Guerra Mundial encontraram abrigo no Brasil. Estiveram entre eles, por exemplo, os poetas Julian Tuwim e Jan Lechoń, os atores Irena Eichler e Zbigniew Ziemiński, bem como o escultor August Zamoyski. Zbigniew Ziemiński permaneceu em definitivo no Rio de Janeiro e é considerado o pai do moderno teatro brasileiro. Foi apresentado um trecho em português do poema de Julian Tuwim “Flores polonesas”, com o qual o poeta começou a trabalhar no Rio de Janeiro no final de 1940. O poeta descreve nesse poema a beleza da então capital do Brasil.

Os materiais coletados mostram as próximas e ricas relações entre ambos os países, tanto na área das relações políticas e econômicas como no campo da cooperação cultural e científica. Foram apresentadas, por exemplos, fotos da primeira visita de um presidente da Polónia (Lech Wałęsa) ao Brasil em 1995 e da primeira visita de um presidente do Brasil (Fernando Henrique Cardoso) à Polónia em 2002, bem como fotos da visita do ministro das relações exteriores do Brasil Celso Amorim a Varsóvia em maio de 2010. Os materiais fotográficos apresentados mostram igualmente os estreitos contatos entre os parlamentos de ambos os países. Numerosas fotografias ilustram a cooperação econômica e científica. Foi enfatizado o significado da atividade dos representantes diplomáticos e culturais no desenvolvimento das relações entre ambos os países. Na área dos contatos entre as universidades de ambos os países, foi mostrada a viva atividade do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia com universidades brasileiras.

No que diz respeito a contatos culturais, foi apresentada uma foto da famosa obra de Piotr Uklański “Sem título”, com uma fotografia de João Paulo II. Para essa fotografia, posaram para o artista cerca de 3.500 soldados brasileiros apresentados num palco com os contornos imitando a cabeça do papa e fotografados do alto. Essa obra foi apresentada na Bienal de Arte Contemporânea em São Paulo em 2004. Há também fotos de obras da artista de vanguarda brasileira Lygia Clark, apresentadas na exposição “Katarzyna Kobro/Lygia Clark” no Museu da Arte em Łódź, no final de 2008 e início de 2009. Podiam ser vistas fotos da apresentação da ópera “Halda”, de Stanisław Moniuszko, no Teatro Guaíra em Curitiba em 1990, sob a direção de Maria Fołtyn, e de concertos que inauguraram o Ano de

Chopin na embaixada da Polônia em Brasília em janeiro de 2010. Foi também mostrada a atividade da Fundação Cultural Brasileira Macunaíma de Varsóvia, que divulga a arte, e especialmente a música brasileira na Polônia.

Os materiais relacionados com a emigração polonesa no Brasil mostram que os vínculos entre os dois países têm uma história bem mais longa do que esses 90 anos, visto que em 2009 foi comemorado o 140º aniversário da imigração dos poloneses ao Brasil, e as menções à presença dos primeiros poloneses e de Krzysztof Arciszewski no Brasil remontam à primeira metade do século XVII. Na exposição foram apresentadas as casinhas dos imigrantes poloneses aguardando a distribuição dos lotes onde eles se estabeleceriam.

Havia fotos apresentando o Parque João Paulo II em Curitiba. Foram mostrados eminentes imigrantes poloneses e brasileiros de origem polonesa que contribuíram para a cultura e a economia do Brasil. Numerosos materiais fotográficos e informativos apresentavam a rica atividade das organizações polônicas no cultivo das tradições polonesas, da cultura, da história e da língua polonesa, das festas nacionais polonesas e dos vínculos com a pátria dos antepassados. Foi mostrada a atividade dos conjuntos folclóricos e a sua participação no Festival Mundial de Conjuntos Folclóricos em Rzeszów. Havia fotos que ilustravam a atividade da Sociedade Beneficente Polônia e da Associação dos Combatentes Poloneses no Rio de Janeiro. Foi mostrada a atividade de pesquisa e editorial do pe. Zdzislaw Malczewski SChr, redator das revistas *Projeções* e *Polonicus*, reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, bem como da organização polônica BRASPOL. Foram apresentadas fotos do encontro de escritores de origem polonesa organizado por iniciativa da BRASPOL, bem como do simpósio por ocasião dos 80 anos da colonização polonesa em Águia Branca, no estado do Espírito Santo, cuja promotor e coorganizador foi o pe. Zdzislaw Malczewski SChr. Os materiais apresentados comprovam a estreita colaboração da BRASPOL e do pe. Zdzislaw Malczewski SChr com instituições científicas e editoriais polonesas, por exemplo com o Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia e com o Museu de História do Movimento Popular Polonês.

Na exposição podiam ser vistas fotos do encontro de João Paulo II com a colônia polonesa do Brasil em Curitiba, durante a visita do papa ao Brasil em 1980. Foi mostrada igualmente a atividade da pastoral polonesa no Brasil.

O autor da exposição, Stanisław Pawliszewski, agradece a todas as instituições e pessoas particulares pela cessão dos materiais e pela ajuda na sua realização.

Entre as numerosas instituições polonesas estão, por exemplo, o Arquivo de Documentos Novos, O Arquivo Digital Nacional, o Instituto Nacional Frederico Chopin e o Museu Frederico Chopin de Varsóvia, o Museu do Cartaz em Wilanów, o Museu da Arte em Łódź, o Museu da História do Movimento Popular Polonês, a Associação Wspólnota Polska, a Chancelaria do Parlamento e do Senado da Polônia, a Chancelaria da Presidência da Polônia, o Centro de Informações do Governo da Polônia, o Ministério das Relações Exteriores, o Ministério da Economia, o Ministério da Defesa Nacional, a 8ª Base da Aeronáutica de Transporte em Cracóvia, a Marinha de Guerra da Polônia em Gdynia, o Centro de Estudos Latino-Americanos (CESLA) da Universidade de Varsóvia, o Liceu de Educação Geral Rui Barbosa em Varsóvia, a Fundação de Cultura Brasileira Macunaíma, a Embaixada da Polônia em Brasília e o Consulado Geral da Polônia em Curitiba.

Entre as instituições brasileiras encontram-se a Embaixada do Brasil em Varsóvia, o Protocolo da Presidência da República do Brasil, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, o Ministério da Defesa do Brasil, o Arquivo do Congresso Nacional do Brasil, o Instituto Geográfico e Histórico no Rio de Janeiro e a Agência Brasileira de Promoção da Exportação e de Investimentos ApexBrasil em Varsóvia.

Entre as organizações polônicas é preciso mencionar a Sociedade Beneficente Polônia e a Associação dos Combatentes Poloneses no Rio de Janeiro, bem como a Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (BRASPOL) em Curitiba.

Dentre as numerosas pessoas que forneceram materiais fotográficos para a exposição encontram-se Maria Foltyn, Zdzisław Malczewski SChr, Maciej Skarzyński da Grã-Bretanha, Anna Szklenik, Janusz Niesyto, Paweł Kulka Kulpiowski, Maciej Polkowski e Paweł Kucharczuk.

No dia 21 de junho de 2011 essa mesma exposição foi aberta na filial do Museu da História do Movimento Popular Polonês em Sandomierz, uma das mais antigas, mais belas e historicamente mais importantes cidades da Polônia.

Da solenidade da abertura participaram: o embaixador do Brasil Carlos Alberto Simas Magalhães, o presidente do Senado da

voivodia local Adam Jarubas, o vice-diretor do Museu de História do Movimento Popular Polonês Jerzy Mazurek, o presidente da Sociedade Polono-Brasileira Stanisław Pawliszewski, o attaché militar da Embaixada do Brasil coronel Luciano Pinto Martins, o prefeito de Sandomierz Jerzy Borowski, o estaroste do distrito de Sandomierz Stanisław Masternak, representantes de instituições culturais e numerosos convidados. O embaixador do Brasil fez uma visita de cortesia ao prefeito de Sandomierz e visitou os monumentos históricos da cidade.

A exposição “A Polônia e o Brasil mais próximos do que parece” será apresentada igualmente no Senado da Polônia, na Universidade de Varsóvia e em outras instituições do país.

RESUMO – STRESZCZENIE

Stanisław Pawliszewski - prezes Towarzystwa Polsko-Brazylijskiego w powyższym artykule opisuje zaprezentowanie wystawy „Polska i Brazylia – bliżej niż się wydaje”. Pierwsza wystawa miała miejsce 7 grudnia 2010 r. w siedzibie Stowarzyszenia „Wspólnota Polska” w Warszawie. Druga natomiast 21 czerwca 2011 r. w Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego w Sandomierzu.

ÁGUA BRANCA(ES): A FÊNIX POLONESA

*Altair MALACARNE **

Em 1928, era inaugurada a ponte sobre o rio Doce em Colatina; o Governador (Presidente) Florentino Avidos dava um passo certo no sentido de salvar o resto do território ao norte, já ocupado por gente de outros estados, reduzindo sempre mais o espaço da antiga capitania do Espírito Santo; Colatina virou a 'boca' do sertão, das matas.

No mesmo ano, o estado assinava com a TOWARZYSTWO KOLONIZACYJNE (COMPANHIA DE COLONIZAÇÃO), representada por seu procurador Dr. WALERY KOSZAROWSKI, um contrato em que concedia 50.000 ha de terras nas cabeceiras do rio São José (afluente da margem esquerda do rio Doce e que tinha sido percorrido em 1883 pelo viajante inglês Willian Steains) para assentamento de 1800 famílias de imigrantes poloneses; o prazo pactuado foi de 8(oito) anos.

O noroeste do ES não tinha limites de fronteiras estabelecidos; só em 1963 seria feito um tratado provisório com Minas Gerais, relativamente a uma 'zona litigiosa'. Premido pelas circunstâncias, o ES agiu com intempestiva temeridade, pois:

1. Não havia essa área disponível.
2. A área existente estava invadida por posseiros e cheia de pedras gnaisses.
3. A parte final do trajeto tinha que ser feita dentro da mata, com as crianças viajando dentro de caixotes.
4. Após o desmate, ocorria um ataque maciço do mosquito anofelino, causador da febre palustre, para cujo enfretamento o estado não se preparara.
5. Não havia sido montada qualquer estrutura para comercialização dos produtos agrícolas.

Malgrado as condições adversas, nas 3 anos seguintes chegaram em torno de 90 famílias, que enfrentaram dificuldades imensas; embora tivessem comprado suas terras desde a Polônia, os imi-

* Pesquisador da colonização do Estado do Espírito Santo e autor de vários livros.

grantes respeitaram as posses e se tornaram amigos dos invasores; pra aguentar,, alguns colonos iam a pé a Colatina vender raízes da mata; dormiam debaixo da ponte e voltam trazendo remédios e víveres; alguns fugiam para outros lugares com a roupa do corpo, a pé, como a família Acsacki depois de matar para comer o único boi que tinha. Os Aniszewski caçavam jacarés no rio Pancas pra sobreviver.

Em 1932, não vieram imigrantes; em 1933, as Polônia mandou o ministro plenipotenciário Tadeu Grabowski visitar a colônia, e ele, diante da penúria dos conterrâneos, firmou um pacto de espera com o governo estadual; entrementes o Dr. Walery conseguiu fortalecer os laços dos seus patrícios com os posseiros nacionais, criando um clima de boa-vontade e entendimento entre os colonos; uns poucos já moradores de outros endereços nacionais chegaram ao núcleo nos anos de 1934 e 1935.

Em 1936, vencido o prazo inicial, o Interventor Bley, considerado amigo próximo dos poloneses, tem um encontro formal com o Dr. Walery, e lhe concede novas áreas situadas no médio e baixo rio São José, estendendo por mais 10 anos o tempo para abertura de novas colônias; chegam o padre Francisco Sokół como administrador e o médico recém casado Janusz Żak. A TK abre escritório no córrego Beija-Flor, a 3 km de São Gabriel da Palha e ali passam a morar o médico Janusz Żak e Boleslaw Stefan Ruszyczki, um veterinário que viera nos anos iniciais.

Vinham poucos imigrantes agora, certamente porque se espalhara a má-fama; houve o caso do vapor Pułaski, que trazia mais de 40 famílias com destino ao núcleo Orzeł Biały (Águia Branca) e que se desviaram para outros endereços. Apesar disso, os poucos que se dispunham, inclusive alguns vindos de Monte Claro (1º núcleo) e Águia Branca (2º núcleo) juntaram-se em São Gabriel da Palha (3º núcleo) e partiram para abrir WALERY (4º núcleo); agora não havia invasores, nem pedras, mas o terrível mosquito anófeles procriava sobre as folhas e poças com alguma água.

Em 1939, ocorrem 2 golpes fatídicos, trazendo um desfecho trágico sobre a destemida coragem da águia poloneses na mata capixaba:

1. Aqui, a febre do impaludismo ceifa a vida de quase 40 colonos.
2. Na Europa, a suástica alemã invade a terra dos bravos polonos.

Dr. Walery se muda do Rio para Águia Branca; curte ali a dor de um drama lancinante. Vila Valério continua mata; São Gabriel da Palha segue crescendo, agora contando com o braço de muitas origens. Águia Branca, onde a estrada prometida em 1928 só chegaria em 1941, entra em compasso de espera, com um desenvolvimento reforçado por gente vida de vários lados. Padre Francisco Sokół e Janus Żak, foram embora; só em 1943, Ruszyczki voltará a Vila Valério para completar a distribuição de colônias, agora par gente vinda do sul do estado. Lá só existe 1 descendente de polonês.

A colônia de Águia Branca, como diz Rogério Medeiros, foi construída com imigrantes poloneses 'seduzidos e abandonados'. Além da atenção do Governo Polonês, desde o Padre Ignacy Posadzy em 1930, ela contou com certeza com a assistência dos padres católicos; recentemente vem cuidando dos poloneses e polônicos lá existentes, em especial, o Padre Zdzislaw Malczewski; ele é o grande responsável pela construção lá da bela CASA POLONESA; os imigrantes e descendentes sempre mantiveram um grande sentimento para com as raízes, que no passado se comprovou pela arregimentação de voluntários para lutar pela libertação da Terra- Natal na IIª Guerra Mundial e hoje se evidencia na comemoração em Águia Branca, no dia 03.05 – dia nacional da Polônia - do DIA DO IMIGRANTE POLONÊS, conforme Lei estadual 9.093 de 23.12.2008.

Neste ano de 2011, ocorreu em Águia Branca, hoje um endereço capixaba, com certeza, um fato auspicioso para o fortalecimento das raízes e sentimentos do povo em geral e dos descendentes dos bravos pioneiros eslavos: no dia 05/05/2011, houve um concerto musical pela ORQUESTRA FILARMONICA DO ESPÍRITO SANTO, quando se fez presente o Sr. Jacek Such, Consul Geral da REPÚBLICA DA POLÔNIA no Brasil, cumprimentado em pessoa pelo Maestro Helder Trefzger; foi um grande momento, uma celebração da prosperidade hoje visível em Águia Branca, em São Gabriel da Palha e em Vila Valério; pode-se dizer que a Águia Polonesa, qual fênix rediviva, pairou nos céus capixabas, para celebrar o feito daqueles heróis imolados que vieram construir conosco o ambiente em que vivemos.

14.05.2011, dia do Município de São Gabriel da Palha.

ALGUMAS FOTOS:

<http://altairmalacarne.fotos.uol.com.br/ab>

<http://altairmalacarne.fotos.uol.com.br/album6>

<http://altairmalacarne.fotos.uol.com.br/saogabrieldapalha>
<http://altairmalacarne.fotos.uol.com.br/poloneses-aguiabrancaes>
<http://altairmalacarne.fotos.uol.com.br/album8>
<http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=8533999738315436418&aid=1305207003>

RESUMO – STRESZCZENIE

Altamir Malacarne badający historię kolonizacji stanu Espírito Santo w niniejszym artykule przedstawia szkiecowo trudną sytuację naszych emigrantów, którzy rozpoczęli kolonizowanie regionów dzisiejszych municypiów: Águia Branca, São Gabriel da Palha, Vila Valério. Opisuje także uroczystości polonijne organizowane w Águia Branca (Orzeł Biały).

**O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO
DE ANTÔNIO GABRIEL,
UM PIONEIRO POLONÊS DA AVIAÇÃO
(1911-2011)**

*Zdzislaw MALCZEWSKI SChr **

Numa sala junto à igreja polonesa no Rio de Janeiro, no dia 29 de maio de 2011 foi organizada uma exposição comemorativa dos 100 anos de nascimento de Antônio Gabriel. Essa exposição foi preparada por seus filhos Maria Margarida e João Gabriel. Quem foi Antônio Gabriel? Ainda antes da II Guerra Mundial costumava ser chamado de Ícaro Polonês. Abaixo publicamos a sua biografia. Vale a pena conhecer a figura de um homem que após o término da II Guerra Mundial escolheu o Brasil para aqui, como polonês, contribuir para o desenvolvimento da sua segunda pátria de escolha!

Antônio Gabriel nasceu no dia 18 de maio de 1911 em Mni-
chowice, perto de Kejno. Desde os anos da juventude demonstrou
interesse pela mecânica. Na oficina doméstica, com os recursos mais
modestos construiu um avião que ele pilotava sem ter concluído
qualquer curso de pilotagem. Graças ao fato de ele mesmo ter cons-
truído um avião e pilotá-lo, tornou-se conhecido em toda a Polônia,
sendo até chamado de Ícaro Polonês. No avião que construiu com
recursos caseiros ele andou no dia 11 de outubro de 1936 por 48
minutos, numa altura de 600-700 metros e a uma velocidade de 80
quilômetros por hora. Antônio Gabriel deu ao avião por ele constru-
ído o nome de "Silésia". A respeito do seu feito escreveu a imprensa
polonesa da época, tendo contribuído para que a aeronáutica se inte-
ressasse por ele e se comprometesse a fornecer-lhe a adequada ins-
trução. Quando eclodiu a II Guerra Mundial, Antônio Gabriel era
sargento do exército polonês. A borrasca da guerra lançou-o como
prisioneiro de guerra à Sibéria, onde sobreviveu à fome e ao frio
graças à proteção de um médico russo, para o qual fabricava instru-
mentos cirúrgicos. Em 1942 ingressou na aviação americana na Índia.
No ano seguinte foi transferido à RAF (Royal Air Force, nome
da aeronáutica britânica) na África, de onde se transferiu para a In-
glaterra, onde serviu no exército polonês, sob o comando da RAF,
como piloto de caças e bombardeiros. Por essa sua contribuição ga-

* Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil.

nhou uma medalha, a War Medal. Foi dispensado do serviço na RAF no dia 13 de janeiro de 1947 como engenheiro mecânico. Após o término da guerra não voltou à Polônia. Escolheu o Brasil como a sua segunda pátria, e o Rio de Janeiro como local de residência. Veio ao Brasil em fevereiro de 1947. Em abril daquele ano começou a trabalhar na companhia de eletricidade Light como responsável pela manutenção do maquinário. Em abril de 1950 passou a trabalhar numa empresa de construção e montagem, a Companhia Industrial e Comercial Rufino de Almeida S. A., onde se tornou chefe de produção. Nessa firma, como técnico, foi o responsável pela construção da primeira torre de televisão no Rio de Janeiro, para a emissora Tupi. No dia 23 de agosto de 1955 Antônio Gabriel abriu a sua própria firma, especializada em construção de máquinas pesadas e serviços para empresas metalúrgicas. Nessa empresa trabalhavam em média 10-12 operários. A firma denominada Antônio Gabriel Serralheria existiu por trinta anos e especializou-se na produção de prensas hidráulicas. Posteriormente Antônio Gabriel fundou uma nova firma, a Gabriel Indústria e Comércio de Máquinas Ltda., da qual eram sócios seus filhos Maria e João. Em 1987 fechou a firma após ter-se aposentado. Faleceu no dia 23 de setembro de 1991 no Rio de Janeiro⁵². O amor à aviação, especialmente à aviação esportiva, foi herdada por seus filhos Maria Margarida e João Antônio.

RESUMO – STRESZCZENIE

Powyżej została zaprezentowana biografia „polskiego Ikara” z okazji wystawy zorganizowanej (przy polskim kościele w Rio de Janeiro) przez Marię i Jana - dzieci Antoniego Gabriela z okazji 100. rocznicy jego urodzin. Ten polski emigrant nie chcąc po demobilizacji po II wojnie światowej wracać do Polski, przybył do Rio de Janeiro. Brał czynny udział w życiu polonijnym, a legenda o jego lotniczych wyczynach towarzyszyła mu do końca życia. Dzięki zorganizowanej wystawie pamięć o jego życiu pozostanie na dłużej w pamięci tych, którzy uczestniczyli w inauguracji wystawy.

⁵² MALCZEWSKI, Zdzisław. *Słownik biograficzny Polonii brazylijskiej*. Warszawa: CESLA, 2000, p. 176.

EXPOSIÇÃO: 100 ANOS DE NASCIMENTO DE ANTÔNIO GABRIEL

*Maria M. Gabriel WOJNOWSKI **

A Comemoração realmente foi emocionante, ao mesmo tempo solene, alegre e positiva como costumam ser as reuniões entre amigos poloneses e brasileiros.

O Pe. Jan Sobieraj fez a Missa em polonês ficar ainda mais solene, com seu modo caloroso e tradicional de conduzi-la, com algumas palavras em português ao final. As freiras polonesas, Irmã Agata e principalmente a Irmã Stanislawka, decoraram a igreja lindamente e conduziram a arrumação e organização do salão paroquial, gentilmente cedido pelo Padre Jan, tornando o evento ainda mais especial, como amáveis e acolhedoras anfitriãs. Sentimos a falta da Irmã Cláudia, que estava de licença na Polônia, pela ausência de sua voz angelical e seu talento único de dominar plenamente tantos instrumentos musicais.

Os ex-combatentes, representados pelo Eng^o Felczak e Sr. Sulocki, fizeram uma homenagem lembrando da participação dos poloneses na II Guerra Mundial e dos aviadores poloneses na RAF, como nosso pai, Antoni Gabriel, nos honrando com simbólica medalha. A Dr^a Aleksandra Sliwowski também prestou homenagem representando a Sociedade Polônia e lembrando da atuação de Antoni e Aniela Gabriel e da nossa família na comunidade polonesa. Nossos grandes incentivadores, o Dr. Rodrigo e seu pai, Prof. Tomasz Lychowski, nos emocionaram. O Prof. Tomasz, com sua sensibilidade peculiar de escritor, artista plástico e poeta, descreveu lindamente o evento e nos comoveu com a menção ao trabalho de nossa mãe, Aniela, por longos anos, na diretoria beneficente da Sociedade Polônia.

Esperávamos mais pessoas que havíamos convidado e que confirmaram presença, como inúmeros conhecidos do Clube da Aeronáutica, colegas do Voo livre (parapente e asa-delta), amigos que não víamos havia muito tempo, como Juarez, do nosso antigo Grupo Folclórico. Infelizmente, talvez por ser um tanto cedo para um domingo e pelo tempo frio e chuvoso, alguns pediram desculpas por terem perdido a hora, e muitos por estarem acamados, com gripe ou crises na coluna.

* Engenheira química, filha do Antônio Gabriel. Atuante na comunidade polônica e reside no Rio de Janeiro.

De qualquer modo, ficamos surpresos pelos que compareceram, a maioria ainda cordialmente, agradecendo por e-mails, após o evento, quando na verdade nós é que nos sentimos muito honrados com a presença de tantos amigos e de forma tão interessada e carinhosa.

Do nosso grupo de amigos polono-brasileiros, estavam presentes a artista e Prof^a. Alicya, o Eng^o Marcos Lzycki, o Eng^o Jarek Rogowski, também um grande incentivador para a exposição e principalmente para a feitura de um livro, a querida família Greziak, o Sr. Francisco Klujsza, membros da Braspol, como a Artista Plástica Sr^a Julianna e o Sr. Vicente Pawelec, que expressaram uma linda lembrança no Livro de Assinaturas e trouxeram amigos aviadores e ex-paraquedistas do Exército, como o próprio Vicente, a Sr^a Mariana Brocka (que brilhou na Missa com sua linda voz), a grande amiga Sonia Zimolog Navarenski, o Dr. Delegado da Polícia Civil, Gabriel Bidarra, que também é historiador e estudioso das tradições e língua polonesa, o Sr. Karzimierz Kusal, o Sr. Fábio Aliatar e sua mãe, a artista plástica Sr^a Wilma, o Sr. Carlos Frederico e a Sr^a Christine Dickinson, a Dr^a Cristina, os queridos e gentis amigos Sr^a Leda Machado e seu marido, Dr. Gary, a Sr^a Helena Warzynski e seu neto, o Sr. Carlos Alexandre, o Sr. Elon Garcia Neves e a Sr^a Rosilene Pereira Bonfim, o Sr. e a Sr^a Fernando Amaro (pai de Matheus Gabriel) e seu amigo aviador israelense Jayme. Também prestigiaram amigos e estudantes da língua polonesa, como a Sr^a Lucia Arani, o querido Hugo Stefano e o Sr. Expedito.

Fomos honrados com a presença do Cônsul Jacek Such, que tão gentilmente nos prestigiou, mesmo com sua atribulada agenda de compromissos.

A Sr^a Genowefa Szczepura organizou o buffet com entradas deliciosas e bigos para dar uma demonstração de comida típica polonesa aos convidados.

Ficamos muito honrados com a presença de todos e em especial do Eng^o Fritz Meier (suíço), nosso antigo instrutor de asa-delta (1977), depois construtor de ultraleve e ainda atuante como piloto de ultraleve; o Cel. Aviador Neri Nascimento, sua esposa Sonia Maria e amigos do CAER – Clube da Aeronáutica; o Eng^o e advogado Alexandre Lopes, da Petrobrás; o Sr. Carlos H. de Abreu, da CAER e do Banco Caixa Econômica; o Dr. Evaldo Simões da Fonseca, aviador e físico-cientista; a Sr^a Maria Alice Coelho, pianista e pedagoga, membro da banca examinadora de novos virtuosos, tanto no Brasil como países da Europa como França e Polônia; a Sr^a San-

dra Alves, nossa amiga do Colégio das freiras francesas, Instituto N. S. das Dores, onde meu irmão e eu estudamos na infância; a Sr^a Lili-ana Syrkis, estilista e viúva do Sr. Syrkis, saudoso ex-combatente e mãe do famoso Syrkis, ativista governamental e protetor do meio ambiente. A Sr^a Liliana também foi muito amiga dos saudosos Anna e Ignacy Jesman, padrinhos de Jan Gabriel; padrinhos de Maria eram a também Anna Jesman e Edward Kubiczek.

Para não fazer feio na Exposição, frente a tantos ilustres convidados, compusemos banners, com textos e fotos, e uma composição em vídeo passando continuamente, realizada por Matheus Gabriel, Maria e Jan Gabriel, com fotos antigas mais recentes de Antoni e de nossa família e uma linda filmagem do voo de ultraleve com Jan pilotando e Maria de carona, sobre o Rio de Janeiro e a emoção de sobrevoar o Cristo Redentor, sempre lindo e receptivo. Na exposição, expressamos o principal motivo do evento: o projeto e a realização do avião Slask, de sucata, pelo autodidata projetista e aviador Antoni Gabriel e a influência de seu amor ao voo para toda a família e amigos.

Logo na entrada, Antoni Gabriel nos saudava com vestimenta de aviador, foto de 16 de outubro de 1936 e um banner com uma altura de 1,60m (Nosso pai tinha 1,67m e era considerado de estatura normal para a época, já nossos tios por parte de mãe eram bem altos, tinham quase 1,90m de altura; nossa mãe, Charlota Aniela dava esta explicação para nossa altura acima da média. Mas eu levanto a teoria de que as vitaminas à base de banana e leite mais o carinho de sua preparação como mãe e avó foram o potencial energético para a elevação de nossa altura, principalmente do Matheus, que tem 1,95m).

Mostramos fases do avião em construção. Houve uma mostra de livros de Antoni Gabriel: técnicos, de engenharia, de aviação, inclusive da RAF (estava no projeto também a mostra de livros eruditos preferidos como a coleção de Adam Mickiewicz e Henryk Siemkiewicz, mas o banner foi extraviado); uma mostra de discos preferidos entre folclóricos, populares, clássicos eruditos e óperas famosas que A. Gabriel adorava; uma escríção de suas origens (de como um órfão de pai e mãe aos 10 anos pôde vencer na vida, através de sólida formação religiosa e familiar e um poder peculiar de autossobrevivência, curiosidade científica e muitos amor pelos estudos), seus feitos e seus pensamentos, sempre à frente de seu tempo. Falamos de Mnichowice, sua localização na Polônia e de cidades vizinhas e arredores, compondo um resumido estudo genealógico de

nossa família, tanto de nossos antecedentes Gabriel como Gogol, por parte de Aniela. Em Kepno, as pessoas ilustres, até hoje, são nosso pai, Antoni Gabriel e seu tio avô, o Padre Reitor e Revolucionário Tomasz Gabriel.

Contamos um pouco da história da Polônia, sua localização geográfica e história da II Guerra Mundial, e como A. Gabriel sobreviveu à Sibéria, foi piloto na África, depois quando estava indo se aprimorar em aviões mais modernos na Inglaterra, o navio em que estava foi torpedeado, sobreviveu aos cinco dias no mar. Expusemos a triste perseguição aos oficiais e a toda inteligência polonesa. Nossa mãe, Charlota Aniela, perdeu o irmão veterinário, oficial, fuzilado pelos alemães e outro, agrônomo, fuzilado pelos russos. Russos e alemães, os dantes dois maiores opressores da Polônia, agora vizinhos irmãos. Expusemos isso junto à História da Família Gogol, de Mnichowice, à qual nossa mãe pertencia.

Fizemos uma composição de jornais que noticiaram e ainda o fazem, sobre Antoni e seu feito, o avião Slask, naquela época até os tempos atuais. Inclusive agora está sendo construído um aeromodelo, com motor, do avião Slask, em Kepno para a comemoração que será em setembro, na região de Bralin, pelos 100 anos de Antoni e 75 do voo de seu avião. Deixaram para setembro justamente para que possamos prestigiar, já que estaremos por lá devido ao casamento de Monika com Lucas, na catedral de Oliwa.

Contamos, claro, sobre o amor pelo voo incutido aos descendentes: Jan pilota ultraleves além de asa-delta desde 1977, Maria também voa de asa-delta desde 1977, tendo sido mulher pioneira, junto com Paulinha, no voo livre no Brasil e a primeira mulher a participar de um campeonato internacional de voo livre, o Brasil-França, no Rio, em 1980, tendo também recortes de jornais daquela época. Maria é a mulher que há mais tempo pratica este esporte (asa-delta) no Brasil. Raphael, filho de Jan, é piloto de asa-delta; Monika, filha de Maria, faz curso de asa-delta e Matheus, também filho de Maria, está fazendo curso de piloto privado dea. Nossos amigos também se influenciaram pelos voos voando com meu irmão de ultraleve, como o artista e enólogo Sr. Edward Sakalo, que agora reside na França, amigos de Monika como a médica Katarzyna e o irmão Marcin Wojnowski, filho do segundo casamento de Ryszard (Rysio também chegou a voar de asa-delta algumas vezes da Pedra Bonita, mas seu esporte preferido é mesmo o Iatismo).

Montamos uma composição de livros que fazem mesportu lotniczego.ção a Antoni Gabriel, inclusive os preciosamente históri-

cos, como os do Pe. Dr. Zdzislaw Malczewski. Também uma amostra de fotos sobre a cultura polonesa no Rio de Janeiro e a participação do Eng^o Antoni e sua esposa Aniela Gabriel e de nós mesmos e do querido grupo de amigos, a família polono-brasileira do Rio de Janeiro.

E para finalizar, contamos como a arteira Maria, quando criança, sobreviveu a uma queda de 15 m de altura, do telhado do galpão sobre uma máquina pesada, uma calandra, causando afundamento de crânio e com isso, potencializando sua força interior e a ânsia de viver intensamente. Mas viver intensamente não significa viver desvairadamente e sim, apreciar tudo de mais belo que a vida pode proporcionar e sempre ser grata por poder fazer parte dela, de suas cores, de sua beleza e principalmente da possibilidade em se dedicar ao voo livre, como o nome diz, alçar voos, se sentir livre!...

RESUMO – STRESZCZENIE

Stulecie urodzin Antoniego Gabriela było uroczyste obchodzone przy polskim kościele w Rio de Janeiro. Centrum obchodów była uroczysta Msza św., a po niej przewijały się wspomnienia licznych przyjaciół i znajomych uczestniczących w inauguracji wystawy w sali przy polskim kościele. W uroczystości wzięli udział przedstawiciele Polonii, organizacji kombatanckich i liczni miłośnicy sportu lotniczego.

Efemérides

2010

Novembro

24.11-2.12. Por iniciativa do Consulado-Geral da Polônia, é apresentado em Curitiba um festival de filmes poloneses.

Dezembro

3. O Parlamento da República da Polônia aprovou a resolução que institui o ano de 2011 como o Ano de Maria Sklodowska-Curie – uma das mais eminentes cientistas na história da ciência polonesa, a primeira mulher na História a ser por duas vezes agraciada com o Prêmio Nobel, em duas áreas distintas da ciência: física e química. Em 2011 ocorre o centenário da outorga a Maria Sklodowska-Curie do segundo Prêmio Nobel, que de maneira perfeita a inscreve nas comemorações do Ano Internacional da Química, instituído pela Assembleia Geral da ONU.

7. Em Varsóvia, realizou-se a abertura da exposição “Polônia e Brasil – mais perto do que parece”.

11. Em Curitiba realizou-se o IV Festival de Folclore Polonês, com a participação de conjuntos infanto-juvenis. Participaram do festival os seguintes conjuntos: G. F. P. Hercílio Malinowski (São Bento do Sul – SC), G. F. P. Jupem (Erechim – RS), G. F. P. Kalina (Nova Prata – RS), G. F. P. Karolinka (São Mateus do Sul – PR), G. F. P. Mali Polacy (Virmond – PR), G. F. P. Mazury (Mallet – PR), G. F. P. Wawel (Colônia Murici, São José dos Pinhais – PR), G. F. P. Wiosna (Campo Largo – PR) e G. F. P. Wisla, Curitiba – PR). A organização do festival coube mais uma vez ao Consulado-Geral da Polônia em Curitiba.

18-19. Dentro de uma iniciativa que visava à promoção da cultura e da valorização das tradições dos imigrantes que colonizaram a região, a Universidade UNIBAVE, de Órleans (cidade situada numa pitoresca região no Sul do estado de Santa Catarina), organizou um evento de dois dias. A primeira comunidade que apresentou a beleza e a riqueza das suas tradições natalinas foi o grupo étnico polonês.

22. O Santo Padre Bento XVI nomeou o pe. José Carlos Chacorowski CM bispo auxiliar da arquidiocese de São Luís (Maranhão). Até o momento da sua nomeação, o mencionado sacerdote de origem polonesa exercia as funções de diretor das Irmãs de Caridade da Província da Amazônia e residia em Belém (Pará). O novo bispo nasceu no dia 26 de dezembro de 1956 em Curitiba. Inicialmente estudou no seminário menor dos padres vicentinos em Araucária. Estudou teologia no Studium Theologicum em Curitiba. No dia 2 de julho de 1980 foi ordenado sacerdote pelo Beato Papa João Paulo II no Rio de Janeiro. Após a ordenação exerceu diversas funções dentro da comunidade da Igreja: professor no seminário diocesano de Palmas (Paraná); nos anos 1982-1987, missionário na República Democrática do Congo (nome anterior: Zaire); durante os nove anos seguintes esteve envolvido na pastoral rodoviária, foi diretor das Irmãs de Caridade em Curitiba e pároco na paróquia de Guaraqueçaba (Paraná). Desde junho de 2009 exercia o ministério de diretor das Irmãs de Caridade da Província da Amazônia.

Atualmente, na Igreja do Brasil, incluindo o bispo nomeado, trabalham 9 hierarcas de origem polonesa, sendo: brasileiros de raízes étnicas polonesas – Dom Isidoro Kosinski CM, Dom Ladislau Biernaski CM, Dom Sérgio Krzywy e Dom Rafael Biernaski; poloneses – Dom Ceslau Stanula CSsR, Dom João Wilk OFMConv, Dom Eduardo Zielski e Dom Romualdo Matias Kujawski.

2011

Janeiro

27. A Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (Braspol) comemorou solenemente o 21º aniversário da sua fundação durante um jantar promovido no Restaurante Dom Antônio, em Curitiba.

30. O pe. Zdzislaw Malczewski SChr, reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, celebrou numa missa na igreja de S. Estanislau Bispo e Mártir em Curitiba. A Eucaristia foi celebrada em ação de graças pelos 21 anos de existência e atividade da Braspol. Entre os fiéis poloneses e pessoas de origem polonesa que participaram da Eucaristia, encontrava-se igualmente o eng. Rizio Wachowicz, presidente da entidade, juntamente com representantes da Diretoria Executiva

Nacional da Braspol. O celebrante pronunciou um sermão alusivo à comemoração. Após a missa, no pátio da igreja, houve uma ocasião para a troca de ideias entre os participantes...

31. Faleceu em Curitiba a pintora polônica Sofia Winklewski Dyminski, nascida em 1918 em Orenburg. Ela emigrou ao Brasil em 1929, juntamente com a família. Inicialmente residiu em São Paulo. Em 1932 estabeleceu-se no Paraná, em Paranaguá, e em 1950, em Curitiba. Estudou na Escola de Belas Artes de Curitiba e teve como mestres Guido Viaro, Adalice Araújo e Fernando Calderari. Expôs as suas obras em muitos salões de arte paranaenses, tendo recebido por elas muitos e valiosos prêmios. A temática principal das obras da artista são as paisagens, as flores e o litoral paranaense. (Cf. WACHOWICZ, R. C. e MALCZEWSKI, Z. SChr. *Perfis polônicos no Brasil*, Curitiba, 2000, p. 88.) Traduziu para a língua portuguesa a obra do pe. Zygmunt Chelmicki *W Brazylirii. Notatki z podróży*, Warszawa, 1892. Essa tradução foi publicada em 2010 como uma edição do Senado da República do Brasil – volume 139 (*Imigrantes poloneses no Brasil em 1891*).

Fevereiro

2. O redator de *Polonicus* recebeu uma correspondência do secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O conteúdo dessa correspondência pode ser encontrado no presente número da revista.

3. Tomasz Lychowski, um conhecido líder polônico no Rio de Janeiro, publicou mais um livro, desta vez em língua portuguesa, com o título *Meu caminho para a lua*, uma edição de Letra Capital Editora, Rio de Janeiro. A introdução para essa fascinante obra foi escrita pelo prof. Henryk Siewierski, da Universidade de Brasília (UnB). No ano passado Tomasz Lychowski publicou uma obra sua em língua polonesa. E agora o leitor brasileiro terá acesso a uma outra interessantíssima obra do autor.

13. O pianista e compositor brasileiro Francisco dos Santos Braga publicou em seu blogue 15 artigos dedicados a Frederico Chopin, por ocasião do segundo centenário de nascimento desse famoso compositor polonês, que goza no Brasil de grande popularidade.

14. Na sede do SESC da Esquina, em Curitiba, foi inaugurada a exposição intitulada “Digitalhas”, de Cláudio Boczan – um conhecido artista polônico. Neste ponto vale a pena lembrar que Cláudio Boczan, em colaboração com a conhecida artista profa. dra. Dulce O-sinski, projetou a capa de *Polonicus*.

19. Na igreja paroquial de S. Antônio, no bairro curitibano de Órleans, realizou-se a sagração episcopal do pe. José Carlos Chacowski CM, de raízes étnicas polonesas. O sagrante principal foi o arcebispo Dom José Belisário da Silva OFM, arcebispo metropolitano da arquidiocese de São Luís, no Maranhão, assistido pelos bispos Dom Ladislau Biernaski CM – ordinário da diocese de São José dos Pinhais, Paraná, e pelo arcebispo Dom Vicente Joaquim Zico CM – ordinário emérito da diocese de Belém, Pará.

25. A convite do reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, numa sala da paróquia S. João Batista realizou-se uma reunião dos líderes polônicos de Curitiba. O objetivo principal desse encontro foi definir a melhor forma de honrar e organizar em nossa cidade as comemorações relacionadas com a beatificação do Servo de Deus João Paulo II e com os 140 anos da vinda dos primeiros imigrantes poloneses a Curitiba. O encontro foi honrado com a presença do pe. Casimiro Dlugosz SChr – provincial da Sociedade de Cristo na América do Sul.

Março

11. Na Universidade Federal do Paraná (UFPR) teve início um curso sobre a literatura polonesa contemporânea. O seu término está programado para o dia 25 de novembro.

14. O curso de Letras-Polonês da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, inaugurou um curso para as pessoas interessadas no aprimoramento da língua polonesa. O curso, intitulado “Pogadajmy po polsku” (Vamos conversar em polonês), tem o seu término programado para o dia 28 de novembro.

21. Realizou-se o sepultamento do missionário polonês e fundador da Cidade da Imaculada no Brasil, primeiro ordinário da diocese de Luziânia (Goiás), Dom Agostinho Estêvão Januszewicz OFMConv, que faleceu no domingo, 20 de março, em Juruá, no estado do Amazonas.

31. O redator da revista *Polonicus* viajou à Polônia para participar de uma conferência científica na Universidade Cardeal Estêvão Wyszynski, em Varsóvia, a respeito dos poloneses na América Latina, na qual apresentou uma comunicação abordando a pastoral polônica no Brasil.

Abril

8-9. A Universidade Cardeal Estêvão Wyszynski, em Varsóvia, juntamente com o Conselho Mundial de Pesquisas sobre os Poloneses Emigrados, organizou uma conferência científica internacional intitulada “Os poloneses na América Latina: o etos patriótico nas condições da emigração polonesa”. O pe. Zdzislaw Malczewski SChr – reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil participou dessa conferência com a sua comunicação “A pastoral polônica no Brasil: história e atualidade”.

13. Numa sala da paróquia de S. João Batista, no bairro Tingui, em Curitiba, realizou-se um encontro de líderes polônicos, durante o qual foram discutidos os preparativos para a solenidade de ação de graças pela beatificação do Santo Padre João Paulo II. Participou do encontro também o pe. Casimiro Dlugosz SChr – provincial da Sociedade de Cristo na América Latina.

20. Na igreja polonesa de S. Estanislau Bispo e Mártir, realizou-se um concerto apresentando a obra de Joseph Haydn “As últimas sete palavras de Cristo na cruz”, executada pela orquestra e pelo coral da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), sob a regência de Paulo Torres.

23. No Parque João Paulo II, em Curitiba, já há 30 anos realiza-se no Sábado Santo a bênção dos alimentos para a mesa pascal. Durante a manhã foram apresentadas as “pisankas” polonesas, quando também podiam comprar-se iguarias pascais polonesas. À tarde o pe. Zdzislaw Malczewski SChr, reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, dirigiu a celebração paralitúrgica e benzeu os grandes cestos com os alimentos. Apesar de o tempo não ter sido muito favorável, da mesma forma que nos anos passados, também este ano os poloneses e os brasileiros, de origem polonesa ou não, apresentaram-se em grande número, trazendo os seus alimentos para a bênção.

27. Na Universidade de Brasília (UnB) realiza-se a solene inauguração da cátedra Cyprian Norwid. Essa cátedra vai desenvolver as suas atividades no âmbito do Instituto de Literatura dessa universidade e terá como objetivo a promoção do diálogo e o conhecimento da cultura da Polônia e do Brasil. A abertura da cátedra Cyprian Norwid é o fruto dos empenhos e esforços do prof. Henryk Siewierski, professor titular dessa universidade. Igualmente o embaixador da Polônia no Brasil, o prof. dr. Jacek Junosza Kisielewski, envolveu-se ativamente na realização desse empreendimento de grande importância para os nossos países. Participaram da inauguração mais de cinquenta pessoas, entre as quais também o redator de *Polonicus*, pe. Zdzislaw Malczewski SChr, que veio de Curitiba especialmente para essa solenidade.

Maio

1. A beatificação do Santo Padre João Paulo II foi comemorada com muita solenidade em todo o Brasil. Tanto os brasileiros como a colônia polonesa que reside no país fervorosamente agradeceram a Deus pela beatificação de João Paulo II, que durante a sua primeira visita pastoral ao Brasil, em 1980, começou a ser chamado “João de Deus”. Após três visitas apostólicas, a memória de João Paulo II permanece muito viva no país. Em sua honra e para saudá-lo, foi composta uma canção especial de boas-vindas intitulada “A bênção, João de Deus”, que durante as visitas do Papa ressoou nos santuários da Igreja em todo o Brasil. Agora, após a beatificação, essa canção adquire uma dimensão mais profunda ainda.

9-15. Por ocasião das comemorações do “Ano de Milosz”, realiza-se em Cracóvia o “Festival de Milosz”. Participou desse importante evento o prof. Henryk Siewierski, da Universidade de Brasília, tendo apresentado a comunicação “Czeslaw Milosz e Carlos Drummond de Andrade”. “Nos seus Extratos de livros úteis Czeslaw Milosz incluiu a sua tradução de um poema do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), atribuindo-lhe um lugar de honra na primeira parte dessa antologia, dedicada ao tema da epifania. Esse vestígio da poesia brasileira na obra de Milosz será o pretexto e o ponto de partida para o confronto de dois destinos, poéticas e experiências distintas. Embora o encontro que ocorreu na tradução e no comentário de Milosz da poesia de Drummond “No meio do caminho” seja provavelmente o único encontro documentado desses dois poetas de significado semelhante de dois extremos

da civilização no século XX, não faltam tramas comuns de pensamento sobre a poesia e o mundo que dialogam consigo acima do espaço e do tempo, não faltam descobertas poéticas coincidentes, embora nesse diálogo virtual nem todos os caminhos se encontrem. Carlos Drummond de Andrade, que foi capaz de retirar a poesia brasileira do beco pós-romântico e conduzi-la através das armadilhas do modernismo, buscando alcançar a plenitude das experiências humanas pela contemplação da palavra, mas também pela adoção de diversos idiomas, é um poeta cujo diálogo com Czeslaw Milosz seria com certeza um significativo testemunho do século passado. Nada impede que, na leitura da poesia deles nessa mútua vizinhança, possamos imaginar tal diálogo e nele nos incluirmos, não tanto para comparar como para fazer as indagações que nessa leitura devem surgir". (Cf. www.milosz365.pl/pl/goscie,172,php).

10. Por ocasião da data nacional polonesa de 3 de Maio e da beatificação do Santo Padre João Paulo II, o Consulado-Geral da Polônia em Curitiba organizou no Memorial de Curitiba, situado na parte velha da cidade, um programa especial de solenidades. Dentro dessas comemorações, a consulesa-geral sra. Dorota J. Barys promoveu a inauguração de fotografias do Papa João Paulo II, apresentando o papa-peregrino da paz em diversos países e no encontro com diversas pessoas. As fotografias são obra da Agência AFP. Participaram do encontro representantes do corpo consular, amigos da Polônia e da comunidade polônica. A exposição permaneceu aberta até o dia 26 de maio.

16. O professor da Universidade de Varsóvia e funcionário do Arquivo de Documentos Novos de Varsóvia dr. Krzysztof Smolana apresentou na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, uma palestra intitulada "Escritores e artistas poloneses no Brasil durante a II Guerra Mundial".

17. No restaurante cracoviano "Piwnica pod baranami" (Cave dos Carneiros) realizou-se o lançamento do livro "33 poemas brasileiros", editado na série "Biblioteca Ibérica". Esse livro é o resultado da cooperação dos estudantes da Universidade Jaguellonica com o prof. Henryk Siewierski – professor titular da Universidade de Brasília (UnB). Durante o lançamento, Weronika Siewierski (filha do prof. Henryk Siewierski, que nasceu no Brasil e que estuda na Aca-

demia de Música de Cracóvia) apresentou ao piano algumas obras da música clássica brasileira.

20-22. Graças ao Consulado-Geral da Polônia em Curitiba, na Cinemateca de Curitiba (Rua Carlos Cavalcanti, 1174) realizou-se em três sessões (15-45, 18h00 e 20h00) a apresentação de filmes poloneses de curta metragem: “A catedral” (2001), de Tomasz Baginski; “A poltrona” (1963), de Daniel Szczechura; “A arte da queda” (2004), de Tomasz Baginski; “Tango” (1908), de Zbigniew Rybczynski; “História da Polônia” (2010), de Tomasz Baginski; “Vermelho e preto” (1963), de Witold Giersz; “Cinematógrafo” (2009), de Tomasz Baginski; “Varsóvia de Chopin” (2010), de Kordian Piwowarski e “Hanói-Varsóvia” (2009), de Katarzyna Klimkiewicz.

22. Em Curitiba, no Parque João Paulo II, o bispo auxiliar da arquidiocese Dom Rafael Biernaski presidiu uma solene missa de ação de graças pela beatificação de João Paulo II. Mais informações a respeito dessa solenidade podem ser encontradas em outra seção do presente número da revista.

29. No salão da igreja polonesa, no Rio de Janeiro, foi organizada uma exposição por ocasião dos 100 anos de nascimento de Antônio Gabriel. A exposição foi organizada por seus filhos Maria Margarida e João Antônio. Em 1936, Antônio Gabriel projetou e construiu o avião “Slask” (Silésia), que ele pilotava pessoalmente. A descrição da solenidade e a biografia do nosso compatriota, que durante a II Guerra Mundial lutou no Exército Polonês na RAF, como piloto de caças e bombardeiros, encontram-se inseridas neste número da nossa publicação.

29.5-5.6. O governo estadual de São Paulo organizou o 16º Festival do Imigrante. As diversas etnias apresentaram a sua culinária, as suas danças, o seu artesanato, etc. No dia da abertura do Festival apresentou-se o “Coral Polonês da Cidade de São Paulo”.

Junho

15. O Santo Padre Bento XVI nomeou o missionário polonês pe. Mariano Marcos Piatek, de 57 anos de idade e pertencente à Congregação dos Padres Redentoristas, ordinário da prelazia de Coari, no Amazonas. Após a conclusão dos estudos de filosofia e teologia no seminário religioso em Tuchów, o pe. Piatek foi ordenado sacerdote

no dia 13 de junho de 1980. Seis anos após a ordenação foi enviado ao Brasil, onde exerceu o ministério da arquidiocese de Salvador, no estado da Bahia. No Brasil o pe. Mariano Piatek é conhecido como Padre Marcos. Durante os últimos 11 anos ele foi cura da paróquia da Ressurreição do Senhor em Salvador e ao mesmo tempo lecionava teologia moral na Universidade Católica nessa cidade primacial. O recém-nomeado bispo possui o doutorado em teologia moral, que obteve na Academia de S. Afonso em Roma.

17. Ocorre o 50º aniversário da morte de Jan Zak – famoso escultor polônico e professor da Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro. Em homenagem ao estado em que fixou residência com seus pais, imigrantes da Polônia, ao naturalizar-se brasileiro ele mudou o seu nome para João Zaco Paraná.

Nesse mesmo dia, no programa de televisão “Mais Você” (transmitido pela Rede Globo, a maior rede brasileira de televisão), dirigido por Ana Maria Braga, foi apresentado o casal polonês Maria e Tadeu Kawalec, que em Curitiba se dedicam à produção e à venda dos “pierógui” poloneses. Todos os dias a família Kawalec vende na cidade mais de 2.500 “pierógui”. A reportagem televisiva apresentou o Parque João Paulo II, bem como a maior feira da cidade, que se realiza no centro de Curitiba, onde a família Kawalec vende os seus produtos. O casal Kawalec ganhou da apresentadora uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. A seguir, já dentro do estúdio, houve uma demonstração a respeito do preparo dos “pierógui” poloneses. Ana Maria Braga, durante o seu programa, expressou muitas palavras de simpatia dirigidas à culinária polonesa. Para ver esse programa, clique em:
<http://maisvoce.globo.com./MaisVoce/0,,MUL1665083-10345,00.html>.